

2
0
2
4

ANAIIS

RESUMOS

SEMPESCOM

Seminário de Pesquisa em Comunicação

ISBN 978-65-01-22196-0



APRESENTAÇÃO

O SEMPESCOM

O I Seminário de Pesquisa em Comunicação, realizado nos dias 29 e 30 de agosto de 2024, foi um evento organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), e teve como objetivo principal aproximar a comunidade acadêmica dos projetos de pesquisa em desenvolvimento ou recém desenvolvidos na área de Comunicação e correlatas, estimulando os participantes e ouvintes a refletir sobre diferentes metodologias e os principais desafios da pesquisa em Comunicação. O evento foi aberto à comunidade interna e externa à UFS e composto por blocos de apresentação dos pesquisadores, seguidos de debate com professores/pesquisadores convidados.

O PPGCOM-UFS

O Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (PPGCOM/UFS) está ativo desde 2012, sendo a primeira turma do curso de Mestrado também a primeira de pós-graduação stricto sensu no estado de Sergipe. Sua principal finalidade é desenvolver pesquisas que explorem as relações sociais, culturais, políticas e econômicas envolvidas na comunicação midiática no mundo contemporâneo, com ênfase na sociedade brasileira, porém com especial interesse pelos contextos regionais. Para isso, o Programa tem como área de concentração “Comunicação e Sociedade”, com duas linhas de pesquisa: “Produtos, processos e discursos midiáticos” e “Cultura, economia e políticas da comunicação”.



COMISSÃO ORGANIZADORA

AÍLA CRISTHIE DOS SANTOS CARDOSO (DISCENTE PPGCOM/UFS), PÁBULO HENRIQUE DOS SANTOS (DISCENTE PPGCOM/UFS), DAYANNE SANTOS CARVALHO (DISCENTE PPGCOM/UFS), EVANDRO BARBOSA DIAS FILHO (DISCENTE PPGCOM/UFS), LUCAS LIMA SOUZA (DISCENTE PPGCOM/UFS), RODRIGO AZEVEDO CARNEIRO (DISCENTE PPGCOM/UFS).

COORDENAÇÃO

ERNA RAISA LIMA RODRIGUES DE BARROS (DOCENTE DCOS/PPGCOM/UFS, COORDENADOR(A) SEMPESCOM) e DIEGO GRANJA DO AMARAL (DOCENTE DCOS/PPGCOM/UFS, COORDENADOR(A) ADJUNTO(A) SEMPESCOM).

REVISÃO

DAYANNE SANTOS CARVALHO (DISCENTE PPGCOM/UFS)

ORGANIZAÇÃO/DIAGRAMAÇÃO

AÍLA CRISTHIE DOS SANTOS CARDOSO (DISCENTE PPGCOM/UFS), RODRIGO AZEVEDO CARNEIRO (DISCENTE PPGCOM/UFS), DAYANNE SANTOS CARVALHO (DISCENTE PPGCOM/UFS), ERNA RAISA LIMA RODRIGUES DE BARROS (DOCENTE DCOS/PPGCOM/UFS, COORDENADOR(A) SEMPESCOM).

CONTATO COMISSÃO ORGANIZADORA

seminariodepesquisappgcomufs@gmail.com

ISBN 978-65-01-22196-0



SUMÁRIO

EIXO 1 — COMUNICAÇÃO E AUDIOVISUAL

- **“Lost” e os podcasts de crimes reais: uma análise sobre os fãs-forenses da série e do gênero** — Gabriella de Oliveira Salmeron Ferreira
- **A crítica de cinema como gênero discursivo jornalístico: um estudo de caso a partir de Bacurau** — Vinícius Oliveira Rocha
- **Sob o efeito: a juventude e as drogas em Skins e Euphoria** — Joyce Felix dos Santos

EIXO 2 — COMUNICAÇÃO, GÊNERO E RAÇA

- **Análise de Visualidade e contravisuladidade na série Ela quer tudo** — Thayane De Almeida França
- **O jornalismo é uma arma de combate: Uma análise dos perfis de reportagem da Rede Globo na cobertura da tematização do racismo no esporte** — Emerson Maciel Esteves
- **A representação da masculinidade negra na Blaxploitation: um olhar através do filme Shaft (1971)** — Hector Lucas Sousa Mendonça

EIXO 3 — COMUNICAÇÃO E REPRESENTAÇÃO SOCIAL

- **Jornalismo móvel e o trabalho do videorepórter: uma análise da recepção crítica da audiência na página “Virei Jornalista”** — Kamilla Abely Dias Gomes
- **Educação em pauta: desenhando uma metodologia para avaliar a qualidade da cobertura de educação pela Folha de S. Paulo** — Lucas Lima Souza
- **Jornalismo negro: resistência na Ditadura Civil-Militar. Uma análise histórica e discursiva do jornal Nêgo do MNU** — Aíla Cristhie dos Santos Cardoso

EIXO 4 — COMUNICAÇÃO E CULTURA

- **A Percepção de Mulheres Nordestinas Empreendedoras sobre Relações de Gênero Dentro do Universo da Tecnologia** — Daniella Calfa Vieira Costa
- **Cordel, Porta-Voz Contra Hegemônico: As Escrevivências das Cordelistas Sergipanas na I Antologia Das Mulheres no Cordel** — Rose Elaine dos Santos Bonifácio
- **A construção da notícia em cordel: uma abordagem folkcomunicacional sobre a poesia popular como linguagem jornalística na TV** — Thiago Barbosa Santos

EIXO 5 — COMUNICAÇÃO E VISUALIDADES / FOTOGRAFIA

- **Serialidade e Artíficos Antiteatrais: Agenciamento absortivo em projetos de longa-duração** — Renata Benia e Benjamim Picado
- **Fotografia da Paixão: Uma Análise de Imagens do Culto ao Cristo Sofredor** — Rodrigo Azevedo Carneiro
- **Um feixe de luz e os rastros de tempo da fotografia pinhole no Mão na Lata** — Dayanne Santos Carvalho
- **Mapeamento dos coletivos de mulheres na fotografia brasileira contemporânea: os processos e a criação em rede no Brasil** — Charlotte Pedrosa

EIXO 6 — COMUNICAÇÃO, REDES SOCIAIS E PLATAFORMAS DIGITAIS

- **“Envie isso para alguém que você ama” - analisando a recepção negativa sobre o casal Bill e Frank em The Last of Us (HBO) a partir do Instagram** — Lucas Valdomiro Lima da Silva
- **Beleza Conectada: Consumo, Usos e Gratificações de Conteúdos Estéticos nas Mídias Sociais** — Marina Menezes Moura

EIXO 7 — COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIAS

- **Narrativas em alta velocidade: estudo da transmídia nas transmissões da Fórmula 1 em 2021** — Eduardo Costa Andrade
- **Jornalismo on demand: o consumo da notícia pelo usuário Globoplay em Sergipe** — Priscilla Terezinha Bitencourt
- **Metodologia de Game Analysis para Green Hell em realidade virtual e telas planas** — Evandro Barbosa Dias Filho

EIXO 8 — GÊNERO E INTERSECCIONALIDADES

- **Sociedade, Feminismo e Futebol: Uma análise das coberturas jornalísticas nacionais do ‘Caso Cuca’** — Brunna Suellen Martins Barreto
- **Performances digitais de subserviência feminina e glamourização do trabalho doméstico uma análise interseccional a partir das esposas tradicionais e troféu do TikTok** — Gabriela Rosa
- **Triste, louca ou má: uma análise da representação da loucura nos contextos de raça e gênero na ficção seriada Colônia** — Laila Jesus Santos

EIXO 9 — COMUNICAÇÃO, SAÚDE E ALTERIDADES

- **Acesso à saúde por pessoas em situação de rua: modelos comunicacionais em cenários de crise** — Luciana Santos de Gois
- **A imagem do Espectro: Uma Revisão da Representação do Autismo no Audiovisual** — Adriana da Rosa Santos

EIXO 1 — COMUNICAÇÃO E AUDIOVISUAL

“Lost” e os podcasts de crimes reais: uma análise sobre os fãs-forenses da série e do gênero

Gabriella de Oliveira Salmeron Ferreira¹

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

Este resumo expandido analisa a relação entre dois fenômenos midiáticos distintos: a série de TV "Lost" e o podcast de crimes reais "Serial". Ambos exemplificam como os consumidores se tornam fãs-forenses, engajando-se profundamente nas narrativas e explorando-as de maneira metódica. Jason Mittell introduz o conceito de fã-forense ao estudar "Lost", descrevendo como os espectadores se tornam detetives, reunindo pistas e teorias em fóruns online. Da mesma forma, "Serial" envolve seu público na investigação do caso de Adnan Syed, encorajando uma participação ativa e debate em comunidades virtuais. Ambos os casos ilustram como o engajamento forense transforma a experiência de consumo de mídia em uma atividade colaborativa e imersiva.

PALAVRAS-CHAVE: 1.Fã-Forense 2. Ficção Seriada 3. Podcasts de crimes reais 4.Cultura de fãs.

INTRODUÇÃO

Em 2004, a série da ABC “Lost” é veiculada pela primeira vez nos Estados Unidos e, aproximadamente 10 anos depois, o podcast de crimes reais “Serial” vai ao ar nas plataformas de áudio. A série, que fala sobre um grupo de pessoas que sofre um acidente de avião e ficam perdidas em uma ilha misteriosa e o podcast que relata a história de um crime cometido no ano de 1999, a primeira vista, não possuem tantas similaridades, porém, sob a perspectiva dos estudos de Jason Mittell (2007), observamos um denominador comum: os fãs-forenses.

Silva (2014) ao falar sobre a cultura de séries, explica que a relação entre as séries de TV e seu público é o vértice derradeiro da temática. O autor aponta que para cada série de televisão que é sucesso entre o público, “há um sem número de

¹ Mestra em comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Sergipe.

comunidades virtuais que agregam os fãs, de diferentes localidades e matrizes culturais, em torno da troca de informações, experiências e outras práticas participativas” (Silva, 2014, p. 248). Dessa forma, existiriam três tipos de estratégias de convite para essas chamadas práticas participativas: o evidente (onde os produtores convidam diretamente o público a interagir), o orgânico (não há o convite direto, mas, a internet incorpora a presença existente no programa de TV) e o obscuro (onde o convite é dado por meio da própria estrutura narrativa da série de modo subliminar para os seus espectadores mais assíduos).

Foi em seus estudos sobre a série da ABC “Lost”, que Jason Mittell (2007) começou a analisar, de forma inicial, o conceito de fã forense. Argumentando o sucesso e a grandeza de “Lost” perante o público que Mittell considerou quatro normas estéticas que aplicam grande valor ao imagético da série. O primeiro ponto considerado por Mittell é intitulado unidade de propósito e se refere ao modo unificado como o roteiro da série funciona. “Os espectadores assistem ‘Lost’ com a mente voltada para a totalidade da série, trabalhando para reunir cada segmento em uma narrativa unificada que não será concluída por anos. À medida que a série se desenrola, os fãs julgam cada episódio em grande parte com base em suas próprias concepções do todo do programa e frequentemente reajustam suas suposições sobre esse todo à luz de novas reviravoltas na narrativa e estratégias de narração” (Mittell, 2007).

Os outros dois pontos da lista apontada por Mittell falam acerca da complexidade narrativa, da estética operacional e da estética da surpresa. O primeiro explica que “Lost” por conta da sua narrativa complexa, se torna não apenas “uma janela para um universo fictício cativante” (Mittel, 2007) para os seus telespectadores, mas demonstra também como essa “própria janela funciona para distorcer ou direcionar nossa linha de visão” (Mittell, 2007). Nesse sentido, a série usou técnicas atípicas de programas que estavam no auge, proporcionando aos seus fãs, que já possuem uma mentalidade forense, um nível adicional de prazer exercido por meio da exploração à estética operacional em que ela funciona. Já a estética da surpresa compreende a questão da falta de previsibilidade da série. Para Mittell, grande parte do prazer em assistir “Lost” advém da capacidade do programa de frustrar expectativas e proporcionar uma sensação de surpresa autêntica.

A última norma que, para Mittell, ajuda a explicar o sucesso da série “Lost” é, justamente, o fã-forense. O autor compreende que essa lógica narrativa da série é

o cerne do surgimento do fã-forense dentro do escopo de fãs de “Lost”, pois, a trama do programa é motivada em torno de um grande mistério que se ramifica em histórias e tramas paralelas que ajudam a compreender o seu todo. Para ele, ser fã de “Lost” é “abraçar uma mentalidade de detetive”, sempre buscando pistas, organizando padrões, traçando evidências e reunindo teorias e hipóteses narrativas, e, o terreno fértil para a disseminação desses conteúdos são os fóruns online.

Os espectadores se reúnem para propor teorias e debater interpretações, e wikis de fãs como o LostPedia.com, uma enciclopédia de conhecimento e teorias produzidas por fãs de código aberto. Embora muitos fãs certamente assistam ao programa de forma mais autônoma, os momentos de sobrecarga de informações de ‘Lost’, como o mapa da porta de explosão visto pela

primeira vez em 'Lockdown' (2.17) ou o vídeo de lavagem cerebral mostrado a Karl (Blake Bashoff) em 'Not in Portland' (3.7), parecem exigir um modo de envolvimento forense para organizar e descobrir uma riqueza de dados narrativos. O programa até mesmo comenta reflexivamente sobre esse modo de envolvimento - Locke (Terry O'Quinn) responde ao filme de orientação da Swan em 'Orientation' (2.3) com uma linha que se tornou um lema para o fandom forense: 'Vamos precisar assistir a isso de novo' (Mittell, 2007).

Ainda em sua pesquisa sobre “Lost”, Mittell (2009) compreende que um dos maiores desafios da série foi conseguir gerenciar as expectativas diversas que os seus fãs mais fervorosos depositaram sobre a trama, e, em todos os seus momentos lúdicos, havia sempre, uma recompensa narrativa implícita para esses telespectadores mais atentos. “Os fãs estavam investidos em uma ampla gama de facetas narrativas do programa, desde a mitologia complexa até os relacionamentos românticos, da ficção científica repleta de viagens no tempo às sequências de ação impulsionadas pela aventura. Embora, por vezes, os fãs discordassem sobre os méritos relativos de enredos, episódios ou personagens específicos, no geral, o programa fez um trabalho admirável em atender a uma ampla variedade de apelos e bases de fãs” (Mittell, 2007).

Outro conceito criado por Mittell que diz respeito aos fãs-forenses é a perfurabilidade (em tradução livre por Toledo, 2016). A perfurabilidade é considerada pelo autor, a capacidade de uma obra de suportar buscas em seu conteúdo por parte de seu público. Em uma metáfora para explicar o engajamento do espectador por conta da complexidade narrativa, a perfurabilidade também pode ser entendida como o estímulo de “cavar”

informações, não se contentando com o que é colocado e exibido na tela. Toledo (2016) completa que os fãs-forenses costumam realizar uma análise minuciosa de um conteúdo que lhes parece confiável, a partir de uma fonte que promete recompensas tangíveis ao esforço dedicado para compreender a obra em sua totalidade. “Material de origem dúbia ou criado por autores não-oficiais, como é o caso de fanfictions, por exemplo, provavelmente ficarão de fora deste recorte, da mesma forma como descartar-se-iam depoimentos de testemunhas não confiáveis em um processo legal a fim de não se empreender tempo e energia estudando uma fonte que se supõe de antemão não ser fidedigna” (TOLEDO, 2016).

O descrito por Mittell e por outros pesquisadores do gênero é acerca dos seriados ficcionais da televisão, porém, esse fenômeno pode ser também observado em novas práticas de consumo de fãs com histórias e acontecimentos da vida real. Um dos maiores exemplos globais do fenômeno de crimes reais é o podcast americano de true crime “Serial”, lançado em 2014. Sua história se concentra no assassinato de Hae Min Lee em 1999, uma estudante do ensino médio de Baltimore. Após dois julgamentos, seu ex-namorado, Adnan Syed, foi condenado. Porém, novas circunstâncias que colocavam em xeque a condenação de Syed foram apresentadas no podcast ao longo de doze episódios, que foram postados no formato semanal durante o último semestre de 2014. Apresentado pela produtora Sarah Koenig (com o apoio de outros produtores e verificadores de fatos), o podcast buscava analisar as evidências que o estado apresentou contra Syed de maneira detalhada, muitas vezes de maneira semelhante a de investigadores policiais, tudo refletido e apresentado por Koenig com a narração em primeira pessoa.

Kischinhevsky (2018) relata que essas produções como “Serial” reassumem crimes ou envolvem investigações marcadas por controvérsias, “sempre histórias reais que tiveram alguma cobertura da imprensa, mas não com a devida profundidade” (2018, p.79). O autor também compreende que a linguagem sonora desses programas atualiza a forma de contar histórias, diminuindo a redundância presente no texto radiojornalístico em função da narrativa. Aqui, o que ganha espaço são os ganchos e os resumos explicativos que abrem e encerram os episódios, inspirados na lógica da ficção seriada.

Assunção da Silva e Oliveira (2020) descrevem o podcast storytelling como narrativas seriais, referidos programas com episódios divididos em série ou com

temporadas contínuas. Esses podcasts apresentam um roteiro bem detalhado e um trabalho elaborado no que diz respeito à preocupação artística e estética no sentido radiofônico. Mittell (2015) ao descrever a serialidade nas narrativas televisivas, explica que “quando falamos sobre um programa serializado, geralmente estamos nos referindo menos à persistência ubíqua do mundo da história e personagens e mais à acumulação contínua de eventos narrativos - o que ocorre em um episódio terá acontecido aos personagens e ao mundo da história conforme retratado em episódios futuros” (Mittell, p. 23, 2015). Viana (2020) complementa, acerca dos podcasts, que a técnica do storytelling se molda de acordo com a plataforma em que é veiculada perpassando narrativas fáticas e ficcionais por meio de diversos formatos e que dessa forma, o storytelling usado, por exemplo, no jornalismo traz as características da humanização de narrativas, recorrendo ao encadeamento dos fatos voltado para o envolvimento do contar histórias, aliado à transmissão da informação.

Berry (2015), afirma que, em certa medida, foi o tratamento do podcast para crime real que atraiu muitos consumidores e fãs para a história, oferecendo a oportunidade para os ouvintes atuarem como detetives entre os episódios. Para o autor, o sucesso de “Serial” é notável e significativo, dadas as circunstâncias de audiências crescentes, recursos sólidos e uma narrativa envolvente proposta pela sua criadora. O podcast colocou Sarah Koenig e sua equipe de produção em destaque, desencadeando entrevistas na TV, memes, podcasts feitos por fãs e paródias. Os ouvintes criaram memes, twittaram sobre o programa, contaram aos amigos, fizeram camisetas, produziram podcasts e discutiram teorias com outros ouvintes no Reddit.

O podcast “Serial” foi um marco não só dentro do gênero true crime, mas do universo dos podcasts como um todo. Além dos bons números dentro das plataformas agregadoras da mídia, “Serial” ditou uma nova tendência dentro do gênero. Sherrill (2023) explica que, no auge da febre de “Serial” nos Estados Unidos, começaram a surgir também podcasts de fãs para discutir teorias do caso, planejar maneiras de libertar o personagem principal da narrativa, Adnan Syed, e explorar os temas levantados pelo podcast. Muitos, após o fim de “Serial” voltaram-se para outras histórias reais de crimes com o objetivo de expor questões sistêmicas na justiça criminal e chamar a atenção para casos de condenações injustas.

Do ponto de vista da ecologia populacional, “Serial” existe como uma organização dentro de dois nichos sobrepostos dentro de uma comunidade maior. No nível da comunidade, Serial faz parte de uma tradição americana de longas narrativas e do gênero de true crime.[...] “Serial,” inegavelmente, ajudou a expandir também o nicho mais amplo de crimes reais (Sherrill 2020). Os primeiros podcasts ligados de “Serial”, como o “Spoiler Special da Slate” e o “Crime Writers on Serial”, publicaram episódios nos dias entre os lançamentos semanais do podcast. Esses e outros similares discutiam cada episódio, respondiam a perguntas dos ouvintes e exploravam teorias alternativas do caso. Embora esses podcasts tenham criado um pequeno nicho de programas relacionados a “Serial”, eles não saíram do gênero de crimes reais, e muitos existiam apenas durante o período em que “Serial” estava lançando novo material (SHERRILL, p. 34, 2023, tradução minha).

Os ouvintes ficaram tão envolvidos que muitos acordavam cedo para ouvir assim que os novos episódios eram lançados online, alguns chegando ao ponto de organizar grupos de audição em bares e cafés para compartilhar a experiência. “Essas atividades online se estenderam para o mundo real, à medida que os ouvintes começaram a realizar seu próprio trabalho de detetive. Eles visitaram locais e começaram a apontar dedos publicamente para aqueles que sentiam que não estavam dizendo a verdade”, completa Berry (2015). O pesquisador, neste sentido, reitera o proposto por Mittell dessa vez com um novo foco, onde paratextos independentes, criados pelos ouvintes, tornaram-se uma característica definidora de “Serial”, uma atividade que não é surpreendente dada a natureza do conteúdo que “encorajou e até exigiu um fandom forense para preencher as lacunas entre os episódios” (2015).

O'Meara (2015) também parte do mesmo pressuposto. Para ela, “Serial” se encaixa na narrativa complexa de Mittell, pois, “se substituirmos a palavra ‘visualização’ por ‘audição’, então a descrição de Mittell sobre televisão complexa como permitindo que uma audiência “desenvolva suas próprias habilidades de compreensão por meio de visualização de longo prazo e engajamento ativo” se aplica igualmente a “Serial” (O'Meara, 2015). Indo mais a fundo na temática, O'Meara explica que assim como “Lost”, por exemplo, o podcast se beneficia do uso das plataformas digitais para expandir seus mundos narrativos, incentivando o engajamento desses ouvintes, onde os recursos paratextuais de “Serial” (como um mapa de evidências interativo ou um mapa de pessoas envolvidas) aprofundam o envolvimento afetivo desses consumidores com a história e seus principais

participantes, tornando-se na verdade, mais do que consumidores, e sim, fãs-forenses.

O'Meara (2015) desenvolve a questão colocando em xeque o significado do termo forense para Mittell, onde, embora o autor use o termo num sentido mais abrangente, a descrição técnica da ciência forense (que pode se referir, por exemplo, a investigação de locais de crime com o objetivo de fornecer evidências imparciais em tribunal) é apropriada para descrever o conteúdo investigativo gerado através de "Serial".

Quando, no episódio 4, Koenig encoraja explicitamente os ouvintes a "resolver este caso comigo", ela também evoca o argumento de Jenkins de que a inteligência coletiva (entre produtores de mídia e consumidores) é uma mudança cultural fundamental que ocorre no novo milênio. Além de Koenig nos dizer que "agora é hora de começar a prestar muita atenção, porque chegamos, junto com os detetives, ao cerne da questão", a abordagem meticulosa do "Serial" na coleta de fatos encoraja a escuta atenta e as discussões digitais que permitem "comunidades virtuais alavancar a experiência combinada de seus membros" (O'Meara, 2015).

Dando ênfase para essas discussões digitais existentes por conta do conteúdo de "Serial", O'Meara (2015) também analisa as comunidades online onde estão presentes esses consumidores mais ativos, ou fãs-forenses, que possuem como objetivo principal desvendar o mistério da trama e da vida real. Um dos exemplos citados pela autora é uma postagem no Reddit com mais de 400 respostas que incorpora transcrições do podcast, materiais adicionais, vistas aéreas de locais via Google Earth e cartas manuscritas de detetives envolvidos no caso.

Os fãs-forenses, espectadores mais dedicados e entusiastas se envolvem com o objeto que consomem, são incentivados a ir mais fundo nessas narrativas, pois as histórias criam ímãs para o envolvimento. Neste sentido, mesmo originalmente se referindo a narrativas televisivas, enxergamos os preceitos de Mittell (2015) também nas novas práticas de consumo de fãs, exemplificado pelos podcasts de true crime, exemplificado por "Serial" neste resumo. A narrativa complexa proposta por Mittell (p. 18, 2015) rejeita a necessidade de encerramento de enredo, com a suposição subjacente de uma narrativa cumulativa que se desenvolve ao longo do tempo, em vez de retornar a um estado de equilíbrio constante no final de cada episódio, fato observado diante das análises

constantes acerca do storytelling presente nos podcasts de true crime, através do diálogo proposto entre as normas estéticas de Mittell e caracterização do fã-forense.

CONCLUSÃO

As narrativas seriadas presentes no contexto televisivo com seus quatro elementos principais (história, personagens, eventos e temporalidade) são também encontradas dentro do subgênero do podcasting de true crime (Silva e Oliveira, 2020; Kischinhevsky, 2018). Os elementos paratextuais e parassonoros encontrados em “Serial” citados anteriormente, fazem parte, para Mittell (2015) de uma complexa teia intertextual e funcionam principalmente para criar expectativas, promover, introduzir e discutir temáticas propostas pelo programa em questão, criando uma experiência de entretenimento unificada e coordenada para os seus consumidores e fãs mais ávidos, tornando o podcast um vetor de engajamento entre os seus ouvintes.

Portanto, é notável que o conceito de fã-forense, pensado por Mittell dentro do contexto da ficção seriada com destaque para o fenômeno que o ocorreu na época da série “Lost”, também se aplica aos ouvintes e fãs dos podcasts do gênero de crimes reais, exemplificado neste resumo pelo podcast “Serial”. Esse novo fenômeno merece ser observado sob a ótica de Mittell, variando novos resumos, artigos e outros trabalhos que seguem essa perspectiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO DA SILVA, J. D., & OLIVEIRA, D. L. de. (2020). Audiodocumentário no cenário podcasting: por um rádio independente e de caráter social. *Radiofonias – Revista De Estudos Em Mídia Sonora*, 11(1). Recuperado de <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4328>

BERRY, Richard. A Golden Age of Podcasting? Evaluating Serial in the Context of Podcast Histories. *Journal of Radio & Audio Media*, v. 22, n. 2, p. 170-178, 2015. DOI: 10.1080/19376529.2015.1083363.

KISCHINHEVSKY, M. (2018). Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. *Revista De La Asociación Española De Investigación De La Comunicación*, 5(10), 73-80. <https://doi.org/10.24137/raeic.5.10.24>

MITTEL, Jason. Film and television narrative. The cambridge companion to narrative, p. 156-71, Cambridge University Press. 2007.

MITTEL, Jason. Forensic Fandom and The Drillable Text. Spreadable Media, 2009. Disponível em: <http://spreadablemedia.org/essays/mittel/#.VYhx5fIViko>. Acesso em: 2 de junho de 2023.

MITTEL, Jason. Complex TV: The Poetics of Contemporary Television Storytelling. Nova York: NYU Press, 2015.

O'MEARA, Jennifer. "Like movies for radio': Media convergence and the serial podcast sensation". Frames Cinema Journal, v. 8, n. 28, 2015. Disponível em: [http://framescinemajournal.com/article/like-movies-for-radio-media-convergence-and-t he-serialpodcast-sensation](http://framescinemajournal.com/article/like-movies-for-radio-media-convergence-and-the-serialpodcast-sensation).

SILVA, M. V. B. Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. Galaxia (São Paulo, Online), n. 27, p. 241-252, jun. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542014115810>

SHERRILL, Lindsey A. Beyond Entertainment: Podcasting and the Criminal Justice Reform "Niche". In: LARKE-WALSH, George S. (Ed.). True Crime in American Media (Routledge Research in Cultural and Media Studies) (English Edition). Londres: Routledge, 2023. p. 15-27.

TOLEDO, G. M.. Perfurabilidade em seriados: espectadores como investigadores em Game of Thrones. In: XXV Encontro Anual da Compós, 2016, Goiânia, GO. Anais -> 2016 – XXV COMPÓS: GOI NIA/GO, 2016. v. 1

VIANA, L. Estudos sobre podcast: um panorama do estado da arte em pesquisas brasileiras de rádio e mídia sonora. Revista Contracampo, v. 39, n. 3, 2020.

A crítica de cinema como gênero discursivo jornalístico: um estudo de caso a partir de Bacurau

Vinícius Oliveira Rocha²

Sonia Aguiar³

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

Este artigo busca demonstrar como os referenciais geoculturais e contextos político ideológicos em que se inserem os críticos de cinema influenciam os argumentos que utilizam em seus textos. Para tal, elegeu-se como corpus um conjunto de 52 críticas do filme Bacurau escritas em português, inglês e francês, tendo como procedimento metodológico a Análise Temática. Os resultados da análise evidenciam como os críticos buscam legitimar suas posições de saber diante da obra fílmica, a partir de construções discursivas amparadas em certas estratégias recorrentes de referências subjetivas, contextuais e cinematográficas.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Crítica cinematográfica. 2. Ordem do Discurso. 3. Bacurau. 4. Kleber Mendonça Filho. 5. Análise Temática.

INTRODUÇÃO

Oriundo da dissertação de mesmo nome (Rocha, 2023), este artigo visa analisar as características deste discurso crítico, apontando os referenciais que o constroem – incluindo-se os geoculturais – e tomou como estudo de caso as críticas escritas sobre o filme brasileiro Bacurau (2019), codirigido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Assim, busca se observar as diferentes maneiras pelas quais o discurso crítico (e mais especificamente o discurso crítico jornalístico) se estrutura, configurando sua legitimidade e a autoridade do profissional que o pronuncia, de modo que sua análise fílmica seja prestigiada. Constatou-se que os críticos são atravessados por uma série de referenciais (incluindo os geográficos) que moldam suas subjetividades e norteiam as análises de uma obra, juntamente com critérios técnicos e profissionais inerentes à função do crítico.

² Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (PPGCOM-UFS) e professor substituto de Jornalismo na UFS, e-mail: voliveira96@gmail.com

³ Doutora em Comunicação/Ciência da Informação pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ), com pós-doutorado em Geografia Regional pelo Programa de Pós Graduação de Geografia da Universidade Federal Fluminense (PPGEO-UFF) e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (PPGCOM-UFS). E mail:saguiar@academico.ufs.br.

METODOLOGIA

O corpus adotado foi composto por 52 críticas escritas em três idiomas: 22 em português, 18 em inglês e 12 em francês. Para os procedimentos metodológicos foi adotada a Análise Temática (AT), tendo em vista a flexibilidade deste modelo e sua capacidade de sistematização e descrição dos conteúdos coletados (Braun e Clarke apud Reses e Mendes, 2021). Foram criados eixos temáticos a partir dos termos e referências mais recorrentes nos textos dos críticos, apontando também quais semelhanças e diferenças entre os três conjuntos de críticas a depender do idioma. Esses conjuntos foram analisados separadamente em um primeiro momento e depois comparativamente.

RESULTADOS

A análise das 22 críticas em português selecionadas para o corpus desta pesquisa possibilitou a identificação de 82 subtemas, os quais foram agrupados em 6 temas: (a) Diretores; (b) Gêneros e movimentos cinematográficos; (c) Linguagem cinematográfica; (d) Geografia; (e) Sociopolítica; e (f) História. Já a análise das 18 críticas em inglês selecionadas para o corpus desta pesquisa possibilitou a identificação de 65 subtemas, os quais foram agrupados em cinco temas, quatro dos quais coincidentes com os identificados nas críticas em português: (a) Geografia; (b) Sociopolítica; (c) Gêneros e movimentos cinematográficos; (d) Diretores; e (e) Filmes. Por fim, a análise das 12 críticas em francês selecionadas para o corpus desta pesquisa possibilitou a identificação de 57 subtemas, os quais foram agrupados em cinco temas: (a) Sociopolítica; (b) Geografia; (c) Gêneros e movimentos cinematográficos; (d) Filmes; e (e) Diretores.

Ao se realizar a análise comparativa entre os três conjuntos de críticas, é possível perceber que certos aspectos dos discursos produzidos por Bacurau são identificáveis independentemente do referencial geográfico e idiomático do qual o crítico fala, graças aos repertórios gerais que ele constrói – sejam ligados ao cinema em si ou a determinados conhecimentos de mundo. Porém, outros aspectos são mais ou menos entendidos a depender da proximidade ou distanciamento cultural que aquele crítico tem em relação ao seu objeto de análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das críticas de Bacurau possibilitou identificar práticas discursivas comuns que apontam para uma recorrência de referenciais analíticos, embora sem rejeitar as subjetividades do crítico e as particularidades de seus repertórios cinematográficos. Ao falarem sobre o filme, esses críticos mobilizaram seus conhecimentos de mundo, permitindo situar o longa dentro dos contextos em que foi produzido e em que sua história é ambientada. É nessa aplicação dos repertórios e referenciais que se estrutura o discurso crítico, o qual (re)interpreta e produz significados a partir do discurso original da obra fílmica. E é essa capacidade de interpretação e produção que constitui a crítica de cinema enquanto gênero discursivo jornalístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. 5ª ed. – São Paulo : Cortez, 2011.

BACURAU. Direção: Juliano Dornelles, Kleber Mendonça Filho. Produção: Said Ben Said e Michel Merkt. Roteiro: Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. São Paulo: Ancine; Paris: Arte France Cinéma, 2019. 1 DVD (131 min).

BARRETO, Rachel Cardoso. Crítica ordinária – a crítica de cinema na imprensa brasileira. 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais. 2005.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso – Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 7ª ed., 2001, 80 p.

FREY, Mattias. The permanent crisis of film criticism: the anxiety of authority. Amsterdam University Press, Amsterdam, 2015, p. 101-124.

RESES, Gabriela; MENDES, Inês. Uma visão prática da Análise Temática: exemplos na investigação em multimídia em educação. In : COSTA, António Pedro; MOREIRA, António; SÁ, Patrícia. Reflexões em torno de Metodologias de Investigação – análise dos dados. UA Editora, Universidade de Aveiro, mar. 2021, p. 13-28.

ROCHA, Vinícius Oliveira. A crítica de cinema como gênero discursivo jornalístico: um estudo de caso a partir de Bacurau. 2023. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023.

Sob o efeito: a juventude e as drogas em *Skins* e *Euphoria*

Joyce Felix dos Santos⁴
Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

O aumento do consumo de drogas na última década é um grave problema de saúde pública, e a modelação social da mídia parece deter grande impacto nesse fenômeno. Este estudo analisa dois seriados emblemáticos: *Skins* (2007-2013) e *Euphoria* (2019-). Investigamos como a temática das drogas é tratada em séries voltadas ao público jovem, com foco nas implicações midiáticas, comportamentais e de influência (Bandura, 1986). Utilizando a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin, examinaremos 77 episódios (*Skins*, 61; *Euphoria*, 16), destacando cenas de consumo de entorpecentes. Nosso objetivo é desvelar as construções narrativas e os contextos desses usos, alertando para a importância de cuidados na produção de tais conteúdos. Os resultados visam incitar a reflexão acadêmica e a sociedade civil sobre a necessidade de revisão e possível normatização legal dos conteúdos midiáticos relacionados a drogas, visando mitigar impactos negativos na saúde pública.

PALAVRAS-CHAVE: Ficção seriada; entretenimento; consumo de drogas; Modelação Social.

INTRODUÇÃO

O seriado britânico *Skins* (2007-2013), no Brasil também chamado de *Juventude à Flor da Pele*, criado pelo roteirista Bryan Elsley e seu filho Jamie Brittain, relata a vida de um grupo de jovens moradores da cidade de Bristol, Inglaterra. A série acompanha a vivência dos personagens em questões como sexo, drogas, orientação sexual, anorexia e relações familiares problemáticas. O programa tinha como forte identidade a imprudência perante autoridades e exibição de excessos (Bonaut & Ojer, 2011). Durante seu lançamento no canal britânico E4, a rede contabilizou 1,5 milhão de espectadores. Nove meses após sua estreia, quando a série mudou-se para o canal Channel 4, cerca de 1 milhão de telespectadores ainda acompanhavam a narrativa (Holmwood, 2008).

A série estadunidense *Euphoria* (2019-), criada pelo ator e cineasta Sam Levinson, desenvolveu-se com base em uma minissérie israelense homônima. Roteirizada por Ron Leshem, Daphna Levin e Daniel Amsel a versão israelita teve como embasamento um assassinato real transcorrido em Israel. O seriado era situado nos anos 90 e conduzia um grupo de adolescentes lidando com o amadurecimento pessoal, envolto em drogas, sexo e violência. O seriado teve seu

⁴1 Discente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (PPGCOM-UFS), e-mail: xjoycefelix@gmail.com

período de transmissão entre novembro de 2012 a fevereiro de 2013, no canal Hot3. Leshem trabalha como produtor executivo da versão norte-americana e escreveu alguns episódios da série. A narrativa também conta com a produção dos cantores de rap Drake, canadense, e Future, norte-americano (Correio Braziliense, 2018). Segundo a revista americana Variety, o último episódio da segunda temporada, apenas na estreia, alcançou 6,6 milhões de espectadores no canal HBO e na plataforma de streaming HBO Max. A média de audiência da temporada em março de 2022 era de 16,3 milhões espectadores nos EUA (Estadão, 2022).

O cerne do estudo é a análise da representação do consumo de drogas nos seriados. De que maneira esse tema tem sido abordado por ambas narrativas? Buscamos pontuar como as narrativas abordam esta temática, levando em conta o lapso temporal de 12 anos entre uma produção e outra. A pesquisa faz-se necessária devido a grande repercussão que ambas séries possuíram em suas respectivas épocas. Ainda hoje podemos encontrar na Internet páginas produzidas e criadas por fãs dedicados à série Skins. Conteúdos a exemplo de “como ser igual a Cassie do seriado Skins” (WikiHow, 2011), uma personagem com transtornos alimentares e problemas com drogas, ainda estão disponíveis. A nível nacional, Skins foi traduzida, dublada e disseminada no Brasil através dos canais Multishow, MTV Brasil, VH1 Brasil e HBO Brasil. Graças ao sucesso do produto, atualmente seus episódios ainda podem ser encontrados na plataforma de streaming Netflix.

Em 2022, o seriado Euphoria “se tornou o conteúdo mais assistido na história da plataforma de streaming [HBO Max] na América Latina” (Veloso, 2022). Boa parte deste feito decorre da participação de Zendaya Coleman vivenciando a personagem principal. A atriz ganhou notoriedade ao interpretar Michelle Jones nos filmes Homem-Aranha: De Volta ao Lar (2017) e Homem-Aranha: Sem Volta para Casa (2021) ambos produzidos pelo Universo Cinematográfico Marvel.

Pesquisando sobre o seriado na Internet nos deparamos com uma enorme quantidade de conteúdos em texto e/ou vídeo relacionados a como compor vestimentas parecidas com as usadas no seriado; maquiagens inspiradas nas personagens da série; e até mesmo como seguir rotinas de cuidados pessoais mostradas na produção. Este tipo de material evidencia a influência comportamental causada por esta narrativa. A relevância deste trabalho representa-se na capacidade de criação e manutenção de comportamentos que os produtos de entretenimento detém (Bandura, 1986). A força destes conteúdos,

principalmente entre os jovens, deve ser questionada e estudada. Além do mais, o comportamento apontado é extremamente nocivo à saúde humana: o uso de drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas, tornando-se um grave problema de saúde pública.

MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa, de caráter qualitativo, contará, em primeiro momento, com a pesquisa bibliográfica, onde será feita a sondagem do embasamento e referencial teórico, bem como a listagem dos objetos de estudo. Os episódios a serem analisados estão disponíveis nas plataformas de streaming Netflix e HBO Max. Após a transformação dos produtos audiovisuais em texto, aplicaremos o método de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2011). Os conteúdos serão categorizados e analisados tendo como base os estudos da autora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDURA, A. Social Foundations of Thought and Action: A Social Cognitive Theory. Prentice-Hall, 1986.

BONAUT, Joseba; OJER, Teresa. Nuevas estrategias en la construcción del relato de ficción televisivo y su relación con la audiencia: los casos de Skins y Misfits. Actas del IV Congreso Internacional sobre Análisis Fílmico. Universidad San Jorge. Iván Bort Gual, Shaila García Catalán y Marta Martín Núñez (editores); ISBN: 978-84-87510-57-1; 2011.

ESTADÃO. 'Euphoria' se torna a segunda série mais assistida da HBO. ESTADÃO, 2022. Disponível em:

<<https://www.estadao.com.br/emails/tv/euphoria-se-torna-a-segunda-serie-mais-assistida-da-hbo/>>. Acesso em 2 dez. 2023.

HOLMWOOD, Leigh. Channel 4 aims to maximise Skins success. The Guardian, 2008. Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/media/2008/jan/11/channel4.television>>. Acesso em: 3 dez. 2023.

TEMPO, O. Você sabia? Euphoria da HBO é um remake. O Tempo, 2023. Disponível em:

<<https://www.otempo.com.br/entretenimento/filmes-e-series/voce-sabia-euphoria-da-hbo-e-um-remake-1.2864217>>. Acesso em: 2 dez. 2023.

VELOSO, Vinícius. 5 motivos para entender como Euphoria virou grande sucesso da HBO. Metrôpoles, 2022. Disponível em:

<<https://www.metropoles.com/entretenimento/televisao/5-motivos-para-entender-como-euforia-virou-grande-sucesso-da-hbo>>. Acesso em: 2 dez. 2023.

WIKIHOW. Como ser igual a Cassie. WikiHow, 2011. Disponível em: <<https://pt.wikihow.com/Ser-Igual-a-Cassie,-do-Seriado-Skins>>. Acesso em 2 dez. 2023.

EIXO 2 — COMUNICAÇÃO, GÊNERO E RAÇA

Análise de Visualidade e contravisuladidade na série Ela quer tudo.

Thayane De Almeida França⁵

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

Este Trabalho propõe realizar uma análise na série *Ela quer tudo* (2017) sob o ponto de vista teórico e metodológico de Nicholas Mizoerff (2016), diante dos conceitos abordados pelo autor sobre o direito a olhar. Serão mencionados conceitos como de visualidades; plantation, imperial e a contravisualidade. Através desses conceitos, ocorrerá a categorização da obra, afim de mostrar o tensionamento das visualidades e contravisualidade presente na série.

PALAVRAS-CHAVE: Ela quer tudo. Visualidade. Contravisualidade

INTRODUÇÃO

No livro *Mídia e Racismo*, Rosane et all, destaca o começo da objetificação da imagem da mulher negra, que é caricata e estruturalizada desde a época de 1789, quando nasceu a Vênus Hotentote, batizada com o nome Sarah Bartman: ela tinha um corpo voluptuoso, nádegas e lábios grandes. Mulheres que possuíam essas características eram expostas como atração para grupo de homens franceses.

A mídia possui o poder de narrar o tempo e o período em que estamos vivendo e transpor através de imagens e narrativas históricas, mas o imaginário e composição ideológica da mulher negra não muda para a sociedade sexista e racista desde 1979. A maioria dos discursos sobre o feminino na história e na arte sempre foi pautada sobre a visão do olhar masculino, ou seja, por muito tempo os homens retratavam as mulheres, com base em seu imaginário do que vem a ser mulher e as suas buscas, corroborando para o silenciamento das mulheres, portanto os produtos desse período são massífico e compondo uma moralidade que as mulheres deveriam seguir. O autor Nelson de Souza (2012) afirma que, em muitas produções audiovisuais, as mulheres sempre são retratadas de forma polarizada: entre aquelas que se sacrificam em prol da família e são contidas, de

⁵ Mestranda do programa de pós graduação de comunicação, na universidade federal de sergipe; thayanealmeidafranca@gmail.com .

imagem e postura perfeita, e pela outra, que possui um comportamento “barraqueiro” que é ligado a classe social que é mais inferior. Todas essas personificações da criação do ser mulher nos produtos audiovisuais estão sempre a ser dominadas pelo sexo masculino.

Bell Hooks (2019) relata a sua experiência de como olhar sempre foi um ato político autora negra estadunidense- relata o horror que foi perceber que, quando criança, os castigos que lhe eram aplicados eram porque ela observava demais, então tomou para si o perigo que existe em olhar, mas constata que há um poder nesta ação. Por outro lado, o autor Nichollas Mirzoeff (2016), no artigo *O direito a Olhar* esclarece de maneira mais categórica o poder que existe no ato de olhar, não se trata apenas de uma observação, para compor percepção, afim de buscar entender como o mundo “funciona” a sua volta, mas sim é um ato que trabalha com informação e conhecimento histórico, assim entende-se a manutenção do poder daqueles já ocupam cargos de autoridade.

No decorrer do livro, Hooks(2019) relata sobre o período da escravidão, onde o poder recaía sobre a raça, afirmando que os escravizados eram privados do seu direito de olhar. A autora então correlaciona sua vivência infantil com o período da escravidão, isto é, ela reconhece a repressão sofridas pelos escravos, nem que fosse em algum tipo de camada mais superficial. Ela continua com a correlação afirmando que os escravos eram proibidos de olhar, assim como ela já foi um dia, mas que esta proibição só proporciona um anseio rebelde, então a autora afirma “Eu não só vou olhar. Eu quero que meu olhar mude a realidade”.

O autor Mizoerf (2016) também aborda o período da escravidão, em uma visão de controle em relação à figura de autoridade, que não se limitava à ação escravizar os corpos, mas também as mentes. O autor menciona o termo *plantation* que é onde os escravos eram separados e postos para trabalhar nas lavouras, lugares compostos por histórias de que escravos que tentassem fugir, tentavam vingar-se dos senhores de lavouras e quem imaginassem fugas e vingança aos senhores brancos, estavam todos destinados à morte. A simples iniciação de uma proposta de corte à imaginação, percebe-se que o poder a olhar agora reflete na composição do conceito de visualidade.

Tal visualidade segregava aqueles que visualizavam para impedir que estes ganhassem coesão como sujeitos políticos, como trabalhadores, povo ou nação (descolonizada). Finalmente, faz parecer certa esta classificação separada e, portanto, estética. Tal como afirmou Frantz Fanon, tal experiência repetida gera uma “estética de respeito pelo status quo”, uma estética do adequado, do dever, do que é sentido para ser correto e, portanto, agradável e, em última instância, até mesmo belo. Classificar, separar e estetizar

formam, juntos, o que chamarei de um complexo de visualidade (Mizoerff, Nicholas, p3, 2016.)

O Mizoerff (2016) aborda a hierarquia mental na visualidade do complexo imperial, destacando uma força que não é visível, então o processo de colonização ocorre através de processos culturais, por isso é relevante abordar um produto audiovisual, que será o caso deste trabalho, especialmente porque a plataforma onde essa série é apresentada tem a maioria das suas obras produzidas por países colonizadores e comercializadas em caráter internacional. Então, o processo autoritário não resume-se a força, mas sim de uma hierarquia mental, onde a cultura desempenha um papel chave para a manutenção da imaginação da periferia em torno da visualização dos colonos

O complexo imperial da visualidade conectava a autoridade, centralizada a uma hierarquia civilizacional, por meio da qual aqueles com “cultura” dominavam os “primitivos”. Esta classificação global era uma hierarquia mental, bem como um meio de produção (Mizoerff, p11, 2016).

Hoje, ano de 2024, já existem produções que exploram a proposta de contravisualidade, que é abordada pelo Mizoerff (2016). A contravisualidade não é sobre abordar o oposto da visualidade. Na verdade, a contravisualidade é uma forma de retratar a realidade contraditória que existe dentro da reivindicação do direito a olhar, buscando sua autonomia e reivindicando ser visto em sua complexidade, em vez de ser reduzido aos aspectos categóricos autoritários que propõe a manutenção do poder.

O “realismo” da contravisualidade é o meio pelo qual se tenta dar sentido à irrealidade criada pela autoridade da visualidade enquanto, ao mesmo tempo, propõe uma alternativa real. Não se trata de modo algum de uma representação simples ou mimética da experiência vivida, mas de retratar realidades existentes e as contrapõe com um realismo diferente (Mizoerff, p12, 2016)

O Objetivo desta pesquisa é abordar algumas cenas da série *Ela quer tudo* através de uma análise do que corresponde a visualidade e contravisualidade. A série *Ela quer tudo* (2017) produzida pela Netflix é uma série criada pelo Spike Lee – homem negro- cineasta, ator, escritor, professor e diretor premiado ao Oscar de 2019. A série é baseada em um filme produzido em 1986 e que tem o mesmo título. O produto é de gênero dramático e comédia. A primeira temporada da série acontece em 10 episódios, de duração de 30 minutos e foi renovada para o ano de

2019.

Na obra o Direito a olhar de Nicholas Mizoerff (2016) aborda-se questões que compõe a organização da sociedade em relação ao poder de manter o *status quo*, mas intensifica o cerne sobre o direito a olhar que “é uma recusa a permitir que a autoridade suture sua interpretação do sensível para fins de dominação, primeiro como lei e, em seguida, como estética”. Por tanto, a teoria base e metodológica deste artigo será o conceito direito a olhar, uma análise que parte da compreensão do ponto da competição contemporânea entre visualidade e contravisualidade, visto que a obra seriada estar inserida em uma plataforma de *streamming* que ainda sofre pressão do autoritarismo, da cultura dos dominantes e do viés comercial.

Através deste produto audiovisual, pode-se exemplificar e categorizar a teoria do autor de maneira metodológica. Analisando a visualidade diante ao autoritarismo e classificações estigmatizadas presentes na obra, e pelos pontos de contravisualidade ao propor uma produção e uma narrativa que intervenha de maneira realista e de autorreconhecimento na estigmatização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANÇA, Thayane de Almeida. Uma análise da série 'Ela Quer Tudo. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação). Universidade Estadual de Santa Cruz, 2019.

MIRZOEFF, Nicholas. Direito a olhar. *Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 745-768, 2016.

HOOKS, Bell. *Olhares Negros*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2019.

O jornalismo é uma arma de combate:

Uma análise dos perfis de reportagem da Rede Globo na cobertura da
tematização do racismo no esporte

Emerson Maciel Esteves⁶
Vitor Curvelo Fontes Belém⁷
Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

Esse resumo expandido busca trazer à tona as questões relativas a conflitos étnico-raciais no espaço da mídia, na comunicação e mais especificamente no jornalismo. O esforço proposto é ressaltar a necessidade de se pensar o jornalismo e a Comunicação de forma combativa e pedagógica. O jornalismo pode servir como uma instituição de conhecimento e de educação. Em um contexto de eclosão de protestos de cunho racial no esporte, o objetivo geral desta pesquisa é refletir sobre os perfis de jornalismo que podem ser identificados na cobertura da Rede Globo. Os resultados apontaram para um perfil combativo, no entanto abre margem para novas discussões e reflexões acerca do papel do jornalismo e os cenários específicos de cada cobertura.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo. Racismo. Esporte. Rede Globo. Ativismo.

INTRODUÇÃO

Esse presente artigo é um resumo da dissertação de mesmo nome apresentada e defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM-UFS) em 2023. O objetivo principal do estudo girou em torno de posicionar o jornalismo no centro da investigação sobre a cobertura de conflitos étnico-raciais no esporte afim de investigar de que forma a editoria de esportes tem abordado o racismo em suas reportagens.

O jornalismo esportivo tem pautado este assunto de diversas formas, desde a denúncia de apelidos racistas até a discussão de racismo estrutural. Pesquisadoras como Rosane Borges (2019) e Muniz Sodré (2015) enfatizam a importância de uma abordagem cuidadosa e responsável ao tratar desse tema, para evitar problemas de representação e identidade.

⁶ Bacharel em Jornalismo e Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (PPGCOM-UFS). E-mail: emersonmesteves@gmail.com

⁷ Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: vitorcfb@gmail.com

A escolha de análise dos programas esportivos da Rede Globo se deu pela disponibilização dos conteúdos através da plataforma Globoplay, o que facilitou a obtenção do corpus da pesquisa que se restringiu entre os anos de 2017 e 2021. O objetivo foi de verificar se as reportagens exibidas pelo canal atuaram com uma postura ativista no combate ao racismo ou se mantiveram uma perspectiva objetiva e distanciada sobre o assunto. Através da Análise de Conteúdo, foram identificados padrões e inconsistências nas reportagens, além de reflexões sobre a objetividade jornalística e o ativismo social. A pesquisa também destaca a importância da mídia na construção ou desconstrução de estereótipos raciais, ressaltando a necessidade de uma prática jornalística complexa e consciente em relação ao combate ao racismo.

METODOLOGIA

A pesquisa utilizou uma metodologia cruzada entre a Análise de Conteúdo (AC), e o Estudo de Caso. Conforme Sampaio & Lycarião (2021), a Análise de Conteúdo é uma técnica sistemática para extrair inferências de textos, permitindo identificar padrões, valores e preconceitos. Já o Estudo de Caso, investiga fenômenos dentro de seus contextos reais, sendo útil para explicar vínculos causais e descrever intervenções complexas. A combinação dessas metodologias visa compreender como o jornalismo esportivo da Rede Globo aborda o racismo no esporte.

A amostragem pesquisa compreendeu as reportagens que tem como tema geral conflitos étnico-raciais no esporte. A plataforma do Globoplay foi utilizada como o campo de busca das reportagens. O recorte temporal compreende materiais publicados entre os anos de 2017 e 2021. Ao todo, 36 reportagens foram analisadas.

Para a presente pesquisa, foram desenvolvidas 19 categorias afim de responder o problema de pesquisa. Elas foram divididas em cinco seções: “Identificação do Conteúdo, do Programa e do Veículo”, “Sobre a Reportagem”, “O/A repórter”, “Sobre Jornalismo” e “Sobre Ativismo”. A última categoria, “Perfil da reportagem”, foi a que indicava qual o direcionamento da reportagem jornalismo pôde ser concluído após a análise.

RESULTADOS

O diagnóstico do perfil Ativo-Advocatório nas reportagens observadas revelou uma forte presença de ativismo, principalmente nas áreas de ativismo negro e esportivo. Essas matérias se destacam por incorporar a narrativa subjetiva, enfatizando a experiência pessoal e as histórias de vida dos envolvidos, ao invés de se limitar à objetividade jornalística. A humanização dos atores e a representação de figuras e símbolos antirracistas são características marcantes dessas reportagens, que buscam situar o racismo dentro do contexto esportivo e promover uma compreensão mais profunda das desigualdades sociais. Esse tipo de reportagem, assinada muitas vezes por jornalistas negros, enfatiza a necessidade de julgamento e punição dos casos de racismo, oferecendo uma análise complexa e contextualizada dos fenômenos raciais no esporte. A abordagem visa sensibilizar o público e fomentar a transformação social, indo além da simples reprodução dos fatos.

Em contraste, o perfil Passivo-Neutro foi mais prevalente em reportagens de 2020, um ano marcado por um aumento no ativismo esportivo e pela pandemia global. Essas reportagens se caracterizam pela objetividade e pela falta de aprofundamento crítico, tendendo a relatar apenas os acontecimentos sem problematizar ou contextualizar o racismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa identificou que o perfil predominante na cobertura do racismo no esporte é o Ativo-Advocatório, especialmente nas reportagens produzidas por jornalistas negros. No entanto, ainda existem desafios significativos, como a representação desigual de profissionais negros nas redações, a predominância de vozes institucionais em detrimento das especializadas e o papel do jornalismo local e diário neste contexto. Em síntese, o estudo propôs que o jornalismo esportivo brasileiro, ao adotar uma abordagem Ativo-Advocatória, pode não apenas informar, mas também educar e promover mudanças sociais. Isso requer uma reflexão constante sobre a responsabilidade social do jornalismo, especialmente em um contexto onde o racismo persiste como uma realidade estrutural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Rosane. Mídias, racismo e outras formas de destituição: elementos para o reposicionamento do campo da comunicação. In CORRÊA (orgs), Vozes negras em comunicação: mídia, racismos, resistências. Belo Horizonte: Autêntica, 2019

SODRÉ, Muniz. Claros e Escuros: identidade, povo, mídia e cotas no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021.

A representação da masculinidade negra na Blaxploitation: um olhar através do filme Shaft (1971)

Hector Lucas Sousa Mendonça⁸
Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

O presente trabalho investiga a representação do homem negro dentro do movimento de cineastas negros estadunidenses, a Blaxploitation, mais especificamente voltando seu olhar para o filme Shaft, de 1971, a fim de destacar as contribuições positivas e negativas que o movimento cinematográfico e o filme em questão trazem para a representação masculina negra. A análise do artigo parte dos estudos de Stuart Hall (2016) quando o autor traz a Blaxploitation como um rompimento de estereótipos de representação negra. Além de Hall, o trabalho também alinha seu percurso empírico a partir de outros autores que estudam raça, como Bhabha e Fanon, e masculinidades, como Bourdieu e hooks.

PALAVRAS-CHAVE: Blaxploitation. Cinema Negro. Masculinidade Negra. Representação. Estereotipagem.

INTRODUÇÃO

Em seu livro Cultura e representação, Stuart Hall traz três estratégias de contestação ao “regime de representação”. O que o autor chama de regime de representação é o poder estabelecido na representação, de marcar, atribuir e classificar o Outro. Esse poder vai além da coerção física, instala nas relações uma hierarquia social, um poder simbólico que é exercido através das práticas representacionais e a estereotipagem.

Hall (2016) define a estereotipagem como uma simplificação dos sentidos e características físicas que “reduz, essencializa, naturaliza e fixa a diferença” (191). Para além disto, Bhabha (2013), outro autor que trabalha com a ideia das representações negras, define o termo como

um modo de representação complexo, ambivalente e contraditório, ansioso na mesma proporção em que é afirmativo, exigindo não apenas que ampliemos nossos objetivos críticos e políticos mas que mudemos o próprio

⁸ Mestrando em comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Sergipe.

objeto de análise. (2013, p.123)

O primeiro filme que se utilizou dos estereótipos negros no cinema foi “O nascimento de uma nação”, de 1915, dirigido por D.W. Griffiths. O diretor é considerado um dos fundadores do cinema, e com este filme introduziu diversas técnicas cinematográficas e deu início a “gramática” do cinema mudo. Além de contribuir para o desenvolvimento do Cinema, “O nascimento de uma nação” também ficou marcado como uma propaganda indireta para a Ku Klux Klan, grupo de extremistas brancos que acreditam na pureza da raça branca. O filme de Griffiths é um ótimo exemplo do uso do regime de representação, exercendo o poder simbólico através das práticas representacionais como um elemento-chave da violência simbólica.

Retomando para as estratégias de contestação propostas por Hall, o que nos interessa neste trabalho é a primeira delas: a “inversão de estereótipos”, que consiste na reversão de valores, ou seja, o que era posto como negativo, será colocado com um valor positivo. O próprio autor utiliza a *Blaxploitation* como um exemplo de uso dessa estratégia, que apesar de reverter os estereótipos, não se mostra eficaz em romper de fato com tais. Levando em consideração que concordamos com a exemplificação de Hall, neste trabalho iremos discorrer sobre os acertos e erros da *Blaxploitation*, mais especificamente do filme Shaft (1971) em romper com os estereótipos an representação do homem negro.

A *Blaxploitation* foi um movimento cinematográfico negro que surgiu na década de 1970, trazendo não apenas protagonistas negros e negras para a centralidade das tramas, como também a autoria negra por traz das câmeras. O movimento teve o intuito de fazer filmes comerciais negros com gêneros que traziam apenas um protagonismo branco em *Hollywood*. Shaft, dirigido por Gordon Parks, “é uma das referências do gênero, o qual, em um clima noir, conta a história de um detetive africano-americano que confronta a máfia italiana em busca da filha de seu empregador” (Brandão, 2019). O filme foi um sucesso comercial e gerou outras produções: O grande golpe de Shaft (1972), também dirigida por Gordon Parks, Shaft na África (1973), de John Guillermin, a série de TV Shaft (1973-74), Shaft (2000), de John Singleton, e Shaft (2019), de Tim Story. O Shaft de 1971 também ganhou o Oscar de melhor canção original com “*Shaft’s Theme*”.



Imagem 1: Capa do filme Shaft (1971)

O início do filme já dita o tom do protagonista, Shaft sai do túnel de metrô no Harlem, está bem vestido com um sobretudo marrom de couro, já causando uma imponência e a impressão de um homem bem sucedido. Enquanto Shaft anda pelas ruas da cidade, a trilha sonora traz a música tema do filme.

Who's the black private dick / Quem é o negão gostoso particular
That's a sex machine to all the chicks? / Que é uma máquina de sexo
para todas as garotas?

(Shaft!) / (Shaft!)

You're damn right / Você estão certíssimas

Who is the man that would risk his neck for his brother, man? /
Quem é o cara que arriscaria seu pescoço por um amigo?

(Shaft!) / (Shaft!) [...]

You see this cat Shaft is a bad mother (Shut your mouth) / Você sabe
que esse cara é um grande filho da (Cala a boca)

But I'm talkin' about Shaft / Mas eu estou falando do Shaft

(Then we can dig it) / (Então nós podemos continuar)

He's a complicated man / Ele é um homem complicado

But no one understands him but his woman / Ninguém o entende
menos sua mulher⁹.

A canção tema do filme nos entrega uma exaltação à virilidade e sexualidade do homem negro, como aquele que tem um corpo esteticamente másculo e atrativo (para os padrões hegemônicos estabelecidos), além de ter uma performance sexual acima da média, exaltando a estereotipagem de que homens negros tem um forte apetite sexual.

Além disso, outro ponto da virilidade de Shaft é o confronto com o perigo, o protagonista se coloca em risco de vida para que possa salvar os seus. Esse

⁹ THEME FROM SHAFT (TRADUÇÃO) - Isaac Hayes - LETRAS.MUS.BR

enfrentamento à morte retoma também ao passado colonial, como destaca Dos Santos em diálogo com Achille Mbembe.

Desafiar a morte faz parte de uma tradição masculina negra, pois o medo da morte é o que induz o homem negro a se perder nos caminhos que conduzem ao reino da liberdade. O homem negro escravizado a todo momento dialoga e negocia com os deuses da morte, pois é íntimo deles. As instigantes provocações de Achille Mbembe (2017) sobre a morte conferem um status digno para as masculinidades negras: o status de sobrevivente. O status de sobrevivente permite o homem negro descer e transitar nos mais profundos infernos da escravidão e da atormentada condição pós-colonial a qual estão submetidos. (Dos Santos, 2017, p. 40)

A virilidade acionada em Shaft garante uma autoestima para o homem negro, uma autoconfiança de que ele é um ser 'poderoso'. Porém essa virilidade, se colocada de forma exacerbada pode acabar se tornando em um estigma (como no caso da estereotipação) e projetar em homens negros uma virilidade inalcançável fora das telas.

O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade. [...] A virilidade, entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência (sobretudo em caso de vingança), é, acima de tudo, uma carga (Bourdieu, 2012, p. 64).

Dialogando com Bourdieu e o exercício da violência, que o autor destaca a vingança, retomamos a Hall que considera os filmes da *Blaxploitation* como filmes de "vingança", nos quais a audiência saboreava a vitória dos heróis negros diante dos brancos.

Ao mesmo tempo em que Shaft faz o uso da violência para exercer o seu poder perante os rivais, ele enquanto detetive também faz uso do seu intelecto para resolver os mistérios para quais é contratado, assim rompendo com as representações estereotipadas, já que "mais do que qualquer outro grupo de homens [...], os negros são percebidos como sujeitos desprovidos de habilidades intelectuais" (hooks, 2022, p. 89). Além do intelectual o filme rompe, brevemente, com a dureza do homem negro de não demonstrar sentimentos, porém no caso extremo em que o mafioso Bumphy está implorando para que Shaft encontre a sua filha, nesse momento o chefe da máfia se emociona e começa a chorar.

Ao mesmo tempo em que Shaft rompe com estigmas negros e traz uma

vetor de empoderamento, ele também não se distancia da branquitude. O detetive transita nos dois mundos, na comunidade negra do Harlem na qual é respeitado, e no meio policial dominado por homens brancos, personificado no personagem do policial Vic. Neste universo Shaft precisa se impor para que mantenham o respeito (mesmo que em algumas passagens outros policiais o tratem com desdém). A colaboração entre Shaft e Vic faz com que o filme passe uma mensagem de 'união entre as raças', propondo uma autonomia negra, mas não de forma separatista.

Outra aproximação de Shaft com a branquitude é através de relações sexuais com mulheres brancas. Essas relações podem ser vistas em duas óticas, ambas problemáticas para o homem negro. A primeira segue pelo olhar da mulher branca, que contaminada pela estereotipagem do apetite sexual do homem negro, cria uma fetichização na imagem de tal. A segunda segue pelo olhar do homem negro, que como traz Fanon (2008), o homem negro se relaciona com a mulher branca para se sentir mais próximo da cultura branca, para que ele possa, de alguma forma, ser visto e aceito como branco.

CONCLUSÕES

Shaft, assim como diversos outros filmes da *Blaxploitation*, seguem um caminho tortuoso para nos apresentar homens negros. Como bem traz Brandão (2019)

é sobre esse arquétipo [do negro viril, forte, perigoso e sexualmente ativo] de homem que o *blaxploitation* irá criar suas representações. Em uma leitura mais superficial poderíamos considerar até que essa é uma imagem positiva do africano-americano, pois lhe está conferindo certos status antes negados na sociedade norte-americana. Contudo, a problemática está no modo e nos grupos sociais que irão conferir o controle narrativo e imagético da vida sexual deste homem negro, essa que sempre foi muito interrogada e monitorada pelo *mainstream*. (2019, p. 131-132)

Shaft dá aos homens negros na tela protagonismo e empoderamento que, a té aquele momento, era pouco visto no cinema comercial estadunidense. Diversos signos que foram colocados como pejorativos para homens negros, a *Blaxploitation* transformou em positivos dentro das suas narrativas. Porém a exaltação desse signos pode também ser interpretada como uma romantização e glorificação de características que homens negros tentam fugir até hoje, como de

serem violentos ou hipersexuais.

É inegável a importância da *Blaxploitation* para a autoria negra dentro do cinema estadunidense, colocando o seu protagonismo não apenas nas grandes telas, mas também levando para TV, dando espaço a autores negros. Mas também é preciso estar ciente de que são obras datadas, que fizeram sentido no seu tempo, mas não dialogam mais com as reivindicações e representações de homens negros tanto nas mídias quanto na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi K. O local da cultura; tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BOURDIEU, Pierre, A dominação masculina / tradução Maria Helena Kühner. 11º ed. - Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2012.

BRANDÃO, João Lucas França Franco. O novo cinema negro importa: cultura e política nas imagens de Os Donos da Rua (John Singleton, 1991) e Febre da Selva (Spike Lee, 1991). Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História, 2019.

DOS SANTOS, Daniel. Como Fabricar um Gangsta: Masculinidades Negras nos Videoclipes dos Rappers Jay-Z e 50 Cent. Dissertação (Mestrado - Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, 2017.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas; tradução de Renato da Silveira. - Salvador : EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Apicuri, 2016.

hooks, bell. A gente é da hora: homens negros e masculinidade / Tradução: Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022.

SHAFT. Direção: Gordon Parks. EUA: MGM, 1971, (100 min).

EIXO 3 – COMUNICAÇÃO E REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Jornalismo móvel e o trabalho do videorrepórter: uma análise da recepção crítica da audiência na página “Virei Jornalista”

Kamilla Abely Dias GOMES¹⁰
Vitor José Braga Mota GOMES¹¹
Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

Este artigo investiga como a profissão de videorrepórter é percebida pela audiência da página “Virei Jornalista”. A partir de uma análise de conteúdo do tipo temática, os comentários de uma postagem específica foram selecionados para compreender os sentidos mobilizados sobre essa prática de jornalismo móvel em uma afiliada da Rede Globo. Os resultados apontam para uma audiência, em sua maioria, crítica em relação ao papel da tecnologia no mercado jornalístico, destacando questões como a precarização, acúmulo de funções, remuneração desproporcional e problematização da romantização e glamourização da sobrecarga.

PALAVRAS-CHAVE: Videorrepórter; Jornalismo móvel; Virei Jornalista; Audiência.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, observamos um movimento de enxugamento das redações de TV em que o cinegrafista assume também o cargo de motorista ou mesmo o repórter assume as três funções. Nesse cenário, as câmeras pesadas são deixadas de lado e são substituídas por algo mais prático e leve: o *smartphone*. Essa modalidade conhecida como jornalismo móvel deriva do termo *MoJo (Mobile Journalist)* que “começou a ser empregado a partir de 2005 para expressar o trabalho dos repórteres do Gannett Newspaper, nos Estados Unidos” (Silva, 2015, p. 10).

Com a prática, o videorrepórter emerge como o profissional capaz de produzir sozinho uma reportagem, desde a pauta, a captação de imagens, a realização de entrevistas e até mesmo a edição do material a partir de um *smartphone*, além de ferramentas auxiliares como tripé e estabilizadores de câmera.

Esse contexto de reconfiguração do trabalho exige do novo profissional

¹⁰ Mestranda pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Jornalista formada pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Email: kamillaabely@academico.ufs.br

¹¹ Orientador do trabalho. Professor do curso de jornalismo da UFAL e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFS, email: vitor.braga@ichca.ufal.br

habilidades mútuas e certo malabarismo que desperta preocupação da categoria com a qualidade dos conteúdos televisivos, enxugamento das equipes, fim da profissão de cinegrafista, condições de trabalho físicas, psicológicas e remuneração equivalente. Isso porque ser multitarefa ou multimídia (Figaro et al, p. 14, 2023) pode se tornar “um problema para a qualidade do produto, porque acontece em um quadro de longas jornadas, desregulamentação de direitos e da profissão, micro equipes (equipe do eu mesmo) e pressão crescente por audiência”.

O presente artigo tem como objetivo apresentar como os jornalistas brasileiros, enquanto audiência da página “Virei Jornalista”¹², percebem e compreendem a função de videorrepórter dentro do jornalismo televisivo, bem como as questões, problemáticas e pontos positivos que são levantados sobre o tema. O interesse pela temática e material de análise parte de uma postagem específica publicada no Instagram em que ilustra um videorrepórter conduzindo uma matéria com participação ao vivo. O trabalho foi desenvolvido na disciplina Estudos de Audiência e da Recepção do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (PPGCOM-UFS).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao traçar um panorama histórico, no Brasil, o jornalismo móvel chega nos anos 1980 sob uma ótica de experimentação, amadorismo e opção frente a poucos recursos financeiros, tecnológicos e falta de pessoal. No país, a precursora foi o programa TV MIX da TV Gazeta de São Paulo com uma grade variada. Conforme Thomaz (2006, p. 93):

Dentro da programação, havia o espaço para a cobertura jornalística local. Sem recursos para contratar várias equipes, a solução encontrada pelo diretor da TV MIX, Fernando Meirelles, foi criar o videorrepórter. No início, as videorreportagens na TV Gazeta eram feitas de forma amadora por estudantes ou profissionais de outras áreas, tempos depois, passou a ser desenvolvida por jornalistas preocupados não só com a forma, mas também com o conteúdo.

Sobre essa etapa que configura o nascimento da videorreportagem no contexto brasileiro, Araújo (2010, p. 54) pontua que a modalidade emerge como uma proposta alternativa e oposta ao jornalismo tradicional com sua linguagem objetiva e séria, exigindo do videorrepórter um movimento de improviso e

¹² Disponível em: <https://www.instagram.com/vireijornalista/>

criatividade baseado em uma linguagem mais intimista com o público. É nesse cenário de fim da Ditadura Militar que ocorria uma consolidação da indústria televisiva e maior acessibilidade às câmeras de vídeo portáteis (Araújo, 2010).

Com o passar dos anos, o jornalismo móvel foi se popularizando e ganhando forma sobretudo a partir de algumas evoluções tecnológicas. Rodrigues (2020) destaca, em sua tese sobre as novas formas de produzir conteúdo jornalístico, alguns marcos importantes para essa popularização: (1) o lançamento do primeiro iPhone em 2007; (2) a loja de aplicativos da Apple em 2008; e (3) a massificação das redes 3G por meio do aumento da capacidade de transmissão de dados nos *smartphones*:

Então, antes dos marcos no desenvolvimento das tecnologias de telecomunicação, os celulares serviam mais como suporte para a apuração jornalística. O seu uso e a avaliação dos profissionais foram mudando à medida que a evolução dos sistemas de usabilidade e da qualidade do registro audiovisual foram sendo aplicadas nos aparelhos. (Rodrigues, 2020, p. 7)

A partir dessa inclusão do *smartphone* também na produção de matérias televisivas, o pesquisador constata que esse novo tipo de jornalismo e suas características como agilidade, flexibilidade e acessibilidades são reflexos da “redução das redações de jornal, do crescimento do jornalismo digital e da preferência do mercado de trabalho por profissionais que saibam lidar com multitarefas” (Rodrigues, p. 77). Para Pontes e Mick (2023, p. 30), ao analisar a crise e mercado de trabalho dos profissionais no Brasil, o ambiente de flexibilidade anda junto à precarização em que é importante considerar o contexto do problema como “resultado de transformações econômicas, tecnológicas e políticas que estruturam o campo contemporâneo dos mídia”.

No que diz respeito ao imediatismo em uma sociedade cada vez mais conectada, Pontes (2017) ressalta que os novos modos precários de trabalho coexistem com essa dinâmica de instantaneidade e velocidade da informação e do ato de informar:

Formas contemporâneas de precarização do trabalho jornalístico coincidem com o avanço da produção e circulação da informação em todas as esferas da vida cotidiana, com formatos e técnicas distintas para oferecer as informações ao público e de compartilhar informações com ele. (Pontes, 2017, p. 175)

Nesse sentido, o novo profissional é formado sob essa nova necessidade do mercado por jornalistas multifuncionais que colecionam funções antes desempenhadas por diferentes pessoas que compunham uma equipe. Apesar da videorreportagem e jornalismo móvel nascerem sob a proposta alternativa e contra-hegemônica, a modalidade foi apropriada pelos grandes conglomerados de mídia comerciais não só no Brasil, mas em todo o mundo. Uma tendência que faz sentido para muitos frente aos avanços tecnológicos, mas que também é alvo de críticas no que tange à qualidade, enxugamento das equipes, extinção de profissões e falta de condições justas de trabalho.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A postagem feita pelo perfil “Virei Jornalista”(página sobre jornalismo, memes e bastidores da TV) através da plataforma Instagram foi publicada no dia 25 de maio deste ano. O vídeo no formato Reels mostra uma videorreportagem feita pelo jornalista paraense Adriano Baracho¹³, originalmente divulgada em seu perfil no Tik Tok. O trecho traz uma entrada ao vivo no programa “Bom Dia Cidade” da emissora “TV TEM”, afiliada da Rede Globo em Botucatu (São Paulo) e região, com a temática de educação.

O *corpus* deste estudo foi coletado manualmente entre os dias 30 e 31 de maio, totalizando 517 comentários enquanto interações entre os usuários que promoveram uma discussão na postagem. Com natureza quali-quantitativa, utilizamos como metodologia a Análise de Conteúdo do tipo temática com os princípios propostos por Bardin (2012) para observação da recepção. O processo metodológico se pautou em três etapas: 1) pré-análise, em que ocorre a coleta e organização do material que vai ser estudado a partir das fases de leitura flutuante, escolha dos documentos, preparação do material, referenciação dos índices e a elaboração de indicadores; 2) exploração do material, na qual acontece a codificação da mensagem, que pode ser realizada por meio de unidades de registros ou categorias; e 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretação, momento em que é feita a sistematização de resultados obtidos por meio das fases anteriores, permitindo uma categorização temática dos dados.

¹³ Adriano Baracho é jornalista formado em Comunicação Social com Habilitação Jornalismo em 2015 pela Faculdade Ipiranga, em Belém do Pará. Com 31 anos de idade, atua como videorrepórter na TV TEM, em Botucatu, há mais de 2 anos. Já trabalhou em alguns veículos como TV Liberal, em Marabá (PA) e TV Correio - SBT Parauapebas.

4. ANÁLISE DE CONTEÚDO

O material foi separado em uma planilha com tópicos: nome do usuário, comentário, curtidas, respostas, tom (se positivo, negativo ou neutro) e observações com o intuito de analisar e categorizar com mais facilidade o posicionamento da audiência.

Quadro 1: Estrutura de tópicos da análise de conteúdo produzida.

Tópico	Descrição	Tipo
Nome de usuário	User na mídia social para identificar o usuário que está comentando e se há mais de um comentário ou interação em outros comentários	Quantitativo
Comentário	Textos dos usuários sobre a postagem para analisar como se deu a recepção	Qualitativo
Nº de curtidas	Quantitativo de curtidas dos usuários para avaliar o nível de engajamento nos comentários de algumas pessoas dentro da publicação	Quantitativo
Respostas	Respostas dos usuários dentro dos comentários específicos para verificar o nível de interação e discussões mobilizadas internamente	Qualitativo
Tom	Teor do comentário para entender se a recepção foi positiva (admiração, resignação), negativa (denúncia, descontentamento/desagrado, choque/susto) ou neutra (humor, exposição de situações pessoais, flertes)	Qualitativo
Observações	Considerações a partir da leitura, releitura, pré-análise e tratamento dos dados qualitativos e quantitativos para categorização do <i>corpus</i> e compreensão do processo de recepção na postagem	Qualitativo

Em relação ao tom dos comentários, apenas 19 foram positivos com apresentação de elogios e parabenizações às habilidades e trabalho do profissional. Como exemplo, a fala do usuário @jcgad “*E o cara é craque né - ficou ótimo*”. Além dos elogios, foi possível notar alguns comentários de tom neutro que não traziam necessariamente o teor positivo ou negativo, em sua maioria expositivos. No espaço de debate, algumas pessoas compartilharam suas experiências enquanto videojornalistas ou profissionais multitarefas destacando as facilidades que atualmente a tecnologia oferece.

Aliado a esses novos equipamentos leves e portáteis, na prática, como aponta Rodrigues (2020, p. 22), “a preferência atual do mercado de trabalho é pelos profissionais que saibam lidar, sozinhos, com multitarefas” e é neste cenário que o *mojo* se fortalece enquanto “técnica jornalística adequada a essas demandas”. Outros usuários destacaram que enxergam o processo com naturalidade como o seguidor @oscarmf “*Hoje em dia a tecnologia permite! Acho válido*”. Uma delas classificou como “mimimi” as discussões sobre exploração e

citou sua experiência profissional passeando por diversas funções que hoje lhe são úteis.

“Eu me formei em 2001, no boom da internet. Naquela época o “mimimi” era porque não podia usar a matéria escrita pro jornal no site, porque, teoricamente, deveria ter um repórter só pro site. Na teoria é lindo, concordo. Na prática nem sempre é viável. Outro “mimimi”: eu tirava as fotos com minha Mavica (uma câmera digital com disquete). Teoricamente deveria ter um repórter fotográfico. Resumo: aprendi a fotografar, editar texto pra internet etc... Uso tudo no meu dia a dia hoje. Ainda bem que não fiquei presa apenas ao texto. Lógico que existem excessos, exploração de mão de obra etc. mas não vejo nada de mais em segurar um gimbal pra viabilizar uma matéria. São outros tempos, outras formas de produzir/consumir conteúdo, outro mercado, outras formas de monetização etc” - Usuário 3 (tisajaques)

Ainda que reconheçam que existam excessos e possibilidade de exploração, os usuários trazem o novo cenário tecnológico como aspecto principal que molda as novas formas de trabalhar - e que o jornalista deve se adaptar e acompanhar tais mudanças. Para Figaro et al (2023, p. 14), mesmo dentro de “quadro dramático” composto por jornadas laborais extensas com o enxugamento das equipes e contexto da própria desregulamentação da profissão:

[...] há os que confundem avanço tecnológico e aperfeiçoamento da atividade profissional com deslumbramento tecnológico e prescrição naturalizada. Ou seja, “é assim e não há o que fazer”. Essa naturalização dos usos que o capital faz das tecnologias é reacionária e limita o avanço do conhecimento em proveito da humanidade.

Entre “teoria e prática”, em um contexto em que o mercado e as grandes Big Five ditam a velocidade e não-regras das relações laborais - plataformizadas, há quem se assuste e há quem demonstra familiaridade com o cenário, com ou sem a romantização do processo. Há quem treine seus malabarismos cotidianamente e compartilhe os bastidores em suas redes pessoais, como Adriano Baracho, abrindo espaço para discussões sobre o futuro (precarizado) do jornalismo - que veremos a seguir.

4.1. PRECARIZAÇÃO AO VIVO

No que diz respeito aos comentários de tom negativo, foram contabilizados cerca de 316, alguns acumulando centenas de curtidas como o do usuário @rafaelmesquitaj que aponta “Precarização extrema! Não deve ser celebrada, deve ser denunciada”, com 844 curtidas e o de @pablopmr “Faz o trabalho de 3,

recebe por meio”, com 452 likes. A curtida nas redes sociais desempenha um papel de aprovação no meio social online, sobretudo em postagens que abrem espaço para discussão com embates de posicionamentos políticos e ideológicos.

Nesse aspecto, a precarização foi um dos termos mais citados nos comentários com ênfase na substituição de vários profissionais por um só que acumula as várias funções. Para entender a precarização, os pesquisadores Pontes e Lima (2019, p. 3) pontuam “jornada de trabalho excessiva, intensidade do trabalho, vínculo precário, salários baixos e multifuncionalidade” como os cinco indicadores principais para configurar quão precária está a profissão.

Usuários comentaram sobre a substituição dos profissionais, como o usuário @rodrigomaker: *“O cinegrafista substituído. O assistente já era. O motorista foi substituído pelo Uber. É o padrão Globo de qualidade”*. Alguns cinegrafistas também compartilharam suas impressões sobre o mercado, como o usuário @nicobalca82:

“Sou cinegrafista com DRT e tudo e a cada dia vejo minha profissão morrendo, sendo substituída pela ganância dos empregadores, com a justificativa de avanço da tecnologia. Antes usávamos 3 cinegrafistas pra fazer um evento que hoje é feito por uma câmera robótica, operada por apenas 1 profissional e as previsões são pessimistas com a chegada da inteligência artificial, fazendo com que logo não precisemos mais de um ser humano para operar uma câmera”

O enxugamento e troca pela equipe do “eu mesmo” (Figaro et al, 2023) foi destacado como uma realidade de emissoras pequenas, o seguidor @fabiomeloam, por exemplo, pontuou que *“já é assim em praticamente todas as emissoras do Brasil. Chama-se vídeo repórter. Enxugaram tudo. Menos custo para as emissoras principalmente as pequenas. É mais lucro para os patrões”*. Alguns usuários destacaram as demissões em massa como realidade de outras afiliadas da Globo, como o @ccsjrproducer: *“Aqui no Amazonas, a afiliada da Globo demitiram vários cinegrafistas e agora provavelmente repórteres serão cinegrafista também”*.

Para Grohmann (2013, p. 102), é necessário compreender os oligopólios e conglomerados de comunicação para entender o cenário e as mudanças no mercado jornalístico como algo estruturante da conjuntura atual econômica - e não como situações individuais isoladas ou inusitadas - como são o caso das:

Ondas de demissões de jornalistas nas grandes empresas de comunicação: os famosos “passaralhos”. As transformações

econômicas das indústrias midiáticas provocaram modificações no processo produtivo dos trabalhadores destas indústrias culturais.

É curioso perceber que o cenário do mercado, ao mesmo tempo que é comum para alguns jornalistas, aparece como inimaginável e distante para outros profissionais que passam a ter contato com essa realidade a partir dos relatos dos colegas. Em resposta ao usuário @pcsjoao, que questiona: *“Qual o próximo passo? O repórter também editar as demais matérias, ir pra externa e também ser o âncora?”*, alguns jornalistas comentam que a situação hipotética é a realidade em algumas regiões no Brasil. No diálogo, é interessante notar algumas atividades listadas como funções acumuladas pelo repórter, como a produção de material para as mídias sociais.

5. CONCLUSÕES

Os resultados apontam para uma audiência, em sua maioria, crítica em relação ao papel da tecnologia no mercado jornalístico, destacando questões negativas como a precarização, acúmulo de funções, remuneração desproporcional e romantização da sobrecarga pelos próprios profissionais que aceitam cargos como o de videorepórter. É importante ressaltar o local dos comentários como um espaço de desabafos e trocas de experiências profissionais similares - como o relato de adoecimento mental e mudança de carreira por alguns profissionais e o processo de se perceber nesse cenário de enxugamento de equipes a partir das vivências de alguns cinegrafistas que comentaram na postagem.

É indispensável voltar ao olhar para esses temas em uma perspectiva analítica interseccional, a partir de estudos mais aprofundados e com maior representatividade nacional, talvez enfatizando recortes locais e investigando comentários que denunciam a prática vista como precária como realidade em alguns estados e emissoras. Como contribuição para os futuros estudos, seria importante analisar a performance de profissionais como Adriano Baracho nas mais diversas plataformas de mídias sociais, como criador de conteúdo e divulgador dos bastidores do próprio trabalho, além das imbricações do discurso veiculado em termos de romantização e glamourização do acúmulo de funções enquanto videorepórter.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELANTADO, E. Mateu. La cultura del entretenimiento móvil en España. In Aguado, J. M., Martínez, I. J. (eds.), Sociedad móvil. Tecnología, identidad y cultura, Madrid: Biblioteca Nueva, 2008.

ADGHIRNI, Zélia Leal. O Jornalista: do mito ao mercado. Estudos em Jornalismo e Mídia. Vol II, n. 1, 1º sem. 2005.

ARAUJO SILVA, Karina de. Videorreportagem em três estilos: Análise de um subgênero em formação. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – FACOM/UFBA, 2010.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2012.

BORELLI, Sílvia Helena Simões; PRIOLLI, Gabriel. A deusa ferida: por que a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência. Summus Editorial, 2000.

FIGARO, Roseli; MOLINI, João Augusto; PACHI FILHO, Fernando Felício; NONATO, Cláudia. Reconfigurações do trabalho e da identidade de jornalistas: reflexões com base em pesquisa no período de pandemia de Covid-19. Revista Observatório, [S. l.], v. 9, n. 1, p. a13pt, 2023. DOI: 10.20873/uft.2447-4266.2023v9n1a13pt. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/18011>. Acesso em: 25 jun. 2024.

FIDALGO, A. Pushed News: When the news comes to the cell phone. Brazilian Journalism Research, v. 5, n. 2, 2009.

FIGARO, Roseli. Jornalismo e Trabalho de Jornalistas: desafios para as novas gerações no século XXI. Revista Parágrafo, v. 2 n. 2, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/231/261>. Acesso em: 25 jun. 2024.

GROHMANN, Rafael. O Trabalho dos Jornalistas como Sintoma da Lógica dos Conglomerados. Revista Alterjor, São Paulo, Brasil, v. 8, n. 2, p. 101-115, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88299>. Acesso em: 26 jun. 2024.

PONTES, Felipe Simão. Adelmo Genro Filho e a Teoria do Jornalismo: 30 anos de O Segredo da Pirâmide. Brazilian Journalism Research, vol 13, nº 1, 2017.

PONTES, Felipe Simão; MICK, J. Crise e mercado de trabalho: trajetórias profissionais de jornalistas no Brasil (2012-2017). In: ANAIS DO 27º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2018, Belo Horizonte. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2018/trabalhos/crise-e-mercado-de-trabalho-trajetorias-profissionais-de-jornalistas-no-brasil-2?lang=pt-br>. Acesso em: 26 Jun. 2024.

PONTES, F. S.; LIMA, S. P. Impactos do mercado jornalístico na vida de seus trabalhadores: um estudo sobre indicadores de saúde dos jornalistas brasileiros. Revista FAMECOS, [S. l.], v. 26, n. 2, p. e31729, 2019. DOI: 10.15448/1980-3729.2019.2.31729. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/31729>.
Acesso em: 26 jun. 2024.

RODRIGUES, L. P. Jornalismo móvel e novas formas de produzir conteúdo jornalístico. Tese (Mestrado em Comunicação) – Departamento de Comunicação e Arte (DeCA) da Universidade de Aveiro. Portugal, p. 148. 2020.

SILVA, Fernando Firmino da. Jornalismo móvel. Salvador: EDUFBA, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/18003>. Acesso em 25 jun. 2024.

TERRANOVA, Tiziana. Free Labor. In: SCHOLZ, Trebor (org.). Digital Labor: the internet as playground and factory. New York: Routledge, p. 33-57, 2013.

THOMAZ, Patricia. A linguagem experimental da videoreportagem. Revista Inovcom, p. 92-99, 2006.

Educação em pauta: desenhando uma metodologia para avaliar a qualidade da cobertura de educação pela Folha de S. Paulo

Lucas Lima Souza¹⁴

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

Este estudo propõe uma avaliação experimental da qualidade de cobertura jornalística de educação pelo jornal Folha de S. Paulo, pioneiro no Brasil ao criar uma editoria específica para o tema. A pesquisa tem bases na aplicação experimental de parâmetros analíticos e concepções gerais de qualidade, utilizando o "Guia da Agenda Jornalística" de Guerra (2016) como principal referencial metodológico. A qualidade neste contexto é definida como o grau de conformidade entre as notícias publicadas e as expectativas da audiência, considerando tanto a dimensão privada quanto a dimensão pública.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Educação; Qualidade; Relevância; Folha de S. Paulo.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe uma avaliação experimental de qualidade do requisito de relevância da cobertura de educação realizada pela Folha de S. Paulo, jornal pioneiro no país a instituir uma editoria específica para cobrir o tema. É experimental pois seus parâmetros são projeções com fins analíticos para testar a concepção geral da avaliação de qualidade a partir do Guia da Agenda Jornalística, no contexto de uma proposta de Pesquisa Aplicada em Jornalismo (GUERRA, 2016).

Qualidade nesta pesquisa segue a definição conclusiva que Guerra (2010) comenta que se trata do grau de conformidade entre as notícias publicadas e as expectativas da audiência, consideradas as expectativas da audiência em duas dimensões: a) dimensão privada, relativas a seus gostos, preferências e interesses pessoais; e b) dimensão pública, relativas ao interesse público. Esses conceitos são aplicados a todas as organizações jornalísticas que desempenham a atividade de

¹⁴ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (PPGCOM-UFS). Email: lucaslima15@gmail.com

produção noticiosa, independente do quantitativo de profissionais ou escala de atuação.

Entende-se que existe no ecossistema do jornalismo um conjunto de partes interessadas na construção e apontamento de relevâncias das informações que são disseminadas. Para esta pesquisa são utilizadas duas: o Estado e a sociedade, denominadas respectivamente de agenda política e agenda pública.

O guia não serve apenas como um instrumento para melhorar a qualidade e a eficácia das decisões editoriais, mas também contribui para a construção de uma relação de confiança entre os veículos de comunicação e seu público. Ao promover a transparência e a responsabilidade, o guia ajuda a fortalecer o papel do jornalismo como um pilar fundamental da democracia, assegurando que a informação seja tratada com o rigor e a seriedade que a sociedade merece (GUERRA, 2016).

O objetivo principal do guia é fornecer parâmetros e procedimentos técnicos e processuais que auxiliem nas decisões editoriais, baseadas em dados concretos para a construção da agenda jornalística. Este guia serve como um protocolo de procedimentos, utilizando um conjunto de indicadores, como o Fator de Relevância, o Índice de Resolução Semântica e o Indicador de Produtividade. Esses indicadores são aplicados em uma Matriz de Relevância, que é derivada de uma sistematização de temas e subtemas específicos de uma determinada área temática.

Ao oferecer essas diretrizes, o guia busca garantir que as decisões editoriais sejam fundamentadas em informações precisas e relevantes, refletindo de maneira mais fiel as prioridades e interesses da audiência. O uso do Fator de Relevância permite avaliar a importância de diferentes tópicos, enquanto o Índice de Resolução Semântica mede a clareza e precisão das informações. O Indicador de Produtividade, por sua vez, avalia a eficiência da produção de conteúdo.

A Matriz de Relevância, formada por meio de um processo detalhado de categorização e hierarquização dos temas e subtemas, oferece uma visão clara das áreas prioritárias a serem cobertas. Isso não apenas facilita a tomada de decisões,

mas também garante que a cobertura jornalística seja coerente, abrangente e de alta qualidade.

De modo geral, o guia se configura como uma ferramenta essencial para aprimorar a gestão editorial, promovendo uma abordagem mais organizada e eficaz na seleção e produção de notícias.

O problema de pesquisa que orienta este trabalho é sustentado por pilares identificados na prévia revisão de literatura em que constatou a existência de deficiência na cobertura noticiosa de educação. Autores como Pereira (2009) observam que os jornais brasileiros ainda realizam uma cobertura noticiosa sobre a educação de maneira negligente, sem conseguir realçar as nuances que precisam ser exploradas. De acordo com o autor, esse modus operandi da imprensa tem raízes históricas, resultante da falta de interesse dos veículos pelo campo educacional. Tal crítica é evidenciada pela organização sistemática dos jornais, que, em sua maioria, atribuem os assuntos relacionados à educação às editoriais de cotidiano ou "geral".

Ainda de acordo com Pereira (2009) essa abordagem superficial compromete a qualidade da informação oferecida ao público, deixando de lado aspectos essenciais que demandam uma análise mais aprofundada e especializada. A ausência de uma cobertura mais detalhada e dedicada reflete uma desvalorização do tema, relegando a educação a um segundo plano nas pautas jornalísticas. Dessa forma, questões complexas e importantes relacionadas ao sistema educacional acabam não recebendo a atenção necessária, perpetuando uma visão limitada e, muitas vezes, distorcida da realidade educacional do país.

A partir desse contexto apresentado, nota-se que a cobertura de educação sofre críticas que tangenciam de forma direta a qualidade do produto jornalístico realizado pela imprensa brasileira. Entretanto, uma vez que observadas essas críticas, é possível perceber que apesar de aferirem sobre a qualidade do jornalismo, elas não seguem critérios definidos sobre a composição do produto jornalístico, mantendo uma posição argumentativa baseada em entendimentos subjetivos sobre a profissão.

Por meio desse cenário, o problema aplicado nesta pesquisa é 1) como avaliar sistematicamente a qualidade da prática jornalística da cobertura de educação com base no critério de relevância para produzir um diagnóstico.

O critério de relevância que direciona este trabalho fundamenta-se na perspectiva de Sperber e Wilson (1995). Para esses autores, a relevância de uma informação está diretamente ligada à sua capacidade de gerar algum tipo de efeito no receptor. No contexto jornalístico, esse efeito inicia-se com a capacidade da notícia de capturar a atenção dos membros da audiência. A relevância, assim, está associada às competências prévias da audiência, que, por sua vez, geram expectativas de informação conforme suas demandas.

Essas demandas dividem-se em duas categorias principais: privada e pública. As demandas privadas referem-se a preferências particulares, que refletem uma busca espontânea por conteúdo de interesse pessoal. Por outro lado, as demandas públicas dizem respeito aos direitos e deveres dos cidadãos em sociedades democráticas, expectativas essas que são formalmente compartilhadas por todos os membros da sociedade (GUERRA & FEITOZA, 2020).

O foco deste trabalho está nas demandas da audiência de ordem pública, promovidas principalmente pelas agendas política e pública. A agenda política é formada pelas propostas resultantes de negociações entre o Executivo e o Legislativo, visando a aprovação e implementação de políticas públicas. Já a agenda pública é constituída pelas manifestações de diversos grupos da sociedade civil que buscam influenciar a agenda política e, conseqüentemente, as políticas públicas.

Essas duas agendas estão intimamente ligadas à agenda midiática. A relevância, definida a partir das demandas da audiência, especialmente aquelas de ordem pública, coloca a imprensa em uma posição crucial. O papel da mídia seria, em certa medida, pautar os temas em destaque nessas agendas, dando visibilidade a eles para que possam se transformar em políticas públicas. Além disso, a mídia tem a função de monitorar os desdobramentos dessas questões, exercendo sua função de accountability sobre os poderes públicos constituídos.

O primeiro passo para implementação do Guia é a identificação da matriz de relevância que neste caso trata-se da cobertura de educação. Para essa ação será utilizado o relatório de 2018 “Educação em pauta nas redações: a cobertura jornalística de educação” da Associação de Jornalistas de Educação (Jeduca) em que orienta jornalistas sobre temas e subtemas a categoria deve se atentar quando cobrir a editoria de educação.

Com a matriz de relevância em mãos apontando os temas e subtemas, é possível identificar as demais agendas que compõem a análise do guia: agenda pública e política. Para a identificação da agenda política será realizada uma análise documental no Plano Plurianual (PPA) de 2018-2021, desenvolvido pelo governo federal, identificando as políticas públicas e temas na área da educação que pautaram as atividades do governo Bolsonaro; e na lista de questões prioritárias em educação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Na agenda pública serão realizadas entrevistas com especialistas no setor de educação, no intuito de traçar os temas e principais demandas que assolam o debate público sobre educação.

Para analisar a correlação das agendas política e pública com a agenda midiática, representada pela Folha de S. Paulo, é necessário ter disponível, além dos fatores de relevância, o Indicador de Produtividade Jornalística (IProd), que expressa a capacidade de produção de notícias pela organização avaliada. Através do Fator de Relevância Jornalística de Referência (FRJ-R) será indicado o Índice de Resolução Semântica de Referência (IRS-R), que constitui uma meta a ser alcançada pelo veículo para os temas e subtemas, que deve considerar obviamente a capacidade produtiva do jornal. Os demais valores essenciais para fundamentar a avaliação são obtidos por meio da fórmula desenvolvida por Guerra (2016).

$$IRS-R = [(IProd \times FRJ-R) \div \sum FRJ-R] \times \text{número de rubricas}$$

Onde:

IRS-R – Índice de Resolução Semântica de Referência para cada tema

IProd (tema) – Indicador de Produtividade Jornalística por tema

FRJ-R – Fator de Relevância Jornalística de Referência para cada tema

Σ FRJ – somatório dos fatores de Relevância Jornalística

No. Temas/Rubricas – número de temas/rubricas a receberem cobertura

Aplicando os dados apurados na presente fórmula é possível chegar a um diagnóstico conclusivo referente a qualidade editorial da cobertura de educação, correlacionando as agendas com seus temas e subtemas e observando a proximidade entre os valores referenciais com os dados apurados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUERRA, Josenildo Luiz. Guia da Agenda Jornalística (GAJ) na perspectiva de uma proposta de Pesquisa Aplicada em Jornalismo (PAJ). *Brazilian Journalism Research*, Brasília, v. 12, n. 3, 2016.

GUERRA, Josenildo Luiz; FEITOZA, Liliâne do Nascimento Santos. RELEVÂNCIA JORNALÍSTICA: CONCEITO, FUNDAMENTOS E APLICAÇÃO. *Linguagem em (Dis)curso*, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 401-419, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-200210-10419>. Acesso em: 8 jul. 2024

SPERBER, D.; WILSON, D. Posfácio da edição de 1995 de “relevância: comunicação & cognição”. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 5, n. Especial, p. 171-220, 2010.

PEREIRA, Francisca Rodrigues. *Jornalismo e Educação: Um estudo da cobertura da Folha de S. Paulo sobre a educação no Brasil*. 113 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação Stricto Sensu, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2009.

Jornalismo negro: resistência na Ditadura Civil-Militar Uma análise histórica e discursiva do jornal *Nêgo* do MNU

Aíla Cristhie dos Santos Cardoso¹⁵
Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

Este estudo tem como objetivo retratar o jornalismo negro na Ditadura Civil-Militar, ao construir uma análise histórica e discursiva do jornal *Nêgo*, o veículo de comunicação nacional do Movimento Negro Unificado (MNU). Para isso, serão consideradas as edições de 1981 a 1985, época em que o jornal funcionava no regime militar, tendo como suporte analítico a análise de discurso a partir de Foucault. O intuito dessa pesquisa é traçar, a partir deste jornal, uma história que evidencie a resistência negra e os discursos político-raciais nesse período.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Negro. Movimento Negro. Ditadura Civil-Militar. *Nêgo*. Imprensa Negra.

INTRODUÇÃO

Em 2024, completam-se 60 anos do golpe da Ditadura Civil-Militar no Brasil, que durou mais de 20 anos, a qual encerrou com a volta da democracia em 1985. A partir desse marco, essa pesquisa pretende abordar como se configurava a resistência negra nesse período, tendo como base o jornalismo negro, especialmente o jornal *Nêgo*, o jornal nacional do Movimento Negro Unificado (MNU). Nesta pesquisa entendemos jornalismo negro como aquele feito por/para/sobre a população negra. O estudo desse impresso partirá de uma perspectiva histórica e discursiva, entendendo assim o jornal como discurso e fonte histórica, com o suporte da análise de discurso a partir de Foucault (1986; 1996).

O artigo final será estruturado em quatro partes: a primeira será para evidenciar os impactos da ditadura civil-militar entre a população negra do Brasil, com o objetivo de compreender como se configurava o contexto histórico político-racial da época. Na segunda parte, será elencado a resistência negra na ditadura, sendo uma dessas frentes de resistência, a imprensa negra. Em seguida,

¹⁵ ¹ Jornalista e Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (PPGCOM/UFS), em que estuda a Imprensa Negra no Brasil. Integrante do Grupo de Pesquisa Laboratório de Análise de Visualidades, Narrativas e Tecnologia (Lavint) e do Grupo de Pesquisa em Gênero e Interseccionalidade (GENI). E-mail: cristhieaila@gmail.com

será retratado a imprensa negra e a imprensa alternativa com discurso racial durante o regime militar. Na última parte, como corpus de análise, será destacado as edições do jornal do MNU, *Nêgo*, entre os anos de 1981 até 1985, desse modo, como forma de entender os discursos raciais, as reivindicações e o contexto da época a partir de uma perspectiva de um jornal negro.

O MNU é um movimento negro criado em 7 de julho de 1978, em São Paulo, nas escadarias do Teatro Municipal, após um ato público de repúdio ao assassinato por discriminação racial de Robson Silveira da Luz. Nessa data mais de três mil negros se reuniram contra o racismo e representou a criação do Dia Nacional Contra o Racismo (Nêgo, 1988, n. 14, p.2). Em um período político de 20 anos da ditadura militar, a população negra voltou a se organizar com mais força, pensando em políticas, encontros e diversas formas de organização, como é destacado por Beatriz Nascimento (2021). Entretanto, isso é pouco observado quando é pensado em contexto histórico político da ditadura, em que são mais enfatizadas as resistências estudantis e de esquerda. Assim, é possível atestar um silenciamento da resistência negra nessa época, em que as reivindicações político-raciais realizadas pelos movimentos negros e divulgadas, principalmente, na imprensa negra, eram consideradas um perigo à imagem que o governo brasileiro construía de si mesmo no exterior, como a de “paraíso das raças”, conforme demonstrado por Thula Pires (2018).

Esse silenciamento implica em um desvio histórico de foco das populações mais marginalizadas do país, negros e indígenas, para atenção a outros fatores. O silêncio sobre as questões raciais era uma estratégia do regime militar, que excluiu a categoria raça/cor do censo demográfico de 1970, com o objetivo de não documentar as desigualdades da população, ao fortalecer um discurso de “democracia racial”. O enfrentamento das ideias sobre democracia racial foi liderado na época pelo Movimento Negro Unificado e um dos fatores para a sua construção, como afirma Joel Rufino dos Santos (1985). É possível analisar esse silenciamento discursivo das questões étnico-raciais promovido na ditadura a partir da *vontade de verdade* (Foucault, 1996, p.18) do estado, que através do seu suporte institucional e coercitivo, limita e restringe os discursos que contestam suas “verdades”, como a democracia racial.

Ao partir para o corpus de análise, foi selecionado o *Nêgo*, jornal criado pelo Movimento Negro Unificado, na cidade de Salvador-BA, em 1981. O veículo

começa como boletim informativo do MNU para os negros das sociedades culturais, sindicatos e outras entidades. Logo em seguida, modifica-se para jornal do MNU, definindo-se como: “imprensa negra, autônoma, livre e independente” e uma “frente democrática de resistência à discriminação racial”, com conselho editorial e tiragens em diversos estados do país. No editorial (1981, n.1, p.1), o periódico cita os antecedentes de movimento negro e referencia os quilombos, terreiros, insurreições - Revolta dos Búzios, Frente Negra Brasileira, Teatro Experimental do Negro, imprensa negra - jornais negros da década de 1930, como o *Clarim da Alvorada* e os jornais negros da mesma época ditatorial, como *Tiçã*, *Jornegro* e *Sinbá*.

Em uma breve análise, o jornal dedica-se a matérias de: protesto ao racismo em suas diversas áreas, memória e história da população negra, culturas e religiões afro-brasileiras, organização interna do movimento e reivindicações políticas. A mudança de data significativa para os negros, de 13 de maio para 20 de novembro, é um tema frequente do jornal, como a semana da consciência negra e as homenagens a Zumbi dos Palmares. Esse veículo é o primeiro que trata de forma mais abrangente sobre as terras remanescentes de quilombo e a luta quilombola no Brasil. Temas que emergem, principalmente, com a redemocratização do país.

Por fim, o propósito dessa pesquisa é elencar novas perspectivas históricas e discursivas acerca das resistências negras no regime militar. Assim, entendendo o jornal como documento e discurso, é possível por meio de novas análises que a história seja rediscutida e transformada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1986.

_____. Ordem do discurso. 3ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

NASCIMENTO, Beatriz. Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NÊGO. Projeto Negritos. Salvador, 1981-1993. Disponível em: <https://negritos.com.br/2019/01/14/nego/>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2024.

PIRES, Thula. Estruturas Intocadas: Racismo e Ditadura no Rio de Janeiro. Rev.Direito Práx., Rio de Janeiro, Vol. 9, N. 2, 2018, p.1054-1079.

SANTOS, Joel Rufino dos. O movimento negro e a crise brasileira. In: Revista Política e administração. Rio de Janeiro: n.º. 2, 1985, p. 287-307.

EIXO 4 — COMUNICAÇÃO E CULTURA

A percepção de mulheres nordestinas empreendedoras sobre relações de gênero dentro do universo da tecnologia

Daniella Calfa Vieira Costa
Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

Esta pesquisa objetiva investigar e analisar como as relações e os marcadores de gênero influenciam mulheres no Nordeste na trajetória do empreendedorismo. Para tanto, utilizarei autores e autoras da área de gênero, como Butler (2003), Scott (1990) e Hooks (2015), e da área de comunicação e marca, como Semprini (2010) e Musse (2017) a fim de proporcionar um estudo que intersecciona dinâmicas da comunicação bem como a formação de papéis e performances de gênero com o intuito de desvelar a proposta de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero, Comunicação, Empreendedorismo, Análise de Conteúdo.

INTRODUÇÃO

As relações de gênero em suas múltiplas dimensões são pauta tanto no espaço acadêmico quanto profissional. Essas discussões têm se aprofundado dentro do âmbito das relações de trabalho, onde temas como assédio moral e sexual, desigualdade salarial e falta de oportunidade para mulheres ganham mais visibilidade, bem como as estratégias que mulheres precisam desempenhar para se inserirem em suas respectivas carreiras profissionais. Desde o início do século XX, quando o Brasil tinha grande parte do proletariado constituído por mulheres e crianças, os artigos da imprensa operária denunciavam assédios e investidas sexuais de contramestres e patrões sobre as trabalhadoras (Priore; Bassanezi, 2018, p. 484).

Esse grupo enfrenta problemas relacionados ao fato de serem mulheres em uma sociedade machista e patriarcal. O movimento feminista foi e continua sendo um espaço de luta das mulheres por permitir que essas acessassem seu direito a escrever a própria história na conquista de direitos sociais, acesso ao mercado de trabalho e de atuação profissional. Apesar dessas conquistas, os ambientes não

são menos hostis às mulheres. Além dos obstáculos impostos pela parte patriarcal do sistema, é preciso considerar que existem tantas outras violências que permeiam outras identidades. O machismo, o racismo, a homofobia, a xenofobia, o capacitismo são vertentes do mesmo mecanismo de controle. Esta pesquisa vai atravessar tanto os obstáculos que envolvem gênero quanto os que envolvem regionalidade. Com nove estados distintos, com suas próprias culturas e diferenças, a região Nordeste é com frequência tratada como “uma coisa só”. Penna (1992) lembra que é possível entendermos uma identidade regional englobando outras mais exclusivas (estaduais ou municipais), mas também que o discurso separatista “rompe a hierarquia da classificação oficial, opondo as regiões entre si e a identidade regional à nacional” (PENNA, 1992, p. 52). O “ser nordestino” pode ser concebido pelo aspecto da naturalização ou da vivência. Esse segundo aspecto é lido para aqueles que não vivem mais na região, e a partir desses dois aspectos entende-se também a experiência e construção de cada identidade.

Com Collins (2020) é compreendido como as diversas relações de poder influenciam nas experiências individuais e cotidianas. Compreendemos que a vivência da mulher pode ser permeada por outros obstáculos além do gênero e este é um aspecto importante para esse estudo. Quanto se volta o olhar para mulheres nordestinas, atravessamos questões que a mulher sudestina não vive. Da mesma forma que quando se volta o olhar para a mulher negra, atravessamos questões que a mulher branca não vive. O feminismo por vezes falha em abordar (ou não abordar) pautas que atravessam determinadas mulheres - em especial, mulheres negras e indígenas. Dessa forma, é necessário resgatar o conceito de as avenidas identitárias que, para Akotirene (2019), “mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais”. Assim como o feminismo considera a mulher branca como a mulher modelo, padrão, o feminismo europeu não considera as mulheres latinas. Então, a perspectiva interseccional norteia também essa pesquisa que seja possível entender cada realidade e seus atravessamentos.

Ao obterem maior protagonismo em espaços de poder, ainda que de forma extremamente desigual em comparação aos homens, ainda que timidamente assumiram posições de chefia em uma miríade de empreendimentos, mas não menos problemáticos e imunes de desafios atrelados às suas condições de mulher. Com base nesse cenário, pergunto: como as relações de gênero atravessam a atuação de mulheres nordestinas

empreendedoras na construção de seus posicionamentos e de suas empresas? Além desta questão, busca-se responder em que medida o “ser mulher” limita essas empreendedoras e em que medida o “ser mulher” as permite avançar.

A fim de contribuir com essa discussão no meio acadêmico, a presente pesquisa se debruça na percepção das mulheres nordestinas e empreendedoras de startups sobre os marcadores de gênero. Além de trazer a discussão histórica e teórica sobre o tema, essa pesquisa também anseia trazer vivências do mercado para que seja possível contribuir com as discussões acadêmicas. Para tal, a pesquisa objetiva principalmente analisar como as relações de gênero influenciam mulheres empreendedoras no Nordeste a construírem sua narrativa e legado. Por se tratar de uma investigação de comportamento humano e também de como o imaginário coletivo se manifesta individual e coletivamente, são necessárias etapas tanto de investigação teórica como de campo. Na etapa inicial, teórica, busca-se levantar conhecimento e informação para entender tecnicamente as ferramentas comunicacionais utilizadas no branding pessoal, assim como compreender as origens da relação das mulheres com o mercado de trabalho e entender a comunicação dentro dos meios digitais. Dessa forma, é possível ter uma base de informação sobre os principais âmbitos da pesquisa, explicados subsequentemente. Para dar seguimento e levar esse conhecimento para a prática, é necessário o campo prático, aqui representado por entrevistas e análises de conteúdo. Dessa forma, é possível ter contato direto e profundo com o objeto de estudo para melhor resultado da pesquisa.

Um outro aspecto deste estudo refere-se à necessidade da análise de conteúdo temática das interlocutoras. Nesse sentido, investigar de que modo as nossas interlocutoras se sentem impelidas a questionarem ou replicarem normas de gênero femininas em suas atuações profissionais, seja em seu posicionamento de marca ou para atrair clientes. Para coleta de dados, são propostas entrevistas em profundidade semiestruturadas que, para Duarte (2004), são “fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados”. A fim de entender mais sobre o contexto da pesquisa e dar conta do levantamento teórico que embasa esse estudo, o primeiro capítulo abordará as questões referentes à categoria de gênero e a inserção da mulher no mercado de trabalho e no mundo do empreendedorismo; seguido de uma discussão que abordará a brecha digital

de gênero e o que é ou pode ser feito a partir desse conceito. Assim, parte-se para a metodologia e nos próximos capítulos para as análises e discussões aqui propostas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA-VELÁZQUEZ, Silvia E PEDRAZA-AMADOR, Elba. La Brecha Digital de Género como factor limitante del desarrollo femenino Digital. Boletín Científico INVESTIGIUM de la Escuela Superior de Tizayuca, Hidalgo, v. 10, 2020.

AMARAL., G. A. Os Desafios da inserção da mulher no mercado de trabalho. Itinerarius Reflectionis, Goiânia, v. 8, n. 2, 2013.

ARAÚJO, Iriane. Empreendedorismo feminino: o contexto social e perfil empreendedor de mulheres no nordeste brasileiro. Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo, v. 3, n. 6, p. 108-127, nov-dez, 2018.

ARENDT, H. (1972) [1954]. La crise de la culture. In MARTINS, Moisés. Abrindo sentidos: O imaginário da morte na contemporaneidade. Curitiba: Appris LTDA, 2017.

BENDER, Arthur. Personal Branding: construindo sua marca pessoal. São Paulo: Integre Editoria, 2017.

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

Blank, S., e Dorf, B. Startup: Manual do Empreendedor (1a ed.). Rio de Janeiro: Alta Books, 2014.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro, Betrand Brasil, 1999.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CRAMER, L.; CAPPELLE, M. C. A.; ANDRADE, Áuria L. S.; BRITO, M. J. de. Representações femininas da ação empreendedora: uma análise da trajetória das mulheres no mundo dos negócios. REGEPE Entrepreneurship and Small Business Journal, São Paulo, SP, v. 1, n. 1, p. 53–71, 2012. DOI: 10.14211/regepe.v1i1.14. Disponível em: <https://regepe.org.br/regepe/article/view/14>. Acesso em: 11 dec. 2023.

DISTRITO; B2MAMY; ENDEAVOR . FEMALE FOUNDERS REPORT 2021. [s.l.: s.n.]. Disponível em: https://f.hubspotusercontent30.net/hubfs/7735036/female_report_v9.pdf?utm_medium=email&_hsmi=224267158&_hsenc=p2ANqtz--d39UfSX31cah0j5vhPAHNary7Ce8aUqsEvH13MSTkTqJ_zE2C98cCcsVyza-Tdg-m5edVTsZuBy5c42mnhKKgYHIGCw&utm_content=224267158&utm_source=hs_automation.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar*, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

GOMES, M. S. DA C. Desafios e metaestereótipos no percurso empreendedor: crenças de autoeficácia e autoconfiança em mulheres fundadoras de startups. Disponível em: <<https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/30037>>. Acesso em: 31 mar. 2024.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2010.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 16, p. 193–210, jan. 2015.

LELO, T. V. A feminização do jornalismo sob a ótica das desigualdades de gênero. *Revista Estudos Feministas*, v. 27, n. 2, 2019.

MACHADO, F. G. Investidor anjo: uma análise dos critérios de decisão de investimento em startups. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-17112015-114041/en.php>>. Acesso em: 10 jul. 2024.

MARY DEL PRIORE; CARLA BEOZZO BASSANEZI. *História das mulheres no Brasil*. [s.l.] São Paulo Contexto, 2018.

PAVAN, Andressa Conti; ORTEGA, Luciane Meneguim; NOGUEIRA, Arnaldo José França Mazzei. QUAIS AS RAZÕES DE HAVER POUCAS STARTUPS FUNDADAS POR MULHERES?. *South American Development Society Journal*, [S.l.], v. 7, n. 20, p. 204, set. 2021. ISSN 2446-5763. Disponível em: <<https://sadsj.org/index.php/revista/article/view/427>>. Acesso em: 31 mar. 2024. doi: <http://dx.doi.org/10.24325/issn.2446-5763.v7i20p204-219>.

PRAZERES, Michele. Mídia, Política e Esfera Pública Machista: entender a comunicação como direito humano possibilita enxergar a ampla luta que as mulheres enfrentam para se afirmarem enquanto sujeitos públicos e políticos no Brasil. *Cadernos de Crítica Feminista, SOS Corpo*, n. 5, 2012.

Participação de mulheres empreendedoras cresce no Brasil. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sc/noticias/participacao-de-mulheres-e-empendedoras-cresce-no-brasil,06fd4563d8318710VgnVCM100000d701210aRCRD>. Acesso em 08 de dezembro de 2023.

Relatório Executivo Sebrae e Global Entrepreneurship Monitor (GEM) 2022. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2023/05/GEM-BR-2022-2023-Relatorio-Executivo-v7-REVISTO-mai-23.pdf>.

ROCHA, P. M.; DANCOSKY, A. K. A feminização do jornalismo e a ausência da perspectiva de gênero nas editorias de tecnologia no Brasil. *Intexto*, Porto Alegre, n. 35, p. 119–136, 2016. DOI: 10.19132/1807-8583201635.119-136. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/49651>.

SILVA, Pérola Katarine Castro. Feminismo como ferramenta de branding/branding como meio para o feminismo: estudo de caso da coleção Fly Girl da marca Melissa. Fortaleza, 2019.

SEMPRINI, Andrea. A marca pós-moderna: poder e fragilidade da marca na sociedade contemporânea. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2010.

SORAIA, M.; GOMES, C. DESAFIOS E METAESTEREÓTIPOS NO PERCURSO EMPREENDEDOR: CRENÇAS DE AUTOEFICÁCIA E AUTOCONFIANÇA EM MULHERES FUNDADORAS DE STARTUPS Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre em Psicologia e Desenvolvimento de Recursos Humanos. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/30037/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O_MAGDAGOMES_FINAL.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2024.

TORRES, Nágila Natália de Jesus; DE SOUZA, Cleidson R. B.. Uma Revisão da Literatura sobre Ecossistemas de Startups de Tecnologia. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO (SBSI), 12. , 2016, Florianópolis. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2016 . p. 385-392. DOI: <https://doi.org/10.5753/sbsi.2016.5986>

VIEIRA, Carolina. “Eu nunca pintei sonhos. Eu pintei minha própria realidade”: um mapeamento dos imaginários em torno de Frida Kahlo. São Paulo, 2021.

WILLIAM, Rodney. Apropriação Cultural. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.

SCOTT, Jordan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, v.15, n.2, jul./dez. 1990.

WOLF, Naomi. O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2020.

Cordel, Porta-Voz Contra Hegemônico: As Escrevivências das Cordelistas Sergipanas na I Antologia Das Mulheres no Cordel

Rose Elaine dos Santos Bonifácio¹⁶
Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, SE

RESUMO

Este artigo, baseado em uma pesquisa qualitativa, examina as "escrevivências" de 17 cordelistas de Sergipe através da obra "Das Neves às Nuvens: I Antologia das Mulheres do Cordel Sergipano". O objetivo é identificar os tipos de narrativas que constroem e se suas escrevivências desafiam discursos hegemônicos. Para tal, foi utilizada a análise temática de Virginia Braun e Victoria Clarke (2006), desmembrando cada tema observando como são abordados, e o que dizem sobre as experiências das autoras. O conceito de Escrevivências de Conceição Evaristo (1995) e os referenciais de gênero e cultura popular de Hall (2003) e Hooks (2017) fundamentam a análise.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação contra hegemônica; Autoria de mulheres; Resistência de gênero; Cordel sergipano.

INTRODUÇÃO

“Das Neves às Nuvens – I Antologia das Mulheres do Cordel Sergipano” é a primeira obra no cenário do cordel em Sergipe inteiramente escrita e organizada por mulheres, publicada no calendário editorial da Academia Sergipana de Cordel (ASC). Com a participação de autoras de 15 a 88 anos, incluindo membros da ASC e convidadas especialmente para o projeto, a obra é dividida em 17 temas, cada um refletindo as experiências, desafios e conquistas das poetisas. Esta antologia visa fortalecer a autoestima das mulheres e conquistar espaços na sociedade patriarcal através da poesia.

A organizadora da obra, Izabel Nascimento, ex-presidente da ASC, ressalta que a antologia é mais que uma coleção de poesias; é um manifesto de empoderamento feminino, dando voz às mulheres que anteriormente eram silenciadas. A publicação também homenageia Maria das Neves Batista Pimentel, a primeira mulher cordelista conhecida, que começou sua trajetória em 1938, assinando sua primeira obra com o nome do esposo. Graças ao pioneirismo de

¹⁶ Mestranda do Curso de Jornalismo do PPGCOM- UFS, email: rosebonifacio@academico.ufs.br

Maria das Neves, as mulheres de hoje são protagonistas de suas próprias histórias, indo "das Neves às Nuvens".

A presença feminina no cordel e na literatura em geral ainda enfrenta desafios significativos. Na Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), apenas cinco dos 40 poetas são mulheres. Realizada em 2011, a pesquisa da professora Regina Dalcastagnè da UNB revela que, entre 1990 e 2004, 72,7% dos romances publicados pelas principais editoras brasileiras foram escritos por homens (DALCASTAGNÈ, 2011). Além disso, os principais prêmios literários brasileiros foram predominantemente atribuídos a homens. Para tensionar esse cenário, é crucial reconhecer, valorizar e dar visibilidade às mulheres escritoras, estimulando outras a também erguerem suas vozes na literatura, especialmente no cordel, e refletindo sobre as ações que moldam o cenário cultural contemporâneo de Sergipe.

PERCURSO METODOLÓGICO

Este artigo, fruto de uma pesquisa qualitativa, obedeceu a um percurso metodológico dividido em duas fases iniciais - seleção e análise - e, posteriormente, em seis etapas analíticas do objeto selecionado. Na primeira fase, a seleção da obra baseou-se na proposta de Amostragem Não-Probabilística por conveniência de Cooper & Schindler (2003).

Esse método permite fazer uma escolha intencional e criteriosa do corpus da pesquisa, guiada pelos critérios e julgamento da pesquisadora. É relevante mencionar que a amostragem não-probabilística abrange dois métodos de coleta de amostras (conveniência e intencional). O utilizado neste estudo derivou da conveniência da notoriedade da obra e dos recortes de gênero, os quais serão explorados de forma mais profunda na construção da dissertação de Mestrado da autora.

A segunda fase concentrou-se na análise temática dos cordéis, seguindo o método proposto por Virginia Braun e Victoria Clarke (2006), composto por seis fases distintas observadas no método adaptado pela pesquisadora Luciana Souza (2019). Através da familiarização, desmembramento e revisão de cada tema foi possível montar um panorama e demarcar eixos temáticos que são comumente explorados por essas mulheres, ainda com esforço de responder aos questionamentos que motivaram a pesquisa: se as cordelistas tivessem a liberdade de se inserir na narrativa e assim escrever seu próprio enredo que papéis ocupariam? Que histórias contariam? Que discursos tencionaram?

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na análise da participação feminina na literatura de cordel, Josilene Félix (2021) destaca que, apesar dos avanços, as mulheres ainda enfrentam invisibilidade no cenário cordeliano contemporâneo. Por muito tempo, a presença feminina no gênero esteve marcada por apagamento e figuração, uma realidade que se mantém em alguns aspectos hoje (FÉLIX, 2021). Em contraste, Melo (2016) observa que, enquanto anteriormente as mulheres usavam pseudônimos masculinos para publicar seus versos, atualmente elas assinam suas obras, contribuindo para a expansão e reconhecimento desta forma poética (MELO, 2016).

Segundo Stuart Hall (2003), a cultura popular, incluindo o cordel, é um campo de disputas e transformações sociais, onde identidades são constantemente moldadas e remoldadas (HALL, 2003). Em Sergipe, cordelistas locais estão reimaginando narrativas de gênero e reconstruindo suas identidades, utilizando o cordel como uma ferramenta de resistência e comunicação. Essas mulheres, que antes enfrentavam silenciamento sistemático, agora inspiram outras poetisas a seguirem o mesmo caminho, difundindo causas e a cultura popular de resistência através de seus folhetos e experiências de vida.

ANÁLISE: DAS NEVES ÀS NUENS

Para analisar os pormenores temáticos da obra *“Das Neves às Nuens - I Antologia das Mulheres do Cordel Sergipano”* foi necessário mergulhar na trajetória de experiências de 17 mulheres que são verdadeiros símbolos de resistência às mais diversas lutas e manifestações sociais e culturais. Na riqueza de histórias que compõem a obra é possível observar entre essas autoras modos distintos de romper barreiras que insistem em criar dois universos: o que prevalece a supremacia masculina em detrimento ao da luta das mulheres para e pela conquista de espaços.. Diante disso, algumas inquietações para a análise surgem! O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes tão diversos e a romperem com a passividade de somente lerem cordéis e buscarem o movimento da escrita? Em *Becos da Memória*, a pesquisadora Conceição Evaristo (2007) oferece uma pista:

Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção de vida. (...) Em se tratando de um ato empreendido por mulheres, que

historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura dominante, escrever adquire um sentido de insubordinação (EVARISTO, 2007, p. 20- 21).

Em consonância a este sentido de insubordinação, Hooks (2019) ao também refletir sobre a importância de narrar a si mesma a partir da escrita autoral mostrou que quando mulheres rompem o silêncio e se tornam responsáveis por contar próprias histórias é uma estratégia de resistência contra o reducionismo na desigualdade de gênero, “erguer a voz é uma forma de rebelião consciente contra a autoridade dominante” (HOOKS, 2019, p. 20).

Partindo desse ponto, na análise foi necessário haver uma imersão nas obras que considerasse a diversidade de vivências dessas mulheres, realizando leituras repetidas para compreender as experiências e narrativas buscando identificar temas, padrões e detalhes presentes nos textos, com o esforço de compreender integralmente a riqueza das experiências individuais e compartilhadas. É possível acompanhar o resultado dessa análise temática na [tabela completa disponível neste drive, aqui](#).¹⁷

Ao longo de setenta anos, observamos uma notável evolução na presença das mulheres no cordel. No início, as vozes femininas eram praticamente inexistentes, mas com o passar do tempo, elas começaram a se fazer ouvir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS? UM PONTO DE PARTIDA!

Apesar de historicamente as mulheres terem sido relegadas a um papel secundário na Literatura de Cordel, assim como em outros setores da sociedade, as poetisas de Sergipe têm conseguido tensionar esses espaços, reescrever suas histórias dentro do gênero e compartilhar suas experiências coletivas e individuais através da poética. Esse movimento rompe com a herança de apagamento, permitindo que suas vozes sejam ouvidas e reconhecidas.

Segundo Maria do Rosário Gregolin (2004), existe uma ligação íntima entre o discurso e o que ele expressa, destacando a natureza enunciativa do discurso, que é produzido por um indivíduo em um contexto institucional definido por regras sócio-históricas. Essas regras determinam e viabilizam a manifestação do discurso, permitindo que ele evolua. No entanto, para que ocorra uma mudança

¹⁷ Disponível em:

https://drive.google.com/file/d/1RGK_5VFcjWUGNwcu98jbyXitY06xaIT/view?usp=sharing

completa no discurso, é necessária uma mudança de paradigma (GREGOLIN, 2004).

Com o lançamento da I Antologia das Mulheres do Cordel Sergipano e o fortalecimento das poetisas por meio dessa obra, diversos espaços foram conquistados, permitindo que essas mulheres desenvolvessem uma narrativa sobre si mesmas e sobre o mundo. Esse movimento possibilitou a fluidez e a renovação de significados nos discursos que definem a mulher autora na Literatura de Cordel, representando a transição de um lugar de silenciamento para um espaço de reconhecimento e destaque. "Das Neves às Nuvens!" simboliza essa transição e a resistência das cordelistas sergipanas, marcando a construção de uma nova narrativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Braun, V., & Clarke, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 2006.

COSTA, Gutemberg. A presença feminina na literatura de cordel do Rio Grande do Norte: a mulher na memória do folheto potiguar. Natal: Queima Bucha, 2015.

DALCASTAGNÉ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. *Iberic@ I: Revue d'études ibériques et ibéro-américaines*, v. 2, p. 13-18, 2012.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, v. 1, p. 26-46, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Pallas Editora, 2017.

FÉLIX, Josilene. (In) visibilidade feminina no folheto de cordel. *Temporalidades*, v. 13, n. 1, p. 391-407, 2021.

HALL, Stuart. "Notas sobre a desconstrução do popular." In: *Da Diáspora*. 2003

HOOKS, b. *Ensinando a transgredir*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

QUEIROZ, Doralice Alves de. *Mulheres cordelistas: percepções universo feminino na literatura de cordel*. Belo Horizonte/MG, 2006.

SANTOS, Francisca Pereira dos. *Mulheres fazem... Cordéis*. In: *Revista Graphos*. João Pessoa: UFPB, v. 8, n. 1, 2006. p. 183-194.

SILVA, Wellington Pedro da. Literatura de folhetos: uma trajetória enunciativa da Sociedade dos Cordelistas Mauditos. Mariana/MG, 2013, 250p.

SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. Arq. bras. psicol. Rio de Janeiro , v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019 .

A construção da notícia em cordel: uma abordagem folkcomunicação sobre a poesia popular como linguagem jornalística na TV

Thiago Barbosa Santos
Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

O trabalho se propôs a estudar como o jornalismo se apropriou da literatura de cordel como linguagem para a produção de reportagens televisivas, dentro de um fenômeno que apareceu de forma frequente em conteúdos concebidos e veiculados na TV Sergipe, TV Verdes Mares, reproduzidos em outras afiliadas da Globo no Nordeste e na própria emissora, sobretudo no departamento de jornalismo esportivo. Usou-se como referencial para a reflexão teórica os estudos folkcomunicaçãois, que já trataram sobre a relação entre cordel e jornalismo. A pesquisa mostrou que essa reconexão se dá por novas vias e com propósitos outros. Na análise do corpus, também foram utilizados os critérios de noticiabilidade propostos por F. Frazer Bond, denominados de quatro fatores da notícia: oportunidade, proximidade, tamanho e importância, para mostrar como o cordel-reportagem trabalha com cada um desses elementos. Além disso, a proposta também foi observar como esses conteúdos trabalham os elementos de texto, imagem e sonorização na construção da notícia em cordel na televisão.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de Cordel; Folkcomunicação; Telejornalismo, Infotainment; Linguagens Jornalísticas.

INTRODUÇÃO

A pesquisa, em seu percurso natural, uniu as duas pontas históricas que ligam o jornalismo com a literatura de cordel. Este fenômeno foi estudado de forma aprofundada dentro da folkcomunicação, a primeira teoria genuinamente brasileira, formulada por Luiz Beltrão na década de 60, quando publicou também a primeira tese de doutorado no país no campo comunicacional. O jornalista e pesquisador investigou a comunicação dos marginalizados, como ele próprio denominava, a comunicação dentro das comunidades, como o povo usava as expressões culturais populares, o folclore, como expressão comunicativa. Era o estudo de uma comunicação que se dava fora dos meios convencionais de comunicação, como rádio, jornal e internet, distante das redações.

A folkcomunicação é o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura

popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos. A folkcomunicação, portanto, é um campo extremamente complexo, interdisciplinar - necessariamente - que engloba em seu fazer saberes vários às vezes até contraditórios, para atingir seus objetivos e dar conta de seu objeto de estudo (Hohlfeldt, 2003, p.877).

A referência é sobre um período em que as informações não eram acessíveis ao povo que vivia nos rincões do Brasil. Os estudos folkcomunicacionais identificaram no cordel uma forma de jornalismo popular, pois os folhetos do ciclo de circunstância, que trataram dos acontecimentos da época, cumpriam o papel de levar os acontecimentos da comunidade, do Brasil e do mundo para onde os veículos ainda não chegavam. Muita gente soube da morte de Lampião, do fim da Segunda Guerra Mundial, da Chegada do Homem à lua, do tricampeonato do Brasil na Copa de 70, do suicídio de Getúlio Vargas por meio dos folhetos que circulavam nas feiras ou eram recitados em voz alta pelos cordelistas em praças movimentadas.

O cordelista que escrevia os folhetos de circunstância era chamado de poeta-repórter. Os estudos folkcomunicacionais o chamou de líder de opinião, era uma espécie de intermediário entre a informação que era veiculada nos meios tradicionais e a notícia que chegava através do folheto para seu povo. Ou seja, ele consumia as informações nos jornais, no rádio, na televisão e vertia para os versos, publicando o folheto, que vinha também com as impressões do autor sobre o tema, como na modalidade de jornalismo opinativo.

Há quem afirme que os folhetos populares se enquadram muito mais dentro do jornalismo do que na literatura. Naturalmente, a questão depende do modo como seja encarada a literatura de cordel... na dependência, é óbvio, de como se tomam esses dois conceitos e de cada folheto em estudo. "A Donzela Teodora", de João Martins de Athayde, nada tem de jornalístico, ao passo que um trabalho como "O Industrial Fracassado" ou "O Senador Caloteiro do Pernambuco", de Abraão Batista, é uma verdadeira reportagem. (Lima, 1976. p.29 e p.30)

Com o passar do tempo e o advento da tecnologia, a população foi tendo no geral mais acesso aos meios de comunicação, e o cordel de circunstância perdeu essa função primordial de informar, mas seguiu vivo ajudando a esquentar o debate sobre os temas tratados.

É então que a pesquisa chega até essa reconexão entre o cordel e o jornalismo, quando se observa de forma cada vez mais latente a necessidade de explorar nas plataformas comunicativas atuais, como a televisão, a entretenimento misturado com a informação (infotainment) para atrair um espectador que está disperso diante de tantas opções para se distrair. O jornalismo também sempre buscou ferramentas diferenciadas de linguagem para cativar o público e escapar um pouco do lead, a exemplo do jornalismo literário, do jornalismo em quadrinhos, etc. Neste contexto, a poesia popular apareceu como alternativa.

Naquele primeiro momento, o cordel se apropriava do jornalismo para definir sua pauta e propagar as informações em forma de rima e verso. Agora, é o jornalismo que toma posse da linguagem poética para diversificar seu próprio discurso, entretendo ao passo que também informa.

Dentro do campo do jornalismo esportivo, começaram a surgir produções dentro do Globo Esporte de Sergipe, de Pernambuco e do Ceará matérias televisivas utilizando o cordel como linguagem, já que a editoria sempre deu mais liberdade ao jornalista para criar. Aos poucos, esses conteúdos foram ganhando outras editorias. O corpus foi mapeado e, a partir dele, foram feitas as análises.

Com base na perspectiva folkcomunicacional, seguiu-se o percurso dos novos estudos no campo, que são mais voltados para o intercâmbio que se dá entre a cultura popular, a global e a mídia de massa. Neste contexto, estamos diante de um produto folkmediático, que é propagado nas mídias massivas e trazendo essa mistura com os elementos da cultura popular, como no exemplo do cordel sobre as aberturas olímpicas, em que a história é contada com imagens de arquivo e artes em videografismo remetendo ao conceito estético da xilogravura, mostrando o Pavão Misterioso, personagem clássico do cordel de José Camelo de Melo Rezende, levantando voo e fazendo uma viagem no tempo para visitar momentos marcantes dessas cerimônias.

Como resultado da pesquisa, foi identificado também um novo papel do autor, que deixa de ser o poeta-repórter, que servia de intermediário entre as informações dos meios tradicionais para os folhetos, e passa a ser o ativista midiático, conceito elaborado por Osvaldo Trigueiro, o que faz o diálogo entre o popular e o massivo.

Toma para si e usa o cordel, a cantoria, o teatro e as danças dramáticas populares, o jornal mural, os grafites, o artesanato, a culinária, entre outras tantas manifestações do saber popular; potencializa, dá visibilidade a esses produtos culturais, recolocando-os nas redes globais de comunicação, notadamente o rádio, a televisão e a internet como estratégia da inclusão social (Trigueiro, 2013, p. 859).

Na sequência, foi feita uma análise sobre a noticiabilidade no cordel televisivo, classificando o corpus dentro dos quatro fatores da notícia propostos por F. Frazer Bond, como oportunidade, proximidade, tamanho e importância, chegando à conclusão de que boa parte do material se encaixa no primeiro, que é o que aproveita a oportunidade de um acontecimento para tratar sobre ele, por exemplo, a realização dos Jogos Olímpicos desencadeou uma produção sobre a história das aberturas olímpicas. A Copa do Mundo gerou um guia falando dos grupos, dos favoritos, etc.

Outra análise foi feita para destrinchar como o material trabalha os recursos de texto, áudio, vídeo, arte e sonorização, para se ter um entendimento maior a respeito do formato desenvolvido. A finalidade foi localizar o cordel-reportagem televisivo dentro das novas perspectivas dos estudos folkcomunicacionais, identificar o papel do novo poeta-repórter e apresentar o gênero poético como caminho construtivo para a confecção da notícia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Maria Alice. O folheto de circunstância 11 de setembro em cordel. In: Anais do 10o Congresso Brasileiro de Folclore. São Luís, 2004.

BARRETO, Luiz Antônio. O Jeitinho Brasileiro de Comunicar. IN: MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs). Metamorfose da folkcomunicação: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

BARROS, Leandro Gomes de. A Batalha de Oliveiros com Ferrabraz. Recife: sem

editora, 1913.

BARROS, Leandro Gomes de. A Seca do Ceará. Recife: sem editora, 1915. BARROS, Leandro Gomes de. O tempo de hoje. João Pessoa: sem editora, 1917.

BELTRÃO, Luiz. Comunicação e folclore: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação e expressão de ideias. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EDUPURS/Famecos, 2001.

BENJAMIN, Roberto. Folkcomunicação: da proposta de Luiz Beltrão à contemporaneidade. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, n. 8-9, 2011. Disponível em < <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/viewFile/75/73>>.

BENJAMIN, Roberto. Folkcomunicação: os veículos de manifestações da cultura popular. IN: MELO, José Marques de; FERNANDES, Guilherme Moreira (Orgs.) Metamorfose da folkcomunicação: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013).

CARVALHO, Gilmar de. Moisés Matias de Moura, o cordel de Fortaleza. Expressão Gráfica Editora: Fortaleza, 2011.

CRISPINIANO NETO, J. Lula na Literatura de Cordel. 2.ed. Fortaleza: IMEPH, 2009. CURRAN, Mark J. História do Brasil em Cordel. São Paulo: EDUSP, 2001.

CURRAN, Mark J. Relembrando a velha literatura de cordel e a voz dos poetas. Lexington: Trafford, 2014.

CURRAN, Mark J. Retrato do Brasil em cordel. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

DA SILVA, Gustavo Souza. Fronteiras (in) definidas: aproximações e divergências entre documentário e jornalismo. DOC On-line, 2009.

DE ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. A invenção do Nordeste e outras artes. Cortez editora, 2021.

DE MELO RESENDE, Viviane. A Relação Entre Literatura de Cordel e Mídia: Uma Reflexão Acerca Das Implicações Para o Gênero. Cadernos de Linguagem e Sociedade, 2006. Disponível em < <https://core.ac.uk/download/pdf/231168418.pdf>>.

DEJAVITE, Fabia Angélica. "A notícia light e o jornalismo de infotenimento." Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Vol. 30. 2007.

DIAS, Karcia Lúcia Oliveira; DE ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro. Aconteceu virou cordel: análise de folhetos de cordel sobre a morte de Getúlio Vargas à luz da verossimilhança. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, v. 19, n. 41, p. 1-22, 2014.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *Literatura popular em versos*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1986.

DOS SANTOS, Silvan Menezes; MEZZARROBA, Cristiano; DE SOUZA, Doralice Lange. Jornalismo esportivo e infotainment: a (possível) sobreposição do entretenimento à informação no conteúdo jornalístico do esporte. *Corpoconsciência*, p. 93-106, 2017.

FILHO, Manoel d'Almeida. *A morte do maior presidente do Brasil*. Aracaju: sem editora, 1954.

GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz. *Noções básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões*. Editora UEPG, 2007.

GADINI, Sérgio Luiz. "O cordel é uma mídia alternativa, popular e contra hegemônica", defende Alberto Perdigão. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, v. 19, n. 42, 2021. Disponível em <<https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/19305/209209215300>>.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Folhetos e jornais: uma análise comparativa do ponto de vista do leitor. IN: MENDES, Simone (Org.), *Fortaleza: Expressão Gráfica Editora*, 2010.

HAURÉLIO, Marco. *Breve história da literatura de cordel*. Claridade, 2018.

HUF, Natália; SILVEIRA, Mauro César. Jornalismo em quadrinhos e construção de memória: sobre Joe Sacco e credibilidade da narrativa sequencial. *Pauta Geral Estudos em Jornalismo*, v. 8, n. 1, p. 1-13, 2021.

JENKIS, Henry. *Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação*. Tradução de Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JOTABÊ. *O roubo do Banco Central*. Fortaleza: sem editora, 2005.

KERRANE, Kevin; YAGODA, Ben. *The art of fact: A historical anthology of literary journalism*. [s.l.]: Simon and Schuster, 1998.

LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Ática, 2006.

LAURINDO, Roseméri. *O jornalismo diversional da Fátima Bernardes*. Primavera Editorial, 2015.

LESSA, Orígenes. Getúlio Vargas na literatura de cordel. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1973.

LUYTEN, Joseph M. Sistema de comunicação popular. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

LUYTEN, Joseph. A notícia na literatura de cordel. Estação Liberdade: São Paulo, 1992.

MAXADO, Franklin. O que é literatura de cordel? Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 39, p. 39-56, 2016.

MORIN, Edgar. Ciência com consciência. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.

NEVES, Francisco Paiva das. Literatura de Cordel-origem e perspectivas educacionais. 90f. TCC-UFC, Fortaleza, 2018.

PERDIGÃO, Alberto. Exclusão comunicacional e trama golpista. IN:UCHÔA, Marcelo Ribeiro et al. (Orgs.). O Ceará e a resistência ao golpe de 2016. Bauru: Canal 6, 2016.

PERDIGÃO, Alberto. Política e literatura de cordel: o folheto como mídia informativa, alternativa, popular e contra-hegemônica. Fortaleza: RDS Editora, 2002.

PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. Cordel na sala de aula. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

RODRIGUES, Linduarte Pereira; DA SILVA, Rodrigo Nunes. A representação do homem do Nordeste no Cordel. DISCURSIVIDADES, v.2, n.1, 2018.

ROSA, João Guimarães. Magma. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

SHOEMAKER, Pamela J; VOS Tim P. Teoria do gatekeeping: construção e seleção da notícia. Porto Alegre, Penso, 2011.

SILVEIRA, Alberto Magno Perdigão. O cordel como mídia informativa: estratégia e resistência nos folhetos sobre a destituição da presidente Dilma Rousseff. Joinville, 2018. Disponível em < <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2018/resumos/R13-1923-1.pdf>>

SILVEIRA, Rebeca Kuhn. O jornalismo literário como ferramenta de expressão da subjetividade: Liberdade estilística e opinativa de Eliane Brum. 2022.

SOARES, José. O Homem na Lua. Pernambuco: sem editora, 1969.

SOUSA, Diógenes Lycarião B. de. Cibercordel: uma expressão contemporânea
dadinâmica da Literatura Popular em verso. Colóquio Internacional de
Comunicação para o Desenvolvimento Regional, v. 12, p. 1-10, 2007.

TERRA, Rute Brito Lemos. Memória de lutas: literatura de folhetos no Nordeste.
São Paulo: Global Editora, 1983.

EIXO 5 — COMUNICAÇÃO E VISUALIDADES / FOTOGRAFIA

Serialidade e Artifícios Antiteatrais: Agenciamento absortivo em projetos de longa-duração

Renata BENIA¹⁸
Benjamim PICADO¹⁹
Greice SCHNEIDER²⁰

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ
Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

O objetivo deste texto é refletir sobre a absorção (como expressividade e processualidade) através da dimensão serializada das construções visuais no discurso fotojornalístico dos acontecimentos. Em um cenário de representações visuais que comumente são atreladas às balizas da instantaneidade e teatralidade, outros regimes de visualidade são edificados, pondo em suspensão os ditames temporais e referenciais mais eloqüentes dos acontecimentos. Para contornar as questões, situaremos a serialidade enquanto regime visual derivado das práticas documentais; os preceitos da absorção nesse cenário nos contextos da intencionalidade e espectadorialidade previstos nas circunstâncias relacionais imbricadas. Para tanto, admitimos como marco seminal a noção de instante enveredada para a valorização de diferentes instantes como princípio constitutivo através do qual um expediente absortivo implicaria endereçamento antiteatral e prolongamento temporal nos horizontes de espectadorialidade e expectativa dos fotógrafos.

PALAVRAS-CHAVE: Fotojornalismo. Long-form projects. Regime Absortivo. Série. Temporalidade.

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre o fenômeno da absorção no fotojornalismo pressupõe discussões que giram em torno dos horizontes espectadoriais e representacionais,

¹⁸ Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); Doutoranda em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF), e-mail: renatabenia@gmail.com

¹⁹ Orientador. Professor do Curso de Comunicação do PPGCOM/UFF, e-mail: jbpicado@hotmail.com

²⁰ Co-orientadora. Professora do Curso de Comunicação do PPGCOM/UFS, e-mail: greices@gmail.com

considerando que o problema da absorção arrasta repercussões nos modos de atenção e visualidade dos dados relativos aos acontecimentos, dentre os quais podemos apontar os exemplares circulantes no terreno do fotojornalismo que tem manifestado de modo mais proeminente (ou até mesmo reiterado) os paradigmas absorptivos. Embora pese o princípio da emergência dos temas absorptivos circulantes num contexto de estetização, essas práticas são modelos que reiteram paradigmas de iconografias anteriores. Esses ideais absorptivos, característicos dos modelos pictóricos do século XVIII (Fried, 1980) ou de iconografias antecessoras à fotografia: imagens devocionais da baixa idade média (Elkins, 2001, 2010); tapeçarias ou composições pitorescas dos jardins do século XV, XVI e XVII (Van Eck; Bussels, 2010) admitem-se essa noção da serialidade como uma das formas de refletir sobre a expressividade teatralizada e absorptiva desses espaços, na medida em que tais processualidades e expressividades têm sido admitidas como uma espécie de antídoto para atenuar ou conter as marcas dramáticas e/ou instantâneas das representações, com finalidade de afastar-se do ethos teatral a partir de abordagens que adotam um ponto de vista sutil cuja presunção é a de amortecer a teatralidade das representações, associando se, portanto, às atitudes discretas, reservadas e indiferentes à 'plateia'.

Em um plano mais recente dessa linha de problemas, comparecem as imagens circulantes da cobertura da COVID-19 (Schneider; Benia, 2022), fincadas naquilo que Poivert (2015) designa como 'estetização' do fotojornalismo e que Ritchin (2013) associa como sendo abordagens narrativas para além do 'isso-foi' barthesiano, além do 'estar-lá' do fotógrafo, que recruta diferentes 'recursos imaginativos' para sugerir os dados dos eventos. Tal afastamento das marcas da instantaneidade e teatralidade revela não somente os redimensionamentos das gramáticas visuais dos acontecimentos - sobre os quais o fotojornalismo tem assumido como uma estratégia de 'oxigenação' do campo (Silva Jr., 2014) para lidar com as dificuldades que Antunes (2007) e Franciscato (2019) identificam como sendo as de lidar com passado, presente e futuro; ao passo em que o relato jornalístico revela-se comumente nucleado por um "tempo presente" (Antunes, 2007, 2008) (na relação com o ponto seminal dos acontecimentos). O tempo presente é uma dimensão essencial ao jornalismo (Franciscato, 2019), de modo que existe certa apologia desse imediatismo, designado como uma 'obsessão do presente' (Antunes, 2007).

E esse imperativo do presente como característica do discurso é tensionado

a partir dos acontecimentos absortivos atrelados à composição serializada e um certa rememoração de paradigmas de tradições iconográficas anteriores como as pictóricas. Predominantemente reguladas sob a lógica de um regime absortivo, muitas dessas imagens são comumente lacunares ou contemplativas - com temporalidade alargada ou incerta, essas imagens sugerem menor grau de dramatização do referente. Implica-se a ideia de que são imagens que dividem espaço com imagens cujos modelos de representação do acontecimento se distanciam de tais aspectos.

O regime absortivo do fotojornalismo solicita a compreensão de duas dimensões articuladas: poética e estética dos acontecimentos. Uma abordagem visual que comporta ideais absortivos prevê processualidades que prezam, de um lado, pela suspensão temporal, e de outro, referencial - para além do aspecto meramente indicial das representações ou de sua manifestação puramente plástica. Em vista do que se aclara, é notório que tais representações possam sugerir lacunas, abrindo perspectivas para certo efeito de indecisão desses instantes; sob esse realce, Arnaldo (2012) e Schneider (2018) sinaliza discussões sobre a noção de instante indecisivo que abastece pertinentes averiguações acerca das iconografias cujas abordagens situam-se mais intensamente em campos como os da arte, vinculadas às manifestações estéticas do documento (Rouillè, 2009, 2011). A absorção como um expressividade não estaria automaticamente associada a uma noção de instante indecisivo, embora muitos motivos sugiram lacunas ou espaços para suspensões atencionais. Implica dizer que, a absorção além de ser um tema da representação (pessoas que estão absortas em estados de espíritos; em atividades concentradas) expressa os contratos nos quais os sujeitos não estão conscientes do seu entorno ou não se relacionam com o espectador ou produtor num contrato explicitamente. Ela é entendida como estratégia de esquecimento da teatralidade a partir da neutralização da consciência do espectador sobre grau de ficcionalidade das representações.

É nesse sentido que o paradigma absortivo prevê uma construção que vai além da unicidade da representação, da pressuposição de um instante. A serialidade das representações dos acontecimentos não somente é uma tendência que opera como um desvio da discursividade da instantaneidade e dramaticidade no fotojornalismo, mas é um fenômeno que arrasta debates iminentes sobre produção das séries visuais: os ditames documentais (em termos

de valorização e funções); e a dimensão relacional da espetatorialidade a partir dos efeitos promovidos pelas composições serializadas. A noção da justaposição ou multiplicidade de instantes corporificados em uma composição serializada realça o entrelaçamento entre as referências e os tempos que não se corporifica a partir de um único instante, único ponto de vista, mas abre espaço para outras abordagens. A ênfase na serialidade aponta, nesse sentido, correspondências com um regime absortivo no sentido de abandonar a excepcionalidade e abordar o cotidiano, que pode ser acrítico, que pode oferecer espaços de serenidade ou contemplação.

A categoria long-form projects situada na premiação do World Press Photo é um exemplo oportuno que abarca tais produções, muitas vezes operadas sob a égide absortiva, sendo a regra constitutiva dessas obras o traço da série; a produção alargada dos eventos. Nos projetos de longa-duração, a expectância como marca do estilo e como regime de intencionalidade absortiva é associado a uma dimensão mais dilatada e prolongada (com idas e vindas do fotógrafo que se dedica a fotografar um tema durante 5, 10, 20 anos); não apenas um instante é instaurado na expectância, mas seus sucessores e antecessores, em uma dimensão decomposta desses. Os projetos são elaborados no decorrer de muitos anos, realçando a dedicação dos fotógrafos em relacionar-se com esses universos actanciais. A partir de tempos que aparentam ser dotados de marcas da denegação (Entler, 2007), põe-se em evidência as marcas da espera do fotógrafo diante dos temas (Lissofsky, 2008) e seu contrato actancial a partir dos graus de absorção dos actantes. A serialidade funciona como veículo da desaceleração que pode oportunizar absorção, através da dimensão processual do acontecimento que põe em suspensão o ideal da imagem única. Em razão disso, pretendemos identificar os elementos pungentes que possam ampliar as reflexões sobre esse problema, a saber: qual é a implicação que a noção de série demarca, por exemplo, na dimensão poética e estética dessas imagens.

Os projetos de longa-duração premiados pelo WPP (sendo representativos em razão de essa premiação ser um campo prestigiado de circulação e fomento das produções), implicam a representação seriada que aborda acontecimentos a partir da expressividade absortiva na contramão da expressividade teatralizada (que comumente orienta as imagens únicas ou aquelas provenientes de um instante decisivo bressoniano) das representações e da possível experiência visual. São abordagens que prezam por um tempo dilatado, pela paciência do fotógrafo

nos horizontes da intencionalidade e do seu agenciamento, através de uma atitude comedida e prolongada, e pela composição dos dados do acontecimento no arranjo da série que põe em discussão algumas questões sobre o redimensionamento ou rememoração de processualidades absortivas.

Abarca-se, nesse sentido, o pressuposto de que “cada imagem não deve falar apenas por si, mas deve formar uma ponte com as outras [...] sua totalidade forma o tema” (Lugon, 2001, p. 254). Para além da instância da significação, a serialidade afeta outra dimensão da experiência que é a temporalidade de leitura do espectador, na medida em que ela condiciona algum grau de permanência ou atração, e por conseguinte, abre espaço para uma experiência estética absortiva. Nos implicamos nessas cenas não apenas pelo que a imagem mostra objetivamente, mas pelo que ela exhibe como sugestões e lacunas; na sucessão das cenas que instila associações mentais. A sucessão dessas cenas, considerando os projetos de longa-duração do WPP pode condicionar o espectador a olhar imagem a imagem, dedicar mais tempo para entender o acontecimento, promovendo acúmulo de informações imagéticas (Emerick Neves, 2008, 2015).

Esses desdobramentos despontam como problematização da espectralidade na relação com a construção testemunhal que não é discutida em Fried (o autor proeminente que edifica essas questões a partir das críticas formuladas por Diderot). A noção de instante ou a noção isolada de absorção - transportada a partir dos escritos de autores como Fried (1980, 2008), não subsidiam, com suficiência, as reflexões sobre o fenômeno da absorção presidida pelas fotografias premiadas por uma instituição como o World Press Photo. No entorno desse eixo, pretende-se entender as dinâmicas e consequências envoltas nessa relação à luz da noção de série como um dos aspectos que condicionam a absorção e, sobretudo, como marca da processualidade que tensiona os horizontes da intencionalidade para além do aspecto puramente indicial das representações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Elton. Temporalidade e produção do acontecimento jornalístico. Em *Questão*, v. 13, n. 1, jan. / jun, 2007, p. 25-40.

ANTUNES, Elton. Acontecimento, temporalidade e a construção do sentido de

atualidade no discurso jornalístico. *Contemporânea*, v. 5, n. 1, 2008.

ARNALDO, Javier. El instante indecísivo. Entrevista con Joan Fontcuberta. Alcalá, Madrid: Círculo de Bellas Artes, 2012. Disponível em:
<<https://www.circulobellasartes.com/rmediateca/el-instante-indecisivo-entrevista-con-joan-fontcuberta/>> Acesso em: 10 set. 2018.

ELKINS, James. *Pictures and Tears: a history of people who have cried in front of paintings*. Routledge: Nova York; Londres, 2001.

ELKINS, James. How long does it take to look at a painting. *Huffpost Arts & Culture*, v. 8, 2010.

EMERICK NEVES, Alexandre. Tempo e representação. Anais... XV Encontro da Pós Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes, Rio de Janeiro, UFRJ, set. 2008.

EMERICK NEVES, Alexandre. A perda da contemplação serena e a percepção colaborativa num piscar de olhos. *Farol*, v. 11, n. 14, p. 17-33, 2015.

ENTLER, Ronaldo. A fotografia e as representações do tempo. *Galáxia*, São Paulo, n. 14, 2007.

FRANCISCATO, Carlos. Tecnologias digitais e temporalidades múltiplas no ecossistema jornalístico. *Contracampo*, Niterói, v. 38, n. 2, pp. 132-146, ago. / nov. 2019.

FRIED, Michael. *Absorption and Theatricality: Painting and beholder in the age of Diderot*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

FRIED, Michael. *Why photography matters as art as never before*. New Haven: Yale University Press, 2008.

LISSOVSKY, Mauricio. *A Máquina de esperar: Origem e estética da fotografia moderna*. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2008.

LUGON, Olivier. La Série. In: LUGON, Olivier. *Le Style Documentaire: D'August Sander à Walker Evans, 1920-1945*. Paris: Macula, 2001. p. 241-193.

POIVERT, Michel. Does contemporary photography have a history? (a fotografia contemporânea tem uma história?). Tradução de Andrea Eichenberger. *Palíndromo*, n. 13, jan./jun. 2015.

RITCHIN, Fred. *Bending the frame: Photojournalism, documentary, and the citizen*. New York: Aperture, 2013.

ROUILLÈ, André. *A Fotografia: Entre Documento e Arte Contemporânea*. Tradução

Constância Egrejas. São Paulo: Editora SENAC, São Paulo, 2009.

ROUILLÈ, André. Le Crépuscule du Photojournalisme. Paris Art, Paris, n. 371, 19 nov. 2011.

SCHNEIDER, Greice. Em Defesa do Instante Indecisivo. In: SBPJOR. 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2018. São Paulo: FIAM-FAAM / Anhembi Morumbi, nov. 2018.

SCHNEIDER, Greice; BENIA, Renata. Picturing a suspended time: The dramaturgy of the non-event in pandemic contemplative photographs. Image & Narrative, v. 23, n. 2, p. 107-121, 2022.

SILVA JÚNIOR, José Afonso. Da foto à fotografia: os jornais precisam de fotógrafos? Contemporânea, Bahia, v. 12, n. 1, p. 55-72. 90, jan-abr. 2014.

VAN ECK, Caroline; BUSSELS, Stijn. The Visual Arts and the Theatre in Early Modern Europe. In: VAN ECK, Caroline; BUSSELS, Stijn (coord.). Art History: Journal of the Association of Art Historians, vol. 33, n. 2, 2010p. 209-223.

Fotografia da Paixão: uma análise de imagens do culto ao cristo sofredor

Rodrigo Azevedo Carneiro²¹

Erna Barros²²

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo refletir sobre os usos da imagem fotográfica na representação do imaginário da fé. Para estabelecer um debate sobre a análise da relação do uso da fotografia na Antropologia, pretendo trazer as contribuições de Samain (2000) e Achutti (1997), para estabelecer um panorama das questões da memória e das narrativas visuais da religiosidade. Para efeito de estudo, pretendo analisar fotografias de minha autoria, realizadas durante o espetáculo teatral da Paixão de Cristo do Bom Sucesso realizado na cidade de Riachão do Jacuípe, interior da Bahia. Para auxiliar nas análises das imagens, proponho-me a realizar uma análise iconográfica, modelo de roteiro analítico proposto por Kossoy (2014), que traz informações essenciais para a decodificação da informação na imagem.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem. Narrativas Visuais. Fotoetnografia. Análise Iconográfica.

INTRODUÇÃO

Através da fotografia um homem inaugurou o novo processo de produção de imagens na sociedade. A foto tem como objetivo romper com as tradições pictóricas do desenho, da pintura e da gravura (MAYA, 2008, p. 105). Para Dubois (1993), a fotografia se estabelece como o resultado objetivo da neutralidade de um aparelho, um processo mecânico. Essa expressividade da imagem fotográfica sucinta o sentimento de realidade por não sofrer mediação do homem, uma vez que o ato fotográfico é “em essência, um ato de não intervenção [...] a pessoa que registra não pode interferir” (SONTAG, 2004, p. 12), a não ser com suas escolhas e

²¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Sergipe. Contato: rodrigoazevedocarneiro@hotmail.com

²² (Orientadora) Professora Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe - UFS (2020), mestre em Multimeios pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2012), e jornalista pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL (2008). Contato: ernabarros@academico.ufs.br.

orientações na manutenção do aparelho, a fotografia então é livre e transparente.

Em função disto, muitos religiosos adotaram e utilizam muito as fotografias a fim de dar visibilidade aos milagres ocorridos, como uma forma de testemunhar para os demais fiéis que seu pedido foi atendido através de sua fé. Na cultura religiosa, as imagens também substituíram os ex-votos como forma de explicar o milagre e destruir o “irrealismo fantasioso das imagens e figurações barrocas” (MARTINS, 2011, p. 77). A fotografia de uso religioso se apossa dessa sua verossimilhança única e sem desvios de sentido, na qual transmite enfaticamente a “realidade sem duplicá-la, sem fazê-la vacilar [...]: sem nenhum duelo, nenhum indireto, nenhum distúrbio.” (BARTHES, 2017, p.43).

A proposta deste trabalho é apresentar uma narrativa visual da religiosidade através do uso das fotografias estruturadas em conjunto com outras, utilizando fotografias de minha autoria, realizadas durante o espetáculo teatral da Paixão de Cristo do Bom Sucesso. A Paixão de Cristo do Bom Sucesso trata-se da encenação da via crucis, a via dolorosa, na qual segundo a tradição cristã, Jesus Cristo é submetido após ser preso e condenado à morte. A peça teatral ocorre anualmente durante as celebrações da semana santa, em específico, o feriado da sexta-feira da paixão. Ela acontece no povoado de Bom Sucesso, pertencente ao município de Riachão do Jacuípe, situado a pouco mais de 190 km da capital, Salvador, e envolve a comunidade católica. Com 33.386 mil habitantes (IBGE 2022), possui uma forte presença e atuação da Igreja Católica Apostólica Romana desde sua fundação, em 1878, até os dias atuais.

Percebe-se nessa comunidade, que a religiosidade e a fé, fazem parte do cotidiano. A prática e a participação na manifestação religiosa, faz com que os valores sociais e culturais, uma espécie de consolidação sócio-religiosa da comunidade católica do Bom Sucesso. É durante a realização da peça teatral que a comunidade re-estabelece um contato com o espiritual e o sagrado, através de orações proferidas durante a via crucis, como um ato de penitência em busca da salvação.

O acervo fotográfico em questão é composto de 660 fotografias da celebração de 2019 e 593 fotografias do ano de 2024. Em ambos casos estão no formato digital. Desse volume, pretendo fazer uma seleção de 40 fotografias (20 de cada ano) para trabalhar na pesquisa.

Como proposta metodológica, para reunir as informações das imagens analisadas, realizarei uma análise iconográfica, conceito proposto por Kossoy

(2014), no qual o objetivo é: [...] detalhar sistematicamente e inventariar o conteúdo da imagem em seus elementos icônicos formativos, o aspecto literal e descritivo prevalece, o assunto registrado é perfeitamente situado no espaço e no tempo, além de corretamente identificado (KOSSOY, 2014, p. 109). A partir dessa análise, a investigação iconográfica passa para um nível de compreensão mais concreto, possibilitando desvendar o significado interior (implícito) da imagem.

O uso da fotografia em trabalhos etnográficos ainda é um campo pouco explorado. A proposta de unir a imagem fotográfica e o texto tradicional nas pesquisas foi apresentada por Luiz Eduardo Robinson Achutti e seu conceito de Fotoetnografia. Para Achutti, o uso da imagem fotográfica e do texto devem ser utilizados de forma conjunta e colocados na mesma importância científica e metodológica na coleta de dados dos fenômenos estudados, uma vez que “o suporte imagético não funciona da mesma maneira que o suporte verbal. Cada um deles põe em obra operações cognitivas e afetivas singulares” (SAMAIN apud ACHUTTI, 1997, p.38). Logo, o valor da fotografia não se restringe apenas à função ilustrativa mas a uma possibilidade de acompanhar o fenômeno e a organização das questões observadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. A câmara clara: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

KOSSOY, Boris. Fotografia e História. 5ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios. Philippe Dubois; tradução Marina Appenzeller. - Campinas, SP : Papirus, 1993.

MARTINS, José de Souza. Sociologia da Fotografia e da Imagem. 2ª ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2011.

MAYA, Eduardo Ewald. Nos passos da história: o surgimento da fotografia na civilização da imagem. In: Discursos fotográficos, Londrina, v.4, n.5, p.103-129, jul./dez. 2008.

SAMAIN, Etienne. Como pensam as imagens. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

_____. O Fotográfico. 2ª Ed. São Paulo: Editora Hucitec/ Editora Senac.

São Paulo, 2005.

SONTAG, Susan. Sobre fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Um feixe de luz e os rastros de tempo da fotografia pinhole no Mão na Lata

Dayanne Santos Carvalho²³

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

Esta pesquisa tem como finalidade investigar de quais e de quantas maneiras aparecem vestígios de temporalidades em fotografias produzidas com pinhole, técnica artesanal que por si só compreende uma perspectiva temporal mais alargada, e como esses vestígios contribuem para a fabulação de mundos, a relação consigo mesmo e com o espaço. Para isso, serão analisadas as fotografias produzidas por crianças e adolescentes do Mão na Lata, um projeto da comunidade da Maré, no Rio de Janeiro, que oferece oficinas de fotografia pinhole, a partir da literatura e da escrita. A pesquisa trabalha com a análise das fotografias dos fotolivros Mão na Lata e Berro Dágua: um ensaio fotográfico sobre a obra de Jorge Amado (Altberg, 2006) e Cada dia meu pensamento é diferente (Altberg, 2013), identificando como os rastros temporais deixados por essa espera da pinhole e pela integração de linguagens contribui para fortalecer a relação dos meninos e meninas consigo mesmos e com a Maré.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia Pinhole. Mão na Lata. Temporalidades. Duração.

INTRODUÇÃO

“Buraco de alfinete” é a tradução literal para pinhole, uma técnica de fotografia artesanal caracterizada pela passagem de luz por um pequeno orifício na estrutura da câmera — que pode ser feita de lata ou de caixa de papelão, por onde a imagem é formada em material sensível, posicionado internamente em direção oposta à abertura. Neste tipo de técnica, o tempo de produção de uma fotografia é mais alargado em decorrência da luz, que precisa de uma espera para fixar a imagem no material sensível, podendo ser em segundos ou horas, a depender da escolha de quem fotografa.

Em levantamento feito para esta pesquisa, o Mão na Lata, um projeto que trabalha com esse tipo de técnica, realizado com crianças e adolescentes das

²³ Mestra em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: desso.jorn@gmail.com.

comunidades da Maré, no Rio de Janeiro, sob coordenação da fotógrafa e artista visual Tatiana Altberg foi definido como caminho para esta investigação, levando em consideração critérios, como

durabilidade das atividades, acesso às produções e referência para outras iniciativas. A partir de um viés educativo, que tem como finalidade o desenvolvimento pessoal e social por meio da fotografia e da literatura, o projeto se dedica à leitura de obras de nomes da literatura nacional, como Machado de Assis, Clarice Lispector e Jorge Amado, e ao ensino dos princípios básicos da fotografia por meio de oficinas que têm como base um processo lúdico e colaborativo de confecção de câmeras com as latas recicladas, leitura coletiva, produção das imagens, revelação dos negativos, entre outras etapas.

O Mão na Lata costuma ser regularmente reconhecido por seu impacto social e pelo uso combinado de linguagens, como é o caso da fotografia, da escrita, da música e da literatura. Esta pesquisa, no entanto, avalia que por trás da interação entre essas linguagens e de sua relevância social existe uma chave determinante para consolidar a experiência no Mão na Lata: a relação com o tempo a partir do uso da fotografia pinhole.

O tempo na fotografia pinhole é outro, e no Mão na Lata há uma espécie de rastro que permanece e se apresenta nas imagens em diversas camadas, indicando uma duração que se sustenta tanto pelo tempo da técnica, quanto por uma série de temporalidades envolvidas no fazer dessas imagens. Ele aparece não apenas no tempo de espera da própria fotografia, mas também na relação que se estabelece com a leitura, com a cidade, com a Maré e com os sentimentos, que ora estarão vinculados aos espaços físicos, ora aos espaços afetivos, íntimos. Para este resumo, no entanto, apenas a dimensão do tempo da própria técnica será considerada como ponto de partida, podendo haver certa profundidade no restante das dimensões durante a apresentação do trabalho.

Mão na Lata, um feixe de luz e um pedaço de tempo na palma da mão

Qual o rastro deixado pelo tempo enquanto ele dura na imagem? De que maneira essa espera, marcada no tempo de produção e, conseqüentemente, na observação de si mesmos e dos espaços, contribui para aprofundar as construções de mundos que se apresentam nas fotografias? Como o tempo se torna visível no depois, quando a fotografia já foi “finalizada”? É a partir de questionamentos como esses que esta pesquisa se debruça na análise das

fotografias presentes nos dois fotolivros publicados pelo projeto: *Mão na Lata e Berro D'água: um ensaio sobre a obra de Jorge Amado* (Altberg, 2006) e *Cada dia meu pensamento é diferente* (Altberg, 2013), para (1) investigar de quais e de quantas maneiras o tempo deixa rastros nas fotografias e (2) entender como a experiência da duração (Lissofsky, 2008) na fotografia pinhole desperta o imaginário dos participantes.

Segundo Altberg (2014, p. 159-161), a potência pedagógica de se trabalhar com a pinhole resulta justamente do que lhe constitui e do tempo que ela recupera. Para que a câmera alcance seu status de “pronta”, por exemplo, há a necessidade do trabalho manual, que impõe a todos uma camada de tempo preenchida pela conversa em grupo (uma elaboração da vivência). Embora não apareça na fotografia, essa camada está situada no antes dela. Ainda de acordo com Altberg (2014, p. 159-161), a ausência de visor e de lentes corresponde, respectivamente, a um exercício imaginativo de situar a cena que se deseja capturar primeiro na mente, entendendo quais escolhas se inserem no enquadramento, e de aprender a lidar com a luz enquanto informação luminosa que atravessa o pequeno orifício. Esses dois elementos colocam o fotógrafo ou a fotógrafa diante do acaso, que pode levar ao erro ou ao acerto.

Em uma das fotografias²⁴ analisadas na pesquisa, entramos em contato com o tempo a partir de fragmentos compostos por presenças e ausências em suas fantasmagorias. Não fosse a própria maneira como a técnica pinhole se constitui teríamos contato com os rastros de uma pessoa na entrada à esquerda do bar? Saberíamos que uma segunda pessoa sentou-se na cadeira ao centro por tempo suficiente apenas para gravar suas pernas? Ou que o terceiro homem não esteve sentado na cadeira pelo mesmo tempo que o último, ao seu lado, já que a cadeira branca sobressai ao seu corpo? Embora na imagem o tempo apareça pelo movimento, nos colocando diante dessa brincadeira quase que investigativa do vestígio, nem sempre ele se apresenta pelo borrão na fotografia pinhole. Uma imagem em que nada se move também pode conter o mesmo tempo de uma imagem aos vultos, porque aqui neste caso estamos tratando de um tempo comum aos dois exemplos: o da exposição, inerente à própria técnica. Esse

²⁴ Link de acesso para a fotografia do fotolivro *Mão na Lata e Berro D'água: um ensaio sobre a obra de Jorge Amado* (Altberg, 2006):
<https://drive.google.com/file/d/1TCKArwiQv9Bw-y1VM43hS5UJP8RVUN6C/view?usp=sharing>

momento em que o buraco da lata está exposto à luz captura tudo o que está à vista do enquadramento, sendo estático ou não. Por isso, em uma mesma imagem conseguimos ter contato com a solidez do bar, das cadeiras e da mesa, pela estaticidade, e com o movimento dos corpos em transitoriedade. Olhando mais atentamente para o canto direito da fotografia, podemos pensar, aliás, que o último homem é o único elemento que aparece com solidez e movimento, simultaneamente; primeiro por estar mais parado que os outros, segundo por ser um corpo que, sobretudo, respira. Ele, portanto, é o ponto de encontro entre os dois modos de um mesmo tempo.

Nesse tempo em que o furo da lata é destampado para dar início à produção da imagem, começa-se um processo de espera que, como aponta Lisovsky (2008), não é uma espera para que algo aconteça enquanto se fotografa, mas “a abertura da duração naquele que espera a multiplicidade de durações que o rodeiam” (2008, p. 59), isto é, uma espera em que o tempo dura em um intervalo composto por “algo que tem um início e um fim, perceptivamente distintos um do outro, e um entre, no meio; um entre que, por menor que seja, demora” (2008, p. 35) e abriga uma série de ações. Nessa demora habita tanto a rotina dos lugares quanto o imaginário dos meninos e meninas do Mão na Lata, enquanto registram em presença esse cotidiano a partir das referências, das percepções e dos interesses em relação a esses espaços e vivências, sejam eles públicos ou privados. O tempo, portanto, se torna um fator relevante não apenas na produção das imagens durante o ato fotográfico com a pinhole, mas também na compreensão da dinâmica da comunidade, se ramificando em diferentes formas de aplicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTBURG, Tatiana. Mão na Lata e Berro D'água: um ensaio fotográfico sobre a obra de Jorge Amado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ALTBURG, Tatiana. Cada dia meu pensamento é diferente. Rio de Janeiro: Nau, 2013a.

ALTBURG, Tatiana. Cada dia meu pensamento é diferente. 2013b. Disponível em: <<http://www.maonalata.com.br/detalhe/9739>>. Acesso em: 7 de abril de 2024.

ALTBURG, Tatiana (Organizadora: Ana Angélica Costa). Possibilidades da câmera obscura. Organizadora: Ana Angélica Costa. Rio de Janeiro : Projeto Subsolo, 2014.

ALTBURG, Tatiana. Imagens expandidas: projetos colaborativos e a subjetividade do eu. 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ygqBLJrwtI4>>. Acesso em: 15 de junho de 2023.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, [S. l.], p. 206–219, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15454>. Acesso em: 26 de maio de 2023.

LISSOVSKY, Mauricio. A máquina de esperar: origem e estética da fotografia moderna. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

Mapeamento dos coletivos de mulheres na fotografia brasileira contemporânea: os processos e a criação em rede no Brasil

Charlotte PEDROSA²⁵

Greice SCHNEIDER²⁶

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

O presente artigo busca explorar a emergência de coletivos fotográficos no Brasil no período de 2018 a 2023. Esses coletivos têm desempenhado um papel crucial na ampliação de novos espaços para as fotógrafas e os fazeres fotográficos. O trabalho tem como objetivo mapear esses coletivos, entender seus processos políticos, criativos e estruturais, destacando a importância da criação em rede.

PALAVRAS-CHAVE: Coletivos fotográficos, Fotografia, Gênero, Mapeamento

INTRODUÇÃO

Ao final da primeira década do século XXI o engajamento de mulheres no processo de construção de coletivos e coletivas fotográficos no Brasil configura uma tendência crescente que debate acerca da presença de mulheres na fotografia, assinalando para uma atuação independente dessas fotógrafas nas produções criando espaços de visibilidade. O presente artigo tem como objetivo mapear a atuação desses coletivos e coletivas de mulheres no cenário fotográfico brasileiro contemporâneo, considerando seus modos de fazer que desenvolvem nos cruzamentos entre fotografia e feminismos em rede. O cenário deste problema é marcado pelo questionamento sobre como esses coletivos e coletivas se organizam e o que move essas mulheres a atuar nos chamados coletivos fotográficos contemporâneos. Ao entender o que move essas mulheres e como elas constroem suas redes de apoio e colaboração, pretende-se investigar as complexas interações entre identidade e ativismo no contexto da fotografia contemporânea no Brasil.

²⁵ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação de Comunicação da Universidade Federal de Sergipe. email: charlote.borges@hotmail.com

²⁶ Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFS, e-mail: gschneider@academico.ufs.br.

A noção de coletivo adotada aqui pode ser entendida como uma forma de organização social e política que emerge na sociedade a partir de interesses e objetivos comuns (Gohn, 2022). Esses grupos se formam em torno de causas específicas, buscando promover mudanças sociais, políticas ou culturais. Especificamente sobre coletivos de mulheres, Gohn destaca sua importância na promoção de mudanças sociais e na conquista de direitos. Ela analisa como esses grupos utilizam a mobilização e a solidariedade para enfrentar desigualdades de gênero e empoderar as participantes. Em contrapartida as definições acerca do recorte de político (2022), será abordado as perspectivas pragmáticas conceituais de coletivos fotográficos contemporâneos estabelecidas por autores como: Queiroga (2015), Entler (2011), Corrêa (2019), Paim (2009), Albuquerque (2006).

A ótica coletivista dessas mulheres fotógrafas e feministas, prevê a independência e desierarquização formado por um grupo de pessoas unidas por interesses comuns, e que desenvolvem ações práticas de uma chamada “cultura de oposição”, característica que vai para além da prática do coletivo, trata-se também da crítica coletiva ao modelo de sociedade contemporânea, por isso possuem uma estrutura flexível, horizontal e principalmente política, conforme aponta as pesquisadoras, Valle e Gamarra (2021) “A vivência em coletivo nos mostra da urgência em se formular contradispositivos, que desmontem a lógica fotográfica hegemônica e apresente novos caminhos mais horizontais, acolhedores, fluidos, críticos, na compreensão de que a fotografia extrapola a superfície das imagens.” (Valle e Gamarra, 2021, p. 125).

Os coletivos fotográficos contemporâneos foram aqui examinados a partir de um recorte de gênero (Butler, 2015), que é entrelaçado com diversas temporalidades, historicidades e localidades, permitindo expandir as discussões sobre os feminismos ao tornar visíveis outros marcadores sociais da diferença (como gênero, classe, raça, geração, etc.) no processo de construção social do sujeito. Dessa forma, afasta-se das generalizações e universalização normativas centradas no homem branco ocidental, abrindo espaço para perspectivas que valorizam a diversidade de corpos e identidades.

Além disso, a investigação parte de uma abordagem decolonial (Azoulay, 2021), referente a forma como a fotografia tem sido usada historicamente para reforçar hierarquias sociais e o controle estatal, especialmente em contextos de colonialismo e opressão. No entanto, ela também vê a fotografia como uma saída democrática que pode ser usada para dar visibilidade a experiências

marginalizadas e para contestar narrativas dominantes.

Esse artigo será dedicado à primeira etapa do mapeamento, a partir do Método Cartográfico de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1980) para mapear os coletivos e coletivas de mulheres no Brasil. Esse método é especialmente adequado para captar a multiplicidade e a fluidez das práticas desses grupos, permitindo uma análise dinâmica e complexa dos territórios que eles ocupam e das redes que formam. A cartografia não se limita a uma simples localização geográfica; ela envolve a identificação das relações, das redes, dos fluxos e processos que caracterizam a atuação desses coletivos, oferecendo uma visão ampla e detalhada de suas práticas e interações no cenário contemporâneo.

É na Sociedade em rede (Castells, 2009), que os coletivos e coletivas de mulheres fotógrafas podem ser entendidos como grupos de indivíduos que se unem para alcançar objetivos comuns, compartilhando interesses, ideias e recursos imagéticos através das redes digitais, proporcionando uma interconexão e comunicação entre essas mulheres, além das suas atuações serem fundamentais para o fortalecimento da igualdade de gênero, na desconstrução de estereótipos e na criação de espaços inclusivos e diversificados na indústria criativa brasileira.

A fim de visualizar e compreender melhor a complexidade do objeto estudado, dei início ao mapeamento dos coletivos e coletivas, o primeiro passo foi fazer uma busca manual no Instagram utilizando a palavra-chave e hashtag: coletivo fotográfico definindo algumas categorias em tabela como: nome do coletivo/coletiva, se está ativo/ativa, quantas membros, se tem carta manifesto, link das redes sociais, email, pequena descrição a partir das suas redes, nome de cada membro, localidade de atuação, categoria das fotografias e tipo de atividade do coletivo. Foram localizados inicialmente 21 coletivos e coletivas em território nacional, de novembro de 2023 a abril de 2024 o quantitativo foi atualizado para 26 no total, concentrando-se 7 coletivos com abrangência de atuação nacional, 3 com atuações regionais e 14 com atuação local.

Após o levantamento e ao perceber a partir das suas descrições nas redes sociais o formato de estruturação interna e dos trabalhos fotográficos publicados entendi que o território costura não só as questões das atuações desses coletivos mas o tripé central da presente pesquisa (gênero, fotografia e coletivos). Nesse sentido e a fim de visualizar de forma cartográfica uma das perguntas metodológicas sobre “onde estão esses coletivos e coletivas?”, parti para a etapa

da execução do mapa, separando por categorias as regiões do país por atuação nacional, regional e local com o objetivo de investigar como essas mulheres ocupam o território e organizam suas atividades.

Os resultados desse primeiro mapeamento revelam a importância dos coletivos de mulheres na construção de um campo fotográfico mais inclusivo e diversificado. A participação ativa dessas fotógrafas em redes colaborativas fortalece suas práticas criativas e amplia suas possibilidades de atuação. Os coletivos desempenham um papel crucial na educação e conscientização sobre questões de gênero e representatividade na fotografia. Este estudo contribui para a compreensão da dinâmica desses coletivos e destaca a importância de continuar apoiando e promovendo a representatividade feminina na fotografia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZOULAY, Ariella. *The civil contract of photography*. 2021.

DA GLÓRIA GOHN, Maria. *Ativismos no Brasil: Movimentos sociais, coletivos e organizações sociais civis-Como impactam e por que importam?*. Editora Vozes, 2022. DO VALLE, Isabella Chianca Bessa Ribeiro; GAMARRA, Maíra Costa. *Coletivos de fotógrafas na América Latina: um estudo de caso do 7Fotografia*. *Iluminuras*, v. 22, n. 59, 2021.

ENTLER, Ronaldo. *Os coletivos e o redimensionamento da autoria fotográfica*. *Studium* 32, Campinas, v. 32, n. 1, pp. 33-51, 2010.

GUATTARI, Félix; DELEUZE, Gilles. *Mil platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro, v. 34, 1995. hooks, Bell. *Teoria feminista: Da margem ao centro*. Editora Perspectiva SA, 2020.

PAIM, Claudia Teixeira. *Coletivos e iniciativas coletivas: modos de fazer na América Latina contemporânea*. 2009.

QUEIROGA, Eduardo. *Coletivos fotográficos contemporâneos*. São Paulo: Appris, 2015.

EIXO 6 — COMUNICAÇÃO, REDES SOCIAIS E PLATAFORMAS DIGITAIS

“Envie isso para alguém que você ama” - analisando a recepção negativa sobre o casal Bill e Frank em *The Last of Us* (HBO) a partir do Instagram

Lucas Valdomiro Lima da Silva²⁷
Vitor José Braga Mota Gomes²⁸

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

Mesmo após um ano do lançamento da 1ª temporada da adaptação televisiva de *The Last of Us* pela HBO, baseada na famosa franquia de games do mesmo nome, uma parcela de seus fãs ainda discute, nas mídias sociais, o "polêmico" terceiro episódio da série. Este episódio causou controvérsia ao expandir e alterar a história original do jogo, dando um papel mais importante e aprofundado aos personagens Bill e Frank. Para refletir sobre essas críticas, foi feita uma análise de conteúdo a partir dos comentários negativos ao episódio, com base em uma publicação de um canal oficial da HBO no Instagram, feita no Dia dos Namorados americano, que traz uma cena romântica entre os referidos personagens. Pudemos categorizar a recepção do público em relação ao enfoque narrativo dos personagens, identificando tanto tensionamentos moderados quanto comentários repressivos e preconceituosos, que contrariam a mensagem inclusiva que a série buscou transmitir ao expandir as histórias da obra original.

PALAVRAS-CHAVE: Recepção, Análise de Conteúdo, *The Last of Us*, Instagram.

INTRODUÇÃO

O anúncio²⁹ em março de 2020 da produção de uma série de TV baseada em *The Last of Us* (TLOU), franquia de jogos da desenvolvedora norte-americana Naughty Dog e considerada pela maioria da comunidade *gamer* como uma das melhores da história dos videogames³⁰, gerou grande expectativa e medo em torno de como essa história seria adaptada para a TV pela emissora estadunidense

²⁷ Aluno do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFS, e-mail: eulucasvaldomiro@gmail.com

²⁸ Orientador do trabalho. Professor do curso de jornalismo da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFS, email: vitor.braga@ichca.ufal.br

²⁹<https://jovemnerd.com.br/noticias/series-e-tv/hbo-anuncia-serie-baseada-em-the-last-of-us>. Acesso em: 10 de jun. de 2024.

³⁰<https://www.estadao.com.br/link/que-mario/the-last-of-us-lidera-lista-de-melhores-jogos-da-historia/>.

Acesso em: 22 de jun. de 2024.

HBO. A escolha de Craig Mazin, criador da minissérie vencedora do Emmy Awards de 2019 'Chernobyl' (HBO), junto a Neil Druckmann, co-criador do jogo original, que atuaria como roteirista e produtor executivo, foi um passo importante para garantir qualidade e fidelidade na história.

Entretanto, até mesmo o sucesso da adaptação não escapou de algumas 'polêmicas' como a escalação da atriz Bella Ramsey como Ellie, que sofreu ataques nas mídias sociais³¹ devido a sua aparência ser diferente da personagem do jogo. Além disso, houve a controvérsia que motivou esta análise: a exibição do terceiro episódio, intitulado "Por Muito, Muito Tempo" (2023).

Nesse episódio, a expansão narrativa dos personagens Bill e Frank, interpretados por Nick Offerman e Murray Bartlett, mostrando suas vidas como um casal homossexual em um ambiente pós-apocalíptico. O episódio sofreu o fenômeno do "review bombing"³² na famosa base de dados audiovisuais 'IMDb' (Internet Movie Database)³³. Assim, com o intuito de verificar como esse 'ódio' ao episódio ainda persiste mesmo após um ano do lançamento da adaptação, o presente artigo buscou analisar a recepção negativa dos 'fãs' através de um *post*³⁴ realizado no Instagram oficial da HBO (@hbo)³⁵, que possui 5,6 milhões de seguidores, em colaboração com o perfil da série (@thelastofus)³⁶, com 1,4 milhão de seguidores, e a cantora de rock Linda Ronstadt (@lindaronstadtmusic)³⁷, com 145 mil seguidores.

Publicado no dia 14 de fevereiro de 2024, data comemorativa do dia dos namorados e também dia de São Valentim, sob a legenda 'Send this to someone you love' (em tradução livre, "Envie isso para alguém que você ame"), o vídeo traz uma cena do terceiro episódio da série, onde Bill (Nick Offerman) faz um *cover* de piano da música 'Long Long Time' (que também dá nome ao episódio), originalmente interpretada pela própria Linda, para o seu amado Frank (Murray Bartlett) enquanto se emocionam juntos.

³¹<https://legadoplus.com.br/bella-ramsey-a-ellie-de-the-last-of-us-sofre-ataque-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 10 de jun. de 2024

³²Em tradução livre, bombardeio de críticas. Refere-se às situações em que um produto é avaliado de forma bastante negativa por sua audiência. Vem ocorrendo sobretudo no audiovisual (filmes e séries), na música e nos videogames.

³³ Disponível em: <https://www.imdb.com/>.

³⁴ <https://www.instagram.com/p/C3Vel-8rlcy/>. Acesso em: 10 de jun. de 2024.

³⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/hbo/>.

³⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/thelastofus/>.

³⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/lindaronstadtmusic>

Até o presente momento do artigo, a postagem possui 82 mil curtidas e 856 comentários. Realizando uma análise de sentimento, detectamos que, entre os diversos elogios e reações positivas, há cerca de 50 respostas de caráter discordante e tóxico, que serão exploradas na etapa de resultados.

O objetivo principal desta pesquisa é realizar uma análise de conteúdo, atrelada aos estudos comunicacionais de recepção, sobre os comentários negativos para entender o comportamento dos receptores em relação ao episódio e levantar possíveis indícios de homofobia disfarçada entre aqueles que não gostaram das mudanças feitas na adaptação de TLOU sobre os personagens Bill e Frank.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para a produção deste artigo, utilizou-se uma leve inspiração baseada nos estudos de audiência e recepção, mais precisamente focados nas perspectivas de recepção. Conforme Ruótoló (1998, p. 151), o foco da análise desses estudos é entender as respostas que os indivíduos dão aos conteúdos de comunicação, classificadas em diferentes formas de exposição, recepção, além de respostas atitudinais e comportamentais. Ao falar sobre recepção, Ruótoló (1998, p. 154) afirma tratar-se da construção subjetiva de significados a partir dos conteúdos da comunicação, ou seja, uma decodificação. Dessa forma, este artigo se propõe a analisar as respostas negativas daqueles que não gostaram da postagem sobre o casal de TLOU.

Como estamos falando dessa parcela que também é fã de uma obra derivada de uma adaptação, é imprescindível ressaltar esse fator importante. A definição que melhor se aplica a esse tipo de discussão é a palavra “transposição”, defendida por autores como Garcia e Mussa (2014), que a consideram como o ato de recriar um novo produto baseado em um anterior, com uma linguagem própria, oferecendo novas visões e propostas. Ao observar as primeiras tentativas de transposição de videogames analisadas por Garcia e Mussa (2014), as principais consequências de seus ‘fracassos’ eram justificadas por produções de baixo custo, criadores com pouco conhecimento da obra, histórias diferentes do material original e com uma linguagem que não conversava com seu público base, muito menos com o novo público.

Por outro lado, fica dúvida o motivo por trás da baixa recepção do episódio 3, e especialmente do post feito no Instagram. Para isso, utilizaremos também a

ferramenta da interseccionalidade, tema estudado por Collins e Bilge (2021), que considera categorias de raça, classe, entre outras inter-relacionadas, como forma de entender e explicar as experiências humanas. Para esta análise específica, consideramos as perspectivas de gênero e sexualidade na mensagem proposta pela postagem através de uma cena afetiva de um casal homossexual.

Ademais, mesmo que não façam parte da análise da pesquisa, a breve leitura de outros trabalhos sobre *The Last of Us* (VICENTE & MASSAROLO, MELO & PIMENTEL, SANTOS) e de estudos de recepção (GRANDÍO-PÉREZ & ESTABLÉS & GUERRERO-PICO) também serviram de complemento bibliográfico para o artigo.

3. METODOLOGIA

O procedimento metodológico escolhido para este artigo foi análise de conteúdo que de acordo com Bardin (1997, p. 31), se caracteriza em um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que pode ser feita de forma qualitativa ou quantitativa, e que visa obter através de procedimentos sistemáticos e objetivos, indicadores e conhecimentos relativos às condições de variáveis inferidas numa mensagem. No caso desta produção, foi feita uma análise qualitativa baseada nos comentários da postagem “Envie isso para alguém que você ama” do canal do Instagram oficial da HBO, conforme explicitado no início.

Neste trabalho, a pré-análise contou com cerca de aproximadamente 20 postagens levantadas do perfil oficial de *The Last of Us* que destacassem Bill e Frank. No entanto, para trazer essa análise numa perspectiva atual após um período considerável desde o lançamento da série, foi selecionada a postagem feita no dia 14 de fevereiro de 2024, que referenciava o Dia dos Namorados abordando o casal apresentado na trama pós-apocalíptica.

Na exploração do material, foram lidos os 856 comentários feitos na postagem, e, com o objetivo de codificar quais seriam as mensagens negativas, foram construídas três categorias:

1. Recepção moderada - comentários de discordância, que não necessariamente expressassem desaprovação total ao episódio;
2. Recepção negativa - comentários de desaprovação, mas ainda assim toleráveis de mediação;
3. Recepção tóxica - comentários baseados em repressão e ódio;

Com isso, encontrou-se aproximadamente 50 comentários de teor negativo e, a fim de manter a privacidade dos usuários e mensurar informações, foi construída uma tabela referente aos comentários que mais se repetiram/se destacaram (Quadro 1):

Quadro 1: Recepção condensada do post sobre Bill e Frank.

Categorias	Exemplos de comentários referentes (em tradução literal)
1- Recepção moderada	<ul style="list-style-type: none">- Eu gostei desse episódio, mas eu sinto que foi um grande erro não ter Bill e a cena da escola que existe no game, mesmo que tenha funcionado.- Esse episódio foi bonito e fofo, mas sendo honesto foi o episódio mais desnecessário da temporada.
2- Recepção negativa	<ul style="list-style-type: none">- Pior episódio de todos os tempos (grande quantidade de reações assim).- Esse episódio me fez parar de assistir a série.- 🤔😞 (grande quantidade de reações assim).- Sem ofensas, mas esse episódio foi terrível. Deveria ser sobre guerra com zumbis e não uma merda de casal chato.
3- Recepção tóxica	<ul style="list-style-type: none">- Essa merda foi desnecessária- Se você se sentir inútil, apenas lembre-se que esse episódio de TLOU existe.- Eu sou o único que acho esse o episódio mais merda da série inteira?- Eu queria que não fosse LGBT 😞.- Amor g4y não é amor de verdade. Episódio nojento.

Fonte: Produção autoral

4. RESULTADOS ALCANÇADOS

Pensando na interpretação apresentada inicialmente sobre transposição e sua relação com diferentes pontos de vista, é perceptível que qualquer adaptação terá quem não goste de mudanças pontuais. No entanto, a cada grau de recepção, esse “não gostar” ultrapassa os limites nos comentários deste post. Logo na época de exibição do terceiro episódio, em um vídeo de bastidores³⁸ postado no Instagram da série, o criador Neil Druckmann destacou que a filosofia em torno de alterações era “se for para o melhor, nós mudaremos”, e o co-criador Craig Mazin apoiou essa ideia ao ver a possibilidade de trazer uma nova história para os personagens Bill e Frank, apresentando a beleza do amor em um mundo conturbado. Dessa forma, podemos interpretar que até mesmo os intitulados ‘fãs’ de TLOU não compreendem efetivamente o significado das relações humanas dentro da obra, especialmente quando abordadas fora da

³⁸ <https://www.instagram.com/p/CoILxChDN6U/>. Acesso em: 25 de jun. de 2024.

heteronormatividade, algo que nunca foi regra no universo do jogo e sempre foi explorado na narrativa dos personagens.

No geral, podemos observar a partir da interseccionalidade como uma 'simples' postagem traz outros significados além do que se lê. Percebe-se a interpretação machista e homofóbica ao negar que os dois homens do mesmo sexo possam se amar dentro desse universo, e que a 'mudança' no foco de desenvolvimento dos personagens no episódio foi negativa por eles se apaixonarem e apoiarem dentro da série até o fim, indo de contrapartida ao 'queer', ou seja, o diferente. A postagem também expõe que o preconceito à comunidade LGBTQIAPN+ ainda persiste tanto entre os 'fãs assíduos' quanto na parte conversadora da audiência dessa versão televisiva, que tende a preferir produções que não combatem a heteronormatividade e que não questionam as noções

Entretanto, tanto os jogos, a série quanto sua produção tentam combater essa visão ao normalizar as diferenças e engajar diretamente nessas discussões. A intenção de normalizar Bill e Frank em um post de Dia dos Namorados também é perceptível nesse aspecto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o que foi entendido sobre 'Construção Cultural' em Ruótolo acerca da recepção, pode-se entender que o lado conservador dos fãs de The Last of Us ainda busca utilizar os seus meios de comunicação a fim de expressar seu ódio *online*, sem medo de soar homofóbico ao defender suas ideias/opiniões. Por meio da análise dos comentários em uma perspectiva mais interseccional, conseguimos identificar que as motivações mais repressoras são interligadas a questões de gênero e sexualidade, tentando se opor à mensagem diversa e inclusiva que TLOU traz ao normalizar relacionamentos LGBTQIAPN+ em seu universo, e que continuarão sendo perpetuadas nas futuras temporadas da produção.

Ao entender que essas adaptações de videogames e outras mídias são, na verdade, transposições (Garcia e Mussa, 2014), esta análise mostra como a comunidade de fãs ainda precisa refletir que obras como TLOU da HBO não se limitarão a contar uma história idêntica, mas sim a manter seus elementos principais enquanto expandem e introduzem novas questões quando

necessário. Afinal, a narrativa de Joel e Ellie não se fixa apenas neles, mas também nas pessoas e eventos ao seu redor, tornando necessário o desenvolvimento e reconhecimento de histórias como as de Bill e Frank.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edição 70, 1995.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

GARCIA, Yuri; MUSSA, Ivan. Terror, Horror, Survival-Horror: A Transposição do Gênero Horror dos videogames para o cinema. In: VIII Simpósio Nacional da ABCiber, 2014, São Paulo. Terror, Horror, Survival-Horror: A Transposição do Gênero Horror dos videogames para o cinema, 2014. p. 1-14. Disponível em: https://www.abciber.org.br/simposio2014/anais/GTs/ivan_mussa_tavares_gomes_195.pdf.

Acesso em: 25 de jun. de 2024.

GARCIA, Yuri; MUSSA, Ivan. Videogames no Cinema: um olhar sobre as primeiras transposições. In: 3 Encontro Regional Sudeste de História da Mídia, 2014, Rio de Janeiro.

Videogames no Cinema: um olhar sobre as primeiras transposições, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/29225>. Acesso em: 25 de jun. de 2024.

GRANDÍO-PÉREZ M.-d.-M., ESTABLÉS M.-J. y GUERRERO-PICO M. (2020). Juego de Tronos, personajes femeninos y polémicas mediáticas. Estudio de recepción entre la audiencia hispanohablante. *Historia y Comunicación Social*, 25, p. 27-34. DOI: <https://doi.org/10.5209/hics.69224>. Acesso em: 10 de jun. de 2024.

MELO, Philipe; PIMENTEL, Clara. A Campanha de Ódio contra The Last of Us Part II. In: TRILHA DE CULTURA – ARTIGOS COMPLETOS - SIMPÓSIO BRASILEIRO DE JOGOS E ENTRETENIMENTO DIGITAL (SBGAMES), 21. , 2022, Natal/RN. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2022. p. 428-437. DOI: https://doi.org/10.5753/sbgames_estendido.2022.226031. Acesso em: 10 de jun. de 2024.

RUÓTOLO, Antônio Carlos. Audiência e recepção: Perspectivas. Comunicação e Sociedade, Universidade Metodista de São Paulo: SBC, 1998, p. 159-170.

SANTOS, Rangel. Elementos narrativos LGBTQIA+ nos games: uma leitura queer de The Last of Us Part II. In: Caderno Intersaberes, Curitiba, v. 11, n. 33, p. 286-296, 2022. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/2296/1803>. Acesso em: 25 de jun. de 2024.

VICENTE, Allison; MASSAROLO. Aspectos melodramáticos em narrativas interativas e seriadas no caso da adaptação de The Last of Us. In: DOSSIÊ 'UM JOYSTICK REVIRADO: VIDEOGAMES E GAME STUDIES NA PERSPECTIVA DO SUL

GLOBAL' - REVISTA ZANZALÁ v. 12 n. 1 (2023), p. 45-64. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/zanzala/article/view/42486>>. Acesso em: 10 de jun. de 2024.

THE LAST OF US. Produção de Craig Mazin e Neil Druckmann. Elenco: Pedro Pascal, Bella Ramsey. Estados Unidos. Sony Pictures Television. PlayStation Productions. 2023. 9 episódios (aproximadamente 50 minutos). Disponível em: <<https://www.hbomax.com/br/pt/series/urn:hbo:series:GYyofRQHeuJ6fiQEAAAEy>>. Acesso em: 10 de jun. de 2024.

Beleza Conectada: Consumo, Usos e Gratificações de Conteúdos Estéticos nas Mídias Sociais

Marina Menezes Moura³⁹

Raquel Carriço Ferreira⁴⁰

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

O consumo de conteúdos relacionados a cirurgias plásticas e procedimentos estéticos nas mídias sociais pode gerar diversos efeitos negativos na audiência. Entre os principais impactos estão a insatisfação corporal, onde indivíduos passam a comparar seus corpos de forma negativa com os padrões irreais exibidos online, levando à diminuição da autoestima. Além disso, há uma piora no quadro de doenças mentais, como aumento da ansiedade e depressão, devido à pressão por alcançar a aparência "perfeita". Esses conteúdos também podem incentivar comportamentos prejudiciais, como a adoção de dietas extremas ou a busca por procedimentos estéticos sem a devida orientação médica, colocando em risco a saúde física e mental dos usuários. Por meio da exibição de corpos esculpidos nesses meios, influenciadores digitais têm desempenhado um papel fundamental na sugestão e difusão de intervenções cirúrgicas. Em uma pesquisa realizada em 2023 pela Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (ISAPS), mais de 15 milhões de procedimentos foram realizados no mundo, e análises apontam que esse número tem alguma relação aos conteúdos propagados nas redes. O objetivo deste artigo é estabelecer o estado da arte “das motivações que levam a audiência a consumir conteúdos de beleza”, sobretudo, relacionados à procedimentos estéticos e cirurgias plásticas. Por meio da revisão narrativa de literatura, e com base nos referenciais teóricos dos ‘Usos e Gratificações’, observamos as pesquisas já desenvolvidas sobre o tema, e dissertamos sobre quatro categorias que ajudam a entender o interesse pela busca desses conteúdos digitais: Entretenimento, Socialização, Status e Identidade Pessoal.

PALAVRAS-CHAVE: Usos e Gratificações, Procedimentos estéticos, Cirurgias plásticas, Conteúdo de beleza, Revisão narrativa de literatura.

³⁹ Marina Menezes Moura (PPGCOM, Universidade Federal de Sergipe, marinammoura18@gmail.com)

⁴⁰ Raquel Carriço Ferreira (PPGCOM, Universidade Federal de Sergipe, raquelcarrico@gmail.com)

INTRODUÇÃO

Ao estudarmos o consumo de conteúdos de beleza pelos usuários das mídias sociais, estamos levando em conta seus motivos, seus usos e gratificações para busca desses conteúdos em específico. Conteúdos de beleza, mais especificamente sobre cirurgias plásticas e procedimentos estéticos, são hoje considerados os propulsores do mercado das intervenções corporais. Só no ano de 2023, a ISAPS (International Society of Aesthetic Plastic Surgery) relatou aproximadamente 15 milhões de procedimentos cirúrgicos e 19 milhões de procedimentos não cirúrgicos. No Brasil, esse número corresponde a 2 milhões de cirurgias plásticas e 1 milhão de procedimentos estéticos, posicionando o país em segundo lugar no ranking mundial. (ISAPS, 2024).

As mídias sociais, como o Instagram, são poderosas ferramentas de validação estética, influenciando os indivíduos a reproduzirem atitudes e padrões do mundo virtual (CAMPOS et al., 2019). As ideias difundidas por conteúdos de beleza atrelados a cirurgias plásticas e procedimentos estéticos nas mídias sociais podem gerar impactos negativos, como a sensação de baixa autoestima por não conseguirem acompanhar constantemente as tendências do mundo virtual (CAMPOS et al., 2019). Ao exaltarem corpos magros e rostos perfeitos, acabam influenciando o desejo e a necessidade da aparência “perfeita”. Em consequência dessa busca, o indivíduo pode desenvolver problemas com sua imagem corporal (SILVA et al., 2019, p.10).

Os problemas com a imagem corporal decorrentes da exposição a conteúdos de beleza nas mídias sociais podem ser variados e profundos. Entre eles, destacam-se a dismorfia corporal, onde o indivíduo tem uma percepção distorcida e obsessiva de defeitos em sua aparência; a insatisfação crônica com o corpo, levando a um constante sentimento de inadequação e inferioridade; e a pressão para realizar cirurgias plásticas ou procedimentos estéticos desnecessários, que podem resultar em riscos à saúde física e mental (SILVA et al., 2019, p. 10).

Essa busca incessante pela aparência “perfeita” pode provocar transtornos alimentares, como anorexia e bulimia, que consiste em comportamentos alimentares disfuncionais incentivados pela idealização da magreza. Outra consequência danosa, é a piora de condições pré-existentes de ansiedade e

depressão, a constante comparação aos ideais do corpo perfeito resulta em problemas de aceitação da própria imagem, o que ocasiona um ciclo vicioso de insatisfação e baixa autoestima (SILVA et al., 2019, p. 10). “A insatisfação constante, (...) a busca por uma beleza e perfeição inexistentes faz o usuário se afundar cada vez mais em um mar de inseguranças, que o faz se sentir pequeno e diminuído” (SILVA et al., 2019, p.10).

A indústria da beleza, alimenta-se da insatisfação das mulheres com suas aparências, incentivando um sentimento de autodesprezo. Esse descontentamento com o próprio rosto e corpo impulsiona o consumo de produtos ditos milagrosos, que prometem resolver esses desconfortos. Além disso, muitas mulheres acabam se submetendo a procedimentos estéticos, frequentemente dolorosos, na busca incessante pela perfeição. Essa busca, no entanto, não está isenta de riscos significativos. (CAMPOS et al, 2019).

A divulgação de procedimentos estéticos e cirurgias plásticas coloca a vida dos indivíduos em risco, podendo resultar em complicações médicas graves. Luiz Haroldo Pereira, médico da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP), desabafou ao site Manequim (2021) sobre a pressão estética imposta pelas mídias sociais. Ele destacou que o desejo de alcançar a beleza a qualquer custo pode levar a graves consequências, incluindo erros médicos. Estes erros são muitas vezes fruto de uma combinação perigosa de sociedades médicas clandestinas, pacientes desinformados e a ânsia por um corpo perfeito, exacerbada pela constante exposição a padrões irreais de beleza. Assim, a não exposição dos riscos atrelados ao processo cirúrgico e pós-operatório, mesmo se tratando de procedimentos simples a complicados, “que tenha sido realizado inúmeras vezes, possui riscos que, embora previstos, podem ocasionar danos inimagináveis tendo em vista que cada organismo reage de forma diferenciada” (FREITAS et al, 2023).

A veiculação de procedimentos estéticos e cirúrgicos nas mídias sociais têm uma ligação significativa com a busca pelo corpo perfeito, colocando em risco aqueles interagem com esse conteúdo, já que “a ideologia do corpo-projeto propagada pela mídia produz sentidos naturalizados como os únicos possíveis, evidências que resultam em um processo de apagamento da materialidade do sujeito.”(SOUZA E SANCHES (2018, p. 15).

Nesse contexto, Souza e Sanches (2018, p. 15) ainda alertam sobre como as mídias sociais fazem de tudo para seduzir e manobrar os indivíduos, uma vez

que até mesmo as propagandas que exibem corpos magros julgados perfeitos são manipuladas digitalmente. “Essa complexa fusão corpo-imagem é algo extremamente perigoso: o sujeito contemporâneo não deve (e é constantemente assediado para isso) estar acima do peso considerado aceitável não do ponto de vista da medicina, mas de um padrão estético propagado pela mídia.”

Dentro dos conteúdos de cirurgias plásticas e procedimentos estéticos, encontramos os divulgadores desses serviços: os influenciadores digitais, que são considerados celebridades por terem milhares de seguidores nas mídias sociais. Essa nova profissão informal é caracterizada por uma gama de profissionais que utilizam o mecanismo da influência para dar dicas e opiniões sobre o que as pessoas devem consumir. É importante destacar que, para obter sucesso nesse ambiente, o influenciador deve manter um vínculo estreito com seus seguidores. As pessoas procuram algo que as represente enquanto indivíduos, e os influenciadores oferecem, de certo modo, o que esse público necessita, em virtude da 'falsa aproximação' transmitida a partir do seu veículo de comunicação (Assis e Ferreira, 2019, p. 2; Gomes et al., 2019, p. 2).

Para mensurar a importância da influência desses influenciadores digitais, uma pesquisa de 2021 do site Valor Investe da Globo mostrou que o Brasil ultrapassou a China no ranking mundial de países onde os influenciadores digitais têm mais influência, e que 40% dos consumidores brasileiros são impulsionados na hora da compra pela publicidade de influenciadores (LESSA, 2021).

No mercado de intervenções cirúrgicas e plásticas, Carrion (2022) salienta que a parceria entre os influenciadores e o mercado de cirurgias estéticas tem fortalecido cada vez mais o padrão de beleza inalcançável. A autora critica essa cooperação ao destacar a falta de responsabilidade ao propagar procedimentos invasivos aos seus seguidores, pois “entendem que este tipo de procedimento é imprescindível em suas vidas, ainda mais pela grande estratégia de convencimento utilizada por essas personalidades digitais, no momento em que divulgam esses serviços, impondo, mesmo que subjetivamente, aos seguidores uma mudança para melhor em suas vidas” (CARRION, 2022, p. 4).

Para mensurar o quanto o mercado de beleza nas mídias sociais é rentável, em 2020 a revista Exame mostrou que “o mercado de cuidados pessoais movimenta cerca de 2,7 trilhões de reais no mundo, em parte devido às

empreitadas de influenciadoras como Rihanna e Kylie Jenner” (PADILLA, 2020). Isso porque cada post publicado por essas influenciadoras pode chegar a ter mais de 50 mil curtidas.

Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo estabelecer o estado da arte sobre "as motivações que levam a audiência a consumir conteúdos de beleza", especialmente aqueles relacionados a procedimentos estéticos e cirurgias plásticas. Através de uma revisão narrativa da literatura, buscamos estudos que exploram o tema utilizando os referenciais teóricos dos 'Usos e Gratificações'. Conforme afirmam Katz et al. (1973), essa teoria postula que os meios de comunicação exercem efeitos na audiência em função das gratificações que os usuários obtêm ao consumir esses meios. Portanto, compreender tais motivações torna-se essencial para desvendar o fenômeno aqui exposto.

A teoria de "Usos e Gratificações" ajuda a compreender as justificativas que levam o indivíduo a buscar meios de comunicação para satisfazer suas necessidades e desejos. Segundo Ferreira (2014), "O pressuposto básico de sua proposição é que, através das experiências e reflexões dos meios e conteúdos, os membros da audiência relacionam quais destes lhes são mais gratificantes, procedendo subsequentemente ao processo de seleção e exposição".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Vanessa; FERREIRA, Andressa. Marketing de influência: A era do Digital Influencer. Vitória da Conquista, 2019. Acesso em: 12 de junho de 2024.

CAMPOS, Gabriela; et al. Cultura da estética: O impacto do Instagram na subjetividade feminina. Cadernos de Psicologia. Juiz de Fora, v.1, n.2 p 310-334, agosto./dezembro, 2019. Acesso em: 12 de junho de 2024.

CARRION, Anna Carolina. A responsabilidade civil dos influenciadores digitais e veiculações cirúrgicas nas redes sociais. Revista Jurídica Lusso-Brasileira. Lisboa, ano 8, nº4, 2022. Acesso em: 12 de junho de 2024.

FERREIRA, M. C. Raquel. Os estudos da audiência e da recepção dos meios de comunicação social: Audiência uma introdução - Estudos estruturais e U&G. 2014. Acesso em: 13 de maio de 2024. Acesso em: 12 de junho de 2024.

GOMES, Karolayne; NEVES; Manoella; PEREIRA; Deriky. O poder dos influenciadores digitais sobre a sociedade do consumo por meio do Instagram. Maceió, 2019. Acesso em: 12 de junho de 2024.

KATZ, E., BLUMLER, J. G., & GUREVITCH, M. Uses and gratifications research. The Public Opinion Quarterly, 37(4), 509-523, 1973.

LESSA, Ricardo. Influenciador Digital ganha mais espaço nas campanhas das empresas. Valor Investe, 22 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://valorinveste.globo.com/mercados/renda-variavel/empresas/noticia/2021/10/22/influenciador-digital-ganha-mais-espaco-nas-campanhas.ghtml>> Acesso em: 12 de junho de 2024

PADILLA, Ivan. Quem são (e quanto cobram) as influenciadoras de beleza mais bem pagas. Exame, 30 de agosto de 2022. Disponível em: <<https://exame.com/casual/quem-sao-e-quanto-cobram-as-influenciadoras-de-beleza-mais-bem-pagas/>> Acesso em: 12 de junho de 2024.

SILVA, Alana; et al. A Influência do Instagram no cotidiano: Possíveis Impactos do Aplicativo em seus usuários. Teresina, 2019. Acesso em: 12 de junho de 2024.

SOUZA, Lucília; SANCHES, Rodrigo. O corpo do/no discursos midiáticos das dietas: efeitos do novo e da novidade. FAMECOS. Porto Alegre, v. 25, n. 1, janeiro, fevereiro, março e abril de 2018. Acesso em: 12 de junho de 2024.

2024 ISAPS International Survey on aesthetic/cosmetic procedures performed in 2023. International Society of Aesthetic Plastic Surgery. 2023. Disponível em: https://www.isaps.org/media/rxnfqibn/isaps-global-survey_2023.pdf . Acesso em: 4 de julho de 2024.

EIXO 7 — COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIAS

Narrativas em alta velocidade: estudo da transmídia nas transmissões da Fórmula 1 em 2021

Eduardo Costa Andrade⁴¹
Vitor Curvelo Fontes Belém⁴²
Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

O presente artigo analisa as narrativas transmídia e como elas são utilizadas pela Fórmula 1, potencializando as experiências de consumo por parte do público. Foram estudadas as transmissões de televisão e os conteúdos veiculados no streaming da categoria (a F1 TV), de quatro das 23 corridas da temporada de 2021. Assim, o trabalho pretende entender como a construção das narrativas acaba sendo influenciada por estes conteúdos, com a tentativa de se construir um trabalho transmídia, e desta forma gerando mais imersão ao consumidor. Foi utilizado para a metodologia o Estudo de Caso baseando-se nos estudos de Yin (2001), para entender como a transmídia é abordada neste produto, atingindo os objetivos por parte da Fórmula 1.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Estudo de Caso. 2. Fórmula 1. 3. Streaming. 4. Kleber Transmídia. 5. Novas tecnologias.

INTRODUÇÃO

Este trabalho deriva da dissertação (Costa, 2023) que analisou a narrativa transmídia nas transmissões da Fórmula 1 em 2021 envolvendo TV, streaming e redes sociais. Para o artigo em questão, foram considerados apenas TV e streaming. O objetivo é entender os impactos e potencialidades das narrativas transmidiáticas nas transmissões da F1, observando como estes conteúdos criaram uma experiência nova em acompanhar a categoria, dialogando diretamente com seu novo modelo de negócio. Entende-se como base que a Fórmula 1, um esporte globalmente difundido, tem a grande maioria do seu público construída não pela experiência in loco do autódromo, e sim pelo

⁴¹ Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (PPGCOM-UFS). E-mail: eduardocostaandrade98@gmail.com.

⁴² Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (PPGCOM-UFS). E-mail: vitorbelem@academico.ufs.br.

acompanhamento na televisão e demais mídias. Constatam-se pontos específicos como a forma em que a narrativa transmídia mudou as transmissões da Fórmula 1 e a relação desta virada com a Liberty Media (grupo que comprou a categoria em 2017).

METODOLOGIA

A pesquisa se debruça em um estudo de quatro das 22 corridas da temporada de 2021 da Fórmula 1, por meio dos conteúdos produzidos para cada uma delas nas transmissões de TV e no streaming. As corridas são os Grandes Prêmios do Bahrein (28 de março), da Inglaterra (18 de julho), de São Paulo (14 de novembro) e de Abu Dhabi (12 de dezembro). Em relação ao *streaming* F1 TV, nas quatro corridas são analisados os conteúdos oferecidos pela plataforma, uma vez que ela já possui a opção da transmissão "convencional" com o sinal do feed mundial da televisão, mas também traz elementos diferenciados de profundidade. Não são abordadas apenas as sessões de fim de semana de corrida, mas também os materiais extra pista – aqueles que são publicados além do que acontece na disputa esportiva em si. São estas opções a mais que ajudarão a construir o significado da transmídia. O estudo de caso se encaixa com mais naturalidade para trabalhos como este, uma vez que ele envolve a análise de eventos e suas nuances que já ocorreram no passado. “Isso se deve ao fato de que tais questões lidam com ligações operacionais que necessitam ser traçadas ao longo do tempo, em vez de serem encaradas como meras repetições ou incidências” (Yin, 2001, p. 25).

RESULTADOS

A análise das quatro corridas aqui estudadas identificou que a transmissão da Fórmula 1 pela TV, no modo convencional, já se utiliza de gráficos e tecnologias avançadas para contextualizar o que acontece nas corridas. Porém, o streaming potencializa a experiência do usuário. Há de se considerar que a temporada de 2021 marcou um novo momento no Brasil: após quatro décadas de transmissão exclusiva da Fórmula 1 pela TV Globo, os direitos mudaram de dono e passaram para a Bandeirantes. E como parte do acordo, a Band liberou as transmissões ao vivo pelo *streaming* F1 TV – até 2020, a Globo

tinha os direitos exclusivos também nas plataformas digitais.

Trabalhamos com o conceito da cobertura transmidiática de eventos planejados, proposto por Gambarato e Tárzia (2016). A Fórmula 1, uma vez que possui calendário pré-definido com antecedência, faz com que vários conteúdos sejam planejados ao longo do ano. É possível observar isso no streaming: a divisão em abas que se repete ao longo das corridas do ano possui conteúdos personalizados em todos os GPs, quase sempre já idealizados de forma anterior pensando naquilo que envolve aquela corrida específica.

Desta forma, nota-se como o streaming F1 TV se utiliza de produções específicas, sejam elas relacionadas àquela corrida ou não, trazendo um novo referencial de conteúdos e aumentando a capacidade de informação gerada ao público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cobertura transmidiática da Fórmula 1 promove uma dinâmica de engajamento virtual e muda a relação do público com as transmissões. Foi possível observar por meio deste trabalho que o *streaming* possui papel fundamental neste movimento de mudança, por ser uma nova tecnologia dos tempos atuais e que aumenta o leque de produção de conteúdo. A transmissão das corridas pela TV não é rejeitada, muito pelo contrário: ela cada vez mais recebe incrementos tecnológicos. Porém, a limitação física impede funcionalidades tão profundas, e a internet chega para preencher vastamente tal lacuna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTI, Mauro. Esporte na mídia ou esporte da mídia?. Santa Catarina: Motrivivência, UFSC, 2001.

COSTA, Eduardo. Narrativas em alta velocidade: transmídia nas transmissões da Fórmula 1 em 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023.

GAMBARATO, Renira Rampazzo; TÁRCIA, Lorena Peret Teixeira. Transmedia Strategies in Journalism. Journalism Studies: Taylor & Francis, 2016. Acesso em 26 mar. 2022, às 12h57. Disponível em <<http://www.tandfonline.com/action/journalInformation?journalCode=rjos20>>.

JENKINS, Henry. The Revenge of the Origami Unicorn: Seven Principles of

Transmedia Storytelling (Well, Two Actually. Five More on Friday). Confessions of an Acan-Fan, 12 dez. 2009. Acesso em 25 mar. 2022, às 16h29. Disponível em <http://henryjenkins.org/blog/2009/12/the_revenge_of_the_origami_uni.html>.

MARTINS, Elaide; CASTRO, Mariana; VINAGRE, Isabelle. Transmídia e redes sociais: aspectos da inovação no telejornalismo. Revista Observatório, v. 4, n. 3, p. 571-600, 29 abr. 2018. Disponível em <<https://bit.ly/3qA9EfJ>>.

QUINTELA, Guilherme. Comunicação organizacional, esporte e narrativa transmídia: uma análise da estratégia de interação organizacional da Fórmula 1. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, PUC-MG, 2021. Acesso em 2 fev. 2022, às 20h11.

YIN, Robert. Estudo de Caso: planejamentos e métodos. 2. ed., Porto Alegre/RS: Bookman, 2001.

Jornalismo on demand: o consumo da notícia pelo usuário Globoplay em Sergipe

Priscilla Terezinha Bitencout
Vitor Curvelo Fontes Belém
Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

Este trabalho de pesquisa investiga o comportamento de consumo dos usuários da plataforma Globoplay em Sergipe com a utilização de métodos complementares de análise. A plataforma Globoplay foi analisada no sentido de identificar os modelos de oferta de conteúdo jornalístico. Outras duas abordagens foram realizadas com os usuários em Sergipe. Como modelo quantitativo, uma pesquisa não probabilística em foi aplicada com 587 entrevistados a respeito de seus modos de uso da plataforma. Como análise qualitativa foi realizado um Grupo Focal com a presença de um grupo heterogêneo de usuários identificados como assinantes, não assinantes, consumidores e não consumidores de jornalismo. Os resultados identificam padrões de comportamento de consumo dos usuários da plataforma bem como do impacto da produção jornalística a partir da perspectiva de seus usuários.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Streaming 2. Jornalismo 3. Globoplay 4. Consumo 5. Sergipe

INTRODUÇÃO

A tecnologia transformou a maneira como a sociedade se relaciona e representou um marco gigantesco de transformação no consumo audiovisual. No Brasil, por mais de sete décadas, a população se familiarizou com um modelo de fluxo de televisão onde as grandes emissoras pautavam como e quando o telespectador iria consumir a programação. Uma lógica que é colocada em xeque com a chegada das grandes plataformas de streaming. Foi nesse contexto que, dentro do Grupo Globo de comunicação surgiu a plataforma Globoplay. Por diversos aspectos ela apresenta características que a difere das demais. Seja pelo aspecto híbrido de seus produtos, que são em parte financiados por meio do pagamento de assinaturas e em parte ofertados gratuitamente e financiados com publicidade, seja pela diversificação de seus modelos com a oferta de produtos de audiovisual, de áudio, de *live streaming*, de divulgação em série. A plataforma Globoplay é também aquela que está presente em todos os estados do Brasil por meio dos contratos de afiliadas em rede, e deposita em seu arsenal

o conteúdo produzido por diversas emissoras afiliadas pelo país. Outro aspecto que difere é a oferta de conteúdo jornalístico, seja por meio do acesso à produtos da própria emissora de televisão, suas emissoras afiliadas, seus canais por assinatura, quanto por meio de conteúdo exclusivo assinado com a alcunha de “original Globoplay”. Diante de sua especificidade, esta pesquisa aborda a relação da plataforma com o conteúdo jornalístico e busca identificar a percepção de seus usuários em relação a esse mesmo conteúdo. Os resultados demonstram fundamental importância no entendimento de que a experiência social se faz por meio da relação de uso que se tem com o meio, e traz luz a possíveis desdobramentos no entendimento da forma como o jornalismo vai ser produzido para ser efetivamente um modelo que funcione sob a ótica *on demand*. Uma discussão relevante para o fortalecimento da atividade jornalística em um cenário de profundas transformações sociais que emergem a partir da evolução tecnológica.

METODOLOGIA

Três etapas compreendem o modelo de análise adotado para esta pesquisa. Além da análise de conteúdo preliminar que identificou os diversos formatos de oferta de conteúdo jornalístico na plataforma, outros dois momentos voltados aos estudos do comportamento de consumo do usuário foram realizados. A fase quantitativa compreende a aplicação de questionário com uma amostra de 587 pessoas. Uma pesquisa descritiva a partir de um levantamento não probabilístico entre os usuários de Sergipe. Esse método foi descrito por Malhotra (2011) como uma estratégia onde o pesquisador possui um conhecimento prévio a respeito do problema.

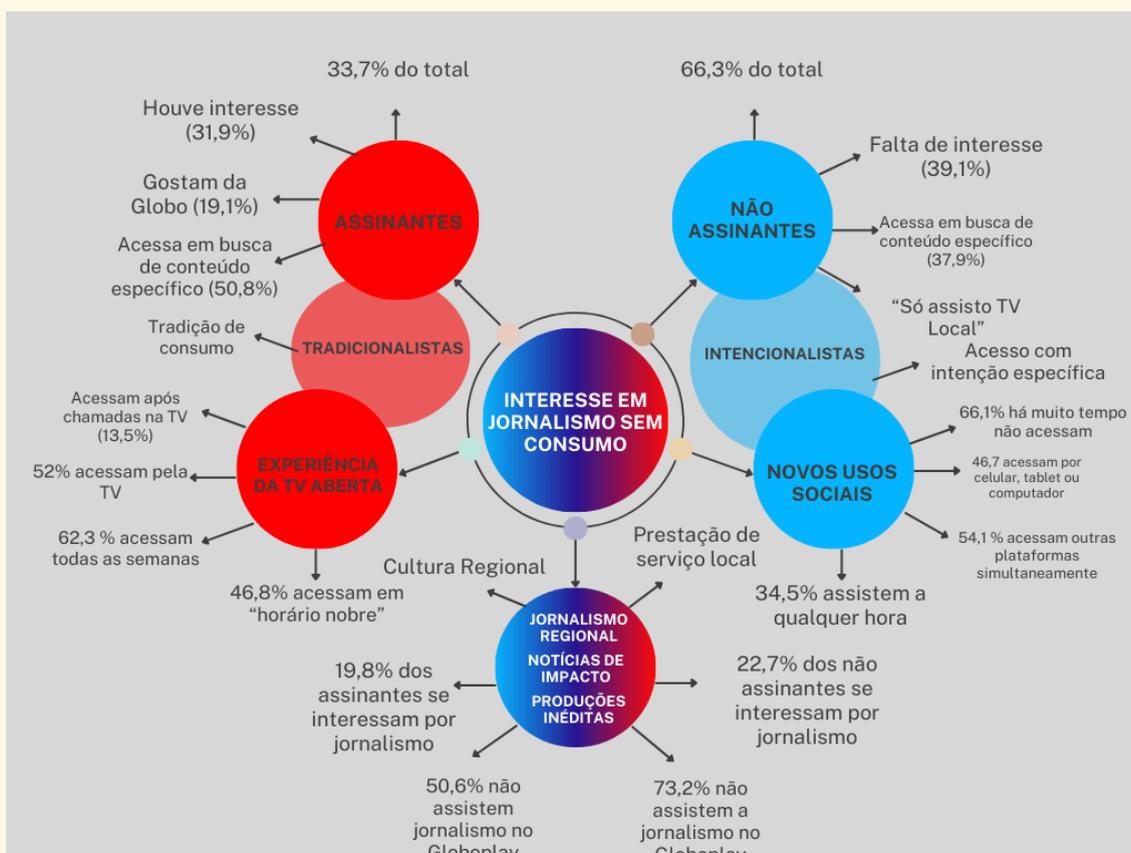
Na sequência, a partir do levantamento dos dados quantitativos, foi realizada a fase qualitativa com a execução de um Grupo Focal com 6 usuários que se voluntariaram para participar da dinâmica que inclui a apresentação de temas e a manifestação espontânea dos participantes.

PRINCIPAIS RESULTADOS

A pesquisa identificou que os usuários da plataforma divergem em aspectos importantes relacionados ao seu modo de consumo. De forma geral, a partir da análise dos resultados, eles podem ser divididos em dois grupos cuja

nomenclatura adotada neste trabalho inclui os tradicionalistas: usuários que reproduzem com a plataforma de streaming modelos de consumo de tradicional uso na TV aberta. Como exemplo podemos citar o horário específico de audiência, o consumo por hábito e por mais horas seguidas, a fidelização por meio de assinatura. Outro grupo foi chamado de intencionalistas: são usuários para quem a relevância de conteúdo é mais mutável e menos rígida. Sua audiência tem intenção específica, mas não ocorre em horários e em dispositivos tradicionais, seu consumo não é fidelizado, ao menos de forma perene. No entanto, os dados obtidos nessa análise também demonstram que há pontos de convergência. Um deles é o próprio interesse em conteúdo jornalístico, sobretudo na regionalização de notícias que tenham impacto direto no cotidiano dos entrevistados.

O organograma abaixo foi desenvolvido pela autora a partir da compilação de alguns dos principais resultados da análise.



Fonte: Elaborado pela autora

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Beatriz. Televisão e telejornalismo: transições. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

BITENCOURT, Priscilla Terezinha. Jornalismo on demand: o consumo da notícia pelo usuário Globoplay em Sergipe. Dissertação mestrado (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Sergipe. 2024

CANCLINI, Nestór. Garcia. Consumidores e Cidadãos. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

MALHOTRA, Naresh. Pesquisa de marketing, foco na decisão. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza.(org) Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ. Vozes. 2009

WILLIAMS, Raymond. Televisão: tecnologia e forma cultural. São Paulo: Boitempo, 2016

Metodologia de Game Analysis para Green Hell em realidade virtual e telas planas

Evandro Barbosa Dias Filho
Programa de pós-graduação em Comunicação - PPGCOM UFS
evanfireheart@academico.ufs.br

Demétrio de Azeredo Soster
Programa de pós-graduação em Comunicação - PPGCOM UFS
deazedososter@academico.ufs.br

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

O presente artigo se propõe a refletir sobre como utilizaremos a metodologia de game analysis utilizada no Laboratório de Manufatura e Análise de Games, Recife-PE (SOARES, 2023) no desenvolvimento da nossa pesquisa para o mestrado em comunicação junto à PPGCOM UFS. Nossa dissertação investiga como experienciar o jogo GREEN HELL nas diferentes versões, para headset de realidade virtual⁴³ e em videogames de tela plana⁴⁴, e como as decisões narrativas da equipe para as adaptações interferem no comportamento e reações dos jogadores e as mecânicas de jogo, afetando sua experiência principalmente no que diz respeito à narrativa e imersão. Empregaremos junto com a metodologia proposta, a metodologia de observação laboratorial (DEMO, 2000; SILVA, 2015; KAUARK, MANHÃES, MEDEIROS, 2015) principalmente na realização da etapa do experimento. A escolha destas metodologias deve-se à sua capacidade de, combinadas, oferecerem uma análise detalhada e rigorosa, baseada em uma abordagem sistemática desenvolvida no laboratório de jogos onde Soares atua. A metodologia de game analysis trazida é estruturada em cinco passos, organizados em três etapas distintas: a busca interna, a busca externa e a convergência de informações.

PALAVRAS-CHAVE: Palavra-chave 1. game analysis 2. narrativas 3. realidade virtual 4. metodologia de pesquisa 5. video games

⁴³ <https://greenhell-game.com>

⁴⁴ <https://greenhellvr.com>

INTRODUÇÃO

Neste estudo, propomos detalhar como aplicar uma metodologia adaptada de Game Analysis (SOARES, 2023) para analisar o jogo "GREEN HELL" em plataformas de realidade virtual e videogames de tela plana. A pesquisa será conduzida seguindo os cinco passos propostos, cada uma com um objetivo específico, desde a familiarização inicial com o jogo até a convergência final das informações coletadas.

O primeiro passo, denominado "jogar descompromissado", consiste em estabelecer um contato inicial com o jogo enquanto jogador. Este passo permite uma familiarização com o jogo de forma natural, sem o peso de objetivos de pesquisa, proporcionando uma compreensão intuitiva das mecânicas e dinâmicas envolvidas.

No segundo passo, "jogabilidade focada", o pesquisador revisita o jogo com um olhar analítico e crítico. Diferente do primeiro contato, neste momento a atenção está voltada para aspectos específicos que serão relevantes para a pesquisa, como a interação do jogador com as mecânicas de jogo e a resposta emocional e cognitiva a estas interações.

O passo três, "discussões e intencionalidade" envolve a análise das intenções dos desenvolvedores com suas decisões narrativas que alteram a forma como o jogo se apresenta nas diferentes plataformas e das percepções do público sobre o jogo. Esta fase também considera críticas e entrevistas com os criadores do jogo, bem como feedbacks e reviews de jogadores, permitindo uma visão ampla das expectativas e reações externas ao jogo.

O quarto passo é o "experimento", onde é utilizado como método auxiliar a observação laboratorial para aprofundar as questões relacionadas à pesquisa. Este vai envolver a realização de experimentos controlados e análises focadas, visando explorar de maneira detalhada as hipóteses formuladas na pesquisa. A coleta de dados vai incluir gravações de vídeo das sessões de jogo, entrevistas com jogadores, e questionários para capturar suas percepções e comportamentos.

No quinto passo, "convergência de informações", todas as informações obtidas durante as etapas de busca interna e externa são compiladas e analisadas de forma integrada. Esta convergência permite a construção de um panorama abrangente dos achados da pesquisa, onde os dados qualitativos e

quantitativos são combinados para fornecer uma interpretação robusta e bem fundamentada.

Aplicando a metodologia escolhida (SOARES, 2023) de maneira adaptada, espera-se alcançar uma compreensão profunda das influências das mecânicas de jogo no comportamento dos jogadores. Pretendemos identificar padrões de interação e fornecer respostas fundamentadas às perguntas de pesquisa, contribuindo para o desenvolvimento de teorias em game analysis e oferecendo insights valiosos para o design de jogos e outros produtos digitais mais envolventes e potencialmente mais eficazes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AARSETH, Espen. Computer game studies, year one. In: The International Journal of Computer Game Research. Game studies, v.1, n. 1, jul 2001. Disponível em: <<http://www.gamestudies.org/0101>>. Acesso em 11 jul 2024.

ALVES, Lynn. Game Over: Jogos Eletrônicos e Violência. Salvador: Edufba, 2005.

CALLE ROMAN, Alexa. El diseño de información y la jugabilidad en el HUD del género survival, con el ejemplo de The Forest, Stranded Deep y Green Hell. Lima: Universidad Peruana de Ciencias Aplicadas (UPC), 2022.

DEMO, Pedro. Metodologia do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2000.

FERNÁNDEZ-VARA, Clara. Introduction to Game Analysis. New York: Routledge, 2015.

HUIZINGA, Johan. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1938.

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda C.; MEDEIROS Henrique. Metodologia da Pesquisa: guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LUZ, Alan Richard da. Video game: história, linguagem e expressão gráfica. São Paulo: Blutchter, 2010.

MURRAY, Janet H. Hamlet no Holodeck: O Futuro da Narrativa no Ciberespaço. Tradução de Edmundo Barreiros. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

MCGONIGAL, Jane. A realidade em jogo: por que os games nos tornam melhores e como eles podem ajudar a mudar o mundo. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.

PAIVA, M. ; SOARES, NILSON V. . O uso dos controles de movimento como fator de imersão durante a experiência do usuário no jogo de horror Until Dawn. 2022. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

SILVA, Airton Marques. Metodologia de pesquisa. Fortaleza: Ed. UECE, 2015.

SOARES, Nilson Valdevino. Adaptação da game analysis: metodologia para game studies em cinco passos. Laboratório de Manufatura e Análise de Games, Recife, PE Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – PUC-Minas – 4 a 8/9/2023.

ZILLES BORBA, Eduardo. Eu-Avatar: apontamentos sobre a simbiose utilizador-personagem ao explorar cenários eletrônicos com óculos de realidade virtual. Actas dos Dias da Investigação na UFP. Porto: Universidade Fernando Pessoa, v. 3, p.17-22, 2016.

EIXO 8 — GÊNERO E INTERSECCIONALIDADES

SOCIEDADE, FEMINISMO E FUTEBOL: Uma análise das coberturas jornalísticas nacionais do ‘Caso Cuca’

Brunna Suellen Martins Barreto⁴⁵
Diego Granja do Amaral⁴⁶
Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

O caso de estupro coletivo, ocorrido em 1987, envolvendo quatro jogadores de futebol brasileiros e uma menina de 13 anos suíça voltou a tona 36 anos depois, em abril de 2023, quando um dos condenados, Alexi Stival, hoje técnico, assumiu o comando do Corinthians, time que defende bandeiras relacionadas à democracia e ao combate às opressões sofridas por minorias sociais. O objetivo deste trabalho é realizar uma análise comparativa entre as coberturas jornalísticas do crime, em 1987, e dos desdobramentos atuais do caso, em 2023/2024, utilizando a Análise Temática (Braun e Clarke, 2006) e a Análise de Discurso Francesa (Orlandi, 2005). O propósito é entender a diferença com que a pauta ‘violência contra a mulher’ era encarada na época e na atualidade, como isso se deu e de que forma pode ser percebida no Jornalismo. O estudo tem como corpus de análise notícias, reportagens e artigos de opinião do jornal impresso e do portal online O Globo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo esportivo. Crimes sexuais. Futebol. Análise de Discurso Francesa. Análise Temática.

INTRODUÇÃO

Em 20 de abril de 2023, o Sport Club Corinthians Paulista anunciou Alexi Stival, mais conhecido como Cuca, como o novo técnico de seu time masculino. Desde então, uma onda de protestos envolvendo torcedoras tomou os portões do Centro de Treinamento Joaquim Grava⁴⁷. O motivo nada tinha a ver com as

⁴⁵ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe, brunnasmb@academico.ufs.br.

⁴⁶ Pós-doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe, diego.amaral@academico.ufs.br.

⁴⁷ Torcedores protestam na porta do CT antes da apresentação do técnico Cuca”.

Disponível em:

<<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2023/04/21/torcedores-protest>

habilidades futebolísticas de Cuca, mas com seu envolvimento no caso de estupro coletivo de Sandra Pfaffli, de 13 anos, ocorrido na cidade de Berna, na Suíça, em 1987. Alexi Stival, Eduardo Hamester, Henrique Etges e Fernando Castoldi — todos jogadores do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense na época — foram condenados, mas nunca chegaram a cumprir a sentença. No dia seguinte ao anúncio, Cuca participou de uma coletiva de imprensa em que falou sobre o caso e afirmou que não foi reconhecido pela vítima como estuprodo⁴⁸. Posteriormente, essa informação foi refutada pelo advogado de Sandra Pfaffli, Willi Egloff, quando procurado pela equipe do portal UOL⁴⁹. A diretora dos Arquivos do Estado de Cantão de Berna, Barbara Studer, procurada pelo Globo Esporte, leu a sentença do juiz que condenou os ex-jogadores e confirmou as informações de Egloff⁵⁰. Cuca foi reconhecido pela vítima e, assim como publicado no jornal suíço Der Bund em 1989, seu sêmen foi encontrado no corpo da garota e serviu como prova material de sua participação no crime. Devido à pressão, no dia 27 de abril de 2023, menos de uma semana depois de seu anúncio como técnico, Alexi Stival deixou o Corinthians, sofrendo, pela primeira vez em quase quatro décadas, algum prejuízo em sua carreira profissional pelo ocorrido⁵¹.

Junto aos novos desdobramentos do caso, a própria cobertura jornalística de 1987 passou a ser pauta de matérias atuais, denunciando seu teor machista. Na reportagem do jornalista Marinho Saldanha para a editoria de Esporte do Portal Uol, por exemplo, intitulada 'Machismo e vítima questionada: como foi cobertura na época do caso de Cuca', é exposto como a Revista Placar e os jornais Zero Hora e O Globo culpabilizaram a vítima, abordando repetidamente

am-na-porta-do-ct-antes-de-apresentacao-do-tecnico-cuca.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 12 jun. 2023.

⁴⁸ "Veja tudo que Cuca falou na chegada ao Corinthians sobre o caso de estupro".

Disponível em:

<<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2023/04/22/cuca-corinthians-chegada-estupro.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

⁴⁹ "A vítima reconheceu Cuca como estuprodo", diz advogado suíço do caso". Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2023/04/25/a-vitima-reconheceu-cuca-como-estuprodo-diz-advogado-suico.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

⁵⁰ "Sentença que condenou Cuca por ato sexual com menor há 34 anos é confirmada".

Disponível em:

<<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/04/28/sentenca-que-condenou-cuca-por-ato-sexual-com-menor-ha-34-anos-e-confirmada.ghtml>>. Acesso em: 13 jun. 2023.

⁵¹ "Cuca anuncia saída do Corinthians após protestos, virada épica e pressão". Disponível em:

<<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2023/04/27/cuca-corinthians.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 13 jun. 2023.

características de seu corpo, e trataram os jogadores como “injustiçados”.

Quase quatro décadas se passaram desde o ocorrido e é inegável que a sociedade tem se transformado, mudando o que antes era “aceitável”, inclusive, dentro do futebol. Principalmente nos últimos anos, casos de grande repercussão como os dos jogadores brasileiros Robinho e Daniel Alves têm mostrado que, mesmo que práticas misóginas perdurem dentro do ambiente futebolístico, o silêncio não é mais uma realidade cabível para vítimas de violência. O caso de Cuca, juntamente com os outros três jogadores, já havia sido citado em notícias outras vezes — como em 2021, quando o treinador foi anunciado como técnico do time masculino do Clube Atlético Mineiro⁵² — mas nunca com tamanha repercussão. Os protestos das torcidas organizadas e do time feminino do Corinthians foram peças fundamentais tanto para atrair a atenção do público para a problemática como também para convocar a mídia em uma “missão arqueológica” de entender o que, de fato, foi comprovado pela justiça suíça entre 1987 e 1989 e quais as lacunas a cobertura jornalística da época deixou em aberto.

A partir deste contexto, o objetivo do presente trabalho é realizar uma análise comparativa entre as coberturas jornalísticas do crime, em 1987, e dos desdobramentos atuais do caso, em 2023/2024. Para isso, o procedimento metodológico escolhido foi a Análise Temática, proposta por Braun e Clarke (2006) e descrita como “um método para identificar, analisar e relatar padrões (temas) nos dados”, em conjunto com a Análise de Discurso Francesa, proposta por Pêcheux, em que “é exposto ao olhar leitor a opacidade (materialidade) do texto, objetivando a compreensão do que o sujeito diz em relação a outros dizeres, ao que ele não diz” (ORLANDI, 2005). O propósito é entender a diferença com que a pauta ‘violência contra a mulher’ era encarada na época e na atualidade, como isso se deu e de que forma pode ser percebida no Jornalismo. O estudo tem como *corpus* de análise notícias, reportagens e artigos de opinião do jornal impresso e do portal online O Globo.

⁵²“Atlético-MG explica por que fechou com Cuca mesmo com protestos por acusação de abuso sexual na Suíça”. Disponível em: <https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/8279053/atletico-mg-explica-por-que-fechou-com-cuca-mesmo-com-protestos-da-torcida-por-acusacao-de-abuso-sexual-assunto-superado>. Acesso em: 13 jun. 2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

ORLANDI, Eni P. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso (Michel Pêcheux et l'Analyse de Discours). *Estudos da Língua (gem)*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 9-13, 2005.

Performances digitais de subserviência feminina e glamourização do trabalho doméstico: uma análise interseccional a partir das esposas tradicionais e troféu do TikTok

Gabriela Luise Santos Rosa⁵³
Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

Diante de um retorno de diferentes formas de propaganda conservadora que reforçam e intensificam papéis de gênero, este trabalho pretende abordar o fenômeno digital por trás de hashtags como “#esposatroféu”, “#tradwife” e “#stayhomewife”, pulverizadas no aplicativo de vídeos TikTok. Em uma articulação teórico-metodológica com a interseccionalidade (COLLINS e BILGE, 2021), o objetivo é escavar a plataforma a partir desses termos de busca, a fim de localizar perfis, categorizá-los e analisá-los de forma a explicitar as encruzilhadas identitárias entre gênero, classe, raça e sexualidade. Assim, buscando uma abordagem analítica para compreender as performances de experiências femininas guiadas por uma perspectiva conservadora, branca, europeia, cristã e cisheteronormativa, e regidas por uma lógica algorítmica (VAN DJICK, 2013) de modos de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Interseccionalidade. TikTok. Subserviência feminina. Gênero. Performance.

INTRODUÇÃO

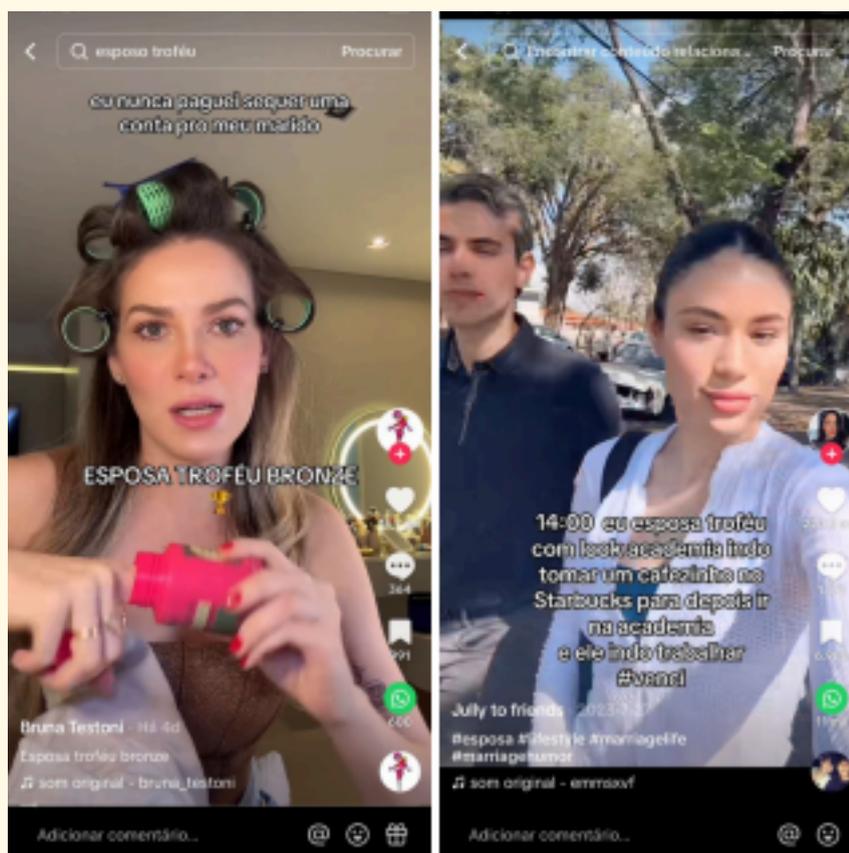
Este resumo refere-se ao futuro trabalho que resulta de uma observação que toca, sobretudo, no lugar da existência feminina diante de cobranças patriarcais e machistas que, em uma realidade hiperconectada, encontra diferentes formas de continuar a se estabelecer enquanto uma cultura de opressão e de padrões de comportamento impostos sobre as experiências de mulheridade. Sob a ótica analítica da Interseccionalidade (COLLINS e BILGE, 2021), será proposto compreender o fenômeno digital, observado em redes sociais, de performances de gênero entendidas enquanto “esposa troféu” e “*trad wife*” (“esposa tradicional”), vivenciadas diante das telas verticais dos aparelhos celulares e compartilhadas no aplicativo de vídeos TikTok, diante de uma lógica

⁵³ Gabriela Luise Santos Rosa, mestranda em comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGCOM da Universidade Federal de Sergipe, email: gabrielarosa@gmail.com.

de plataformização (VAN DJICK, 2013).

Em conteúdos audiovisuais, mulheres apresentam as suas rotinas que são resumidas em acordar entre as 5 e 6 horas da manhã, preparar refeições para a família ou para o marido, frequentar a academia ou praticar uma diferente atividade física, fazer compras e estar constantemente com uma ‘boa’ aparência - diante daquilo que elas mesmos estabelecem e encaram como padrão de beleza. Com títulos como “Meu dia como esposa troféu”, “Luxos que meu marido me proporciona como uma esposa troféu”, esses perfis compartilham vídeos que dizem apresentar o dia-a-dia de suas vidas narrados por discursos que elucidam os motivos pelos quais elas escolheram estar em casa e preferem realizar tarefas do lar, que não são reconhecidas como uma forma de trabalho por elas.

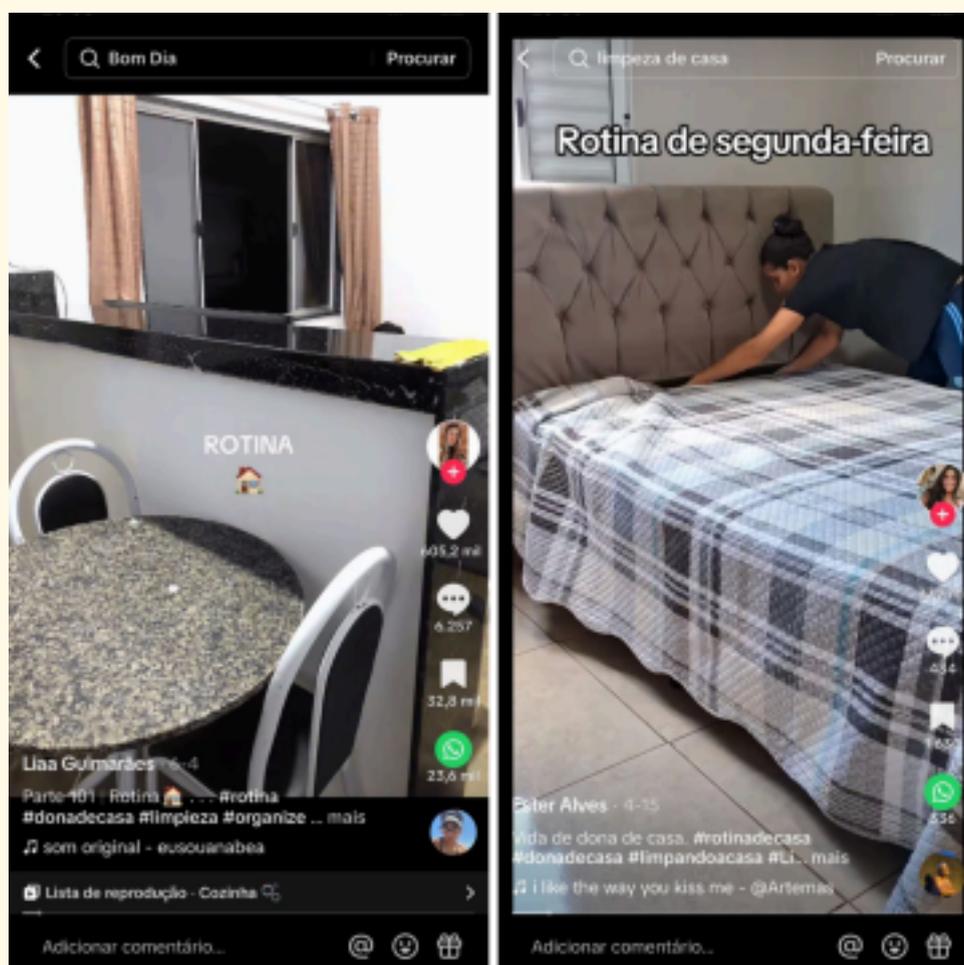
Figura 1 - Perfis de mulheres brasileiras que se autodenominam esposas troféu Fonte: Reprodução do Tiktok (bruna_testoni e jullydamata)/Montagem da autora.



Existem diferenças explícitas entre esses conteúdos mencionados acima,

que resultam de hashtags como “#esposatrofeu”, “#tradwife” e “#stayhomewife”, para conteúdos que resultam de hashtags como “#donadecasa” (Figura 2). Nesta busca, são exibidos vídeos em perfis de mulheres que compartilham suas rotinas em que o trabalho doméstico nas suas próprias casas é uma constante, do preparo de refeições à limpeza de todos os ambientes dos seus lares, elas produzem diários narrados que destacam a necessidade de interação de outros usuários para que possam monetizar. São casos como esses que evidenciam a forma pela qual a classe dessas mulheres interpela o conteúdo produzido por elas e as suas experiências vividas.

Figura 2 - Perfis de mulheres recuperados com a busca por “#donadecasa”



Fonte: Reprodução do Tiktok (cantinho_da_liia e ester Alves/ccb)/Montagem da autora.

Para as outras mulheres, o marido é o provedor principal da casa, aquele que arca com todas as despesas de manutenção do lar e da família e também

aquele que dispõe dos recursos para uso próprio da esposa: como gastos com manicure e roupas. Essa outra realidade revela que as figuras femininas por trás desses conteúdos, na verdade, utilizam-se da plataforma como forma de espelhar os seus modos de vida e se estabelecer como influencers digitais, também com um interesse financeiro.

Diante disso, o objetivo é entender e dar profundidade analítica em torno dessas performances de gênero em frente às câmeras e de uma plataforma que, dentro de suas *affordances*, alimenta conteúdos desse tipo. Para além de gênero e classe, raça e sexualidade são fortes marcadores sociais que atravessam comportamentos e experiências de vida como as apresentadas nessas narrativas áudio e visuais. A interseccionalidade será mobilizada a fim de compreender a colisão entre as categorias identitárias que envolvem o fenômeno e geram como problemáticas: a difusão do conservadorismo e subserviência femininos e a glamourização do trabalho doméstico. Em Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021),

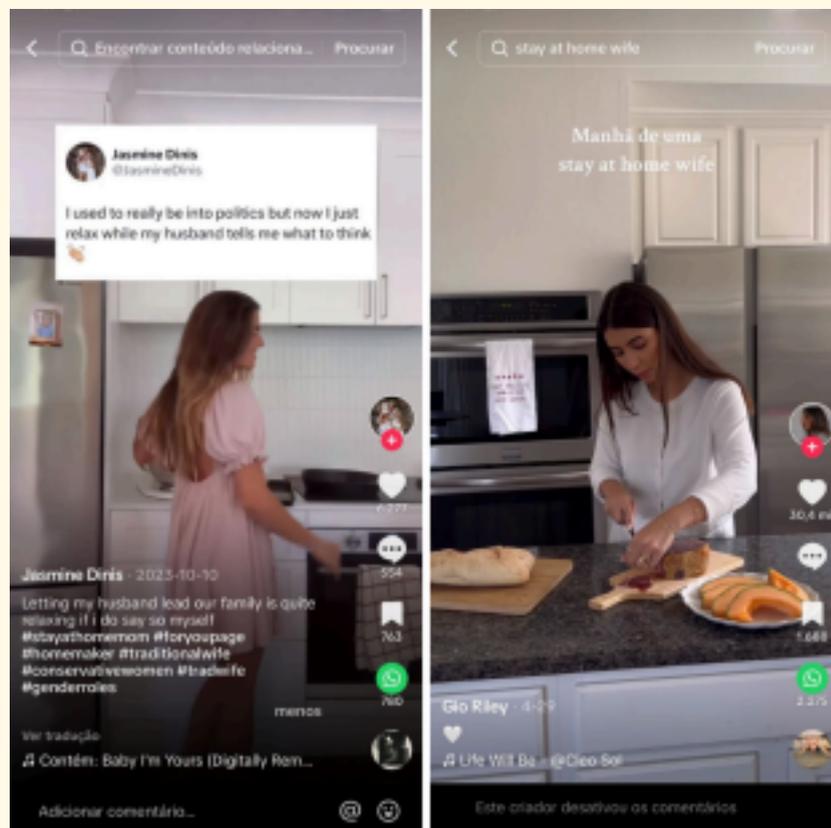
“A interseccionalidade como forma de investigação crítica invoca um amplo sentido de usos de estruturas interseccionais para estudar uma variedade de fenômenos sociais – por exemplo, a estrutura organizacional do futebol, as filosofias que moldam políticas públicas globais e nacionais e o ativismo social do movimento das mulheres afro-brasileiras – em contextos sociais locais, regionais, nacionais e globais. A interseccionalidade como prática crítica faz o mesmo, mas de maneiras que, explicitamente, desafiam o status quo e visam a transformar as relações de poder” (COLLINS e BILGE, 2021, p. 58).

Assim, a instrumentalidade permitida por uma análise interseccional confere a este futuro trabalho a possibilidade de relacionar as diferentes formas de opressões a fim de entender como elas se articulam diante de performances de feminilidade e padrões de gênero cisheteronormativos. O que se busca aqui é conseguir mobilizar esses entrecruzamentos, também, na sua dimensão política, e compreender como eles resultam em uma propaganda de viés conservador,

sob a construção narrativa de que são apenas vídeos de rotinas e de estilos de vida escolhidos em comum acordo por essas mulheres e seus parceiros. Outro ponto de compreensão, é a forma como essas criadoras de conteúdos mascaram com os seus discursos e apelos visuais as estratégias para que possam crescer e ser monetizadas pela plataforma.

Para operar metodologicamente, serão selecionados vídeos expostos publicamente na plataforma TikTok, recuperados a partir da pesquisa pelas hashtags: *#tradwife*, *#esposatrofeu*, *#donadecasa* e *#stayhomewife*. Os termos em inglês (Figura 3) serão utilizados pois, a princípio, não se confere a este fenômeno um demarcador geográfico e, além disso, inquieta-se sobre a maneira como pautas e tendências midiáticas/políticas/culturais são importadas para o Brasil por meio do consumo de conteúdos digitais em redes sociais como o TikTok. Tendo em vista que esta plataforma é personalizada para cada usuário, os resultados obtidos serão conforme a sua sistematização algorítmica.

Figura 3 - Perfis de mulheres estrangeiras que se autodenominam esposas troféu Fonte: Reprodução do Tiktok (jasminedinis2 e gioriley_)/Montagem da autora.



Com os vídeos encontrados, será proposta uma categorização inicial daqueles de maior repercussão/acessos/curtidas, por levar em consideração o potencial de alcance que eles obtiveram e as altas chances de terem sido entregues a uma número maior de pessoas. Após esse primeiro movimento, será selecionada uma quantidade menor entre esses perfis mais populares, entre dois e três, para que sejam analisados em torno dos contrastes e dos encontros que eles possuem.

Sustentado pelo viés prático e analítico da interseccionalidade, essas teorias irão tensionar as diferentes dimensões em que os marcadores sociais estabelecem por trás dessas performances de experiências íntimas compartilhadas, que são orientadas por um discurso de manutenção de papéis de gênero e guiadas por uma perspectiva conservadora, branca, europeia, cristã e cisheteronormativa. Nesse sentido, pretende-se considerar também a proporção desse fenômeno em relação ao contexto de plataformização, em que os modos de vida se guiam pelo que é performado para as telas e manifestado digitalmente, pautados de acordo com a lógica do algoritmo do TikTok.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. Boitempo Editorial, 2021.

SIBILIA, Paula. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2008.

VAN DIJCK, José. The culture of connectivity: a critical history of social media. New York: Oxford University Press, 2013.

VAN DIJCK, José. Ver a floresta por suas árvores: visualizando plataformização e sua governança. MATRIZES, 16(2), 21-44., 2022.

Triste, louca ou má: uma análise da representação da loucura nos contextos de raça e gênero na ficção seriada Colônia

Laila Jesus Santos⁵⁴

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

O presente projeto tem como objetivo analisar a representação da loucura nas personagens mulheres da série Colônia a partir de uma perspectiva interseccional, considerando gênero e raça como principais atravessadores. O que se busca com essa pesquisa é responder ao questionamento: O que as representações das personagens mulheres brancas e negras da série Colônia podem indicar sobre os estereótipos de loucura a partir de uma perspectiva de raça e gênero? Para tanto, utilizamos a Análise de Imagens em Movimento como metodologia principal. Esperamos, em termos de resultados, categorizar e compreender os diferentes espaços representativos que as personagens ocupam, bem como os possíveis impactos dessas representações para o imaginário popular sobre loucura, gênero e raça.

PALAVRAS-CHAVE: Representação. Loucura. Interseccionalidade. Gênero. Raça. Ficção seriada.

INTRODUÇÃO

Quem não se movimenta, não sente as correntes que a prendem. Assim defendia Rosa Luxemburgo, pensadora e ativista política do movimento socialista e comunista. Ainda que existam divergências sobre a origem da famosa frase, a verdade por trás dela é inegável: para compreendermos a distância do caminho, precisamos antes percorrê-lo. É com o intuito de sentir essas correntes que o presente projeto se movimenta hoje.

Saúde mental é o assunto do momento no Brasil. Embora tenha apresentando um pico acentuado de pesquisas durante os primeiros meses da pandemia do Covid-19 e decrescido ao longo dos meses seguintes, o nível de buscas nacionais pelo tema se mantém estável.

Compreendendo a pregnância da temática para o país, bem como o amplo consumo de filmes e séries através do streaming, desejamos colaborar para os debates sobre responsabilidade representativa nas narrativas midiáticas

⁵⁴Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe. Graduada no curso de Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Sergipe. Brasil: lailajesus0708@gmail.com

por meio do entendimento sobre a representação da loucura nas personagens mulheres da série Colônia, levando em consideração os atravessadores de gênero e raça. Essa é a grande contribuição do projeto para o campo da comunicação social.

A princípio, é preciso conceituar a loucura e o espaço da mulher dentro desse universo. Sobre isso, LAGARDE Y DE LOS RÍOS (2005, p.40) afirma:

A loucura também é um dos espaços culturais que vêm da realização e transgressão da feminilidade. Mulheres enlouquecem de tão mulheres que são, e também enlouquecem porque não podem sê-lo plenamente, ou para não ser-lo. A loucura genérica das mulheres emerge de sua sexualidade e de sua relação com os outros.⁵⁵

No estudo conduzido pela autora, são analisadas cinco categorias de mulheres consideradas "cativas" da estrutura patriarcal: mães-esposas, monjas, prostitutas, prisioneiras e loucas. Examinando como os pilares patriarcais, religiosos e sociais podam a liberdade e autonomia das mulheres, a autora vai a fundo nas questões relacionadas à loucura, entendendo-a como uma transgressão à feminilidade. LAGARDE Y DE LOS RÍOS pontua como as mulheres são historicamente confinadas aos papéis de maternidade, celibato, exploração sexual, aprisionamento e medicalização da loucura. Nesse sentido:

Os registros ou efeitos de uma determinada configuração de gênero podem ser percebidas através de aspectos como: a hipermedicalização da experiência das mulheres, os efeitos sobre a maternidade, sobre as conjugalidades, o abuso moral e sexual, além de certa atualização da histeria como discutido por Maluf (2009). Tais aspectos apresentam como pano de fundo [...] uma concepção que reduz tal sofrimento a uma suposta vulnerabilidade e predisposição natural das mulheres ao sofrimento da ordem do mental. (ANDRADE, 2014, p. 65)

Ao compreender a forma como a loucura é tensionada pelas questões de

⁵⁵ Texto original: La locura es también uno de los espacios culturales que devienen del cumplimiento y de la transgresión de la feminidad. Las mujeres enloquecen de tan mujeres que son, y enloquecen también porque no pueden serlo plenamente, o para no serlo. La locura genérica de las mujeres emerge de su sexualidad y de su relación con los otros.

gênero, também desejamos entender como ela se comporta quando a questão racial se coloca como fator de atravessamento. Por se tratar de três variáveis que, juntas, podem produzir significados representativos diferentes, optamos por uma abordagem interseccional para analisar essas representações. Entendemos, com o olhar interseccional, que “o maior recurso colonial da eurocivilização consiste em priorizar o corpo, ignorar ferimentos que tendem a complexificar rapidamente, enquanto diagnosticam, às pressas, o problema do “negro,” das “lésbicas,” de “gênero,” dos “latino-americanos”” (AKOTIRENE, 2019, p.17) Os abismos representativos colocam determinadas parcelas da sociedade em situação de exclusão e estigma, e por isso devem ser analisados criticamente, entendendo quais imaginários populares são criados a partir de representações que favorecem uma visão eurocêntrica da loucura, sobretudo quando ela não está relacionada a homens brancos.

Com esses debates iniciais, buscamos responder ao seguinte questionamento: O que as representações das personagens mulheres brancas e negras da série Colônia podem indicar sobre os estereótipos de loucura a partir de uma perspectiva de raça e gênero? Buscamos compreender o fenômeno da loucura nas personagens mulheres de “Colônia” sob a ótica da representação e do estereótipo. Para Stuart Hall (2016), a construção e consolidação dos estereótipos são embasadas por três aspectos diferentes que ocorrem em momentos distintos: primeiro “a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a diferença” (HALL, 2016, p. 191). Em seguida, ela estabelece “uma estratégia de ‘cisão’, que divide o normal e o aceitável do anormal e inaceitável” (HALL, 2016, p. 191). Por último, “fixa os limites e exclui tudo o que não lhe pertence” (HALL, 2016, p. 192). Assim, pode-se entender o estereótipo enquanto ferramenta de exclusão social e construção incorreta do imaginário popular sobre questões de gênero e saúde mental.

A metodologia que conduzirá a pesquisa, embasada pelas teorias estruturadas pelos autores citados, é a Análise de Imagens em Movimento, de Diane Rose (2002). Muito similar ao que se deseja avaliar em termos representativos com a série Colônia, objeto da presente pesquisa, ROSE (2002, p.343) atesta que seu método “foi desenvolvido especificamente para investigar representações da loucura na televisão”. Levando em consideração simultaneamente os campos visual e sonoro, suas interconexões e, finalmente, o que se propõem a significar para o receptor, a Análise de

Imagens em Movimento parece um percurso adequado para tratar de uma série que conta com diversos recursos visuais e sonoros na construção narrativa e contextualização da representação da loucura.

Isso, levando em consideração a análise geral da obra, deve nos responder para onde aponta aquela representação. Nesse sentido, para a pesquisa “Triste, Louca ou Má: uma análise da representação da loucura nos contextos de raça e gênero na ficção seriada Colônia”, serão criadas categorias para a representação da loucura nas mulheres brancas e representação da loucura nas mulheres negras. Essas categorias nascerão a partir do confronto da pré-análise da série com categorias já pré-estabelecidas por teóricas como Patricia Hill Collins e Lagarde Y De Los Rios. Uma vez tabuladas as categorias, pretendemos estudar o que se pode inferir a partir das representações notadas, mas também das suas ausências, para assim responder à pergunta: o que as representações das personagens mulheres brancas e negras da série Colônia podem indicar sobre os estereótipos de loucura a partir de uma perspectiva de raça e gênero?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Karla. Interseccionalidade. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Polém, 2019.

ANDRADE, Ana Paula Müller de. (Entre)laçamentos possíveis entre gênero e saúde mental. In: ZANELLO, Valeska; ANDRADE, Ana Paula Müller de (Orgs.). Saúde Mental e Gênero: diálogos, práticas e interdisciplinaridade. Curitiba: Editora Appris, p. 59-77, 2014.

HALL, Stuart. Cultura e Representação. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio: Apicuri, 2016.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, M. Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005. Disponível em: <https://desarmandolacultura.files.wordpress.com/2018/04/lagarde-marcela-los-cautiverios-de-las-mujeres-scan.pdf> Acesso em: 10 de outubro de 2023.

ROSE, D. Análise de Imagens em Movimento. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. (org). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

EIXO 9 — COMUNICAÇÃO, SAÚDE E ALTERIDADES

Acesso à saúde por pessoas em situação de rua: modelos comunicacionais em cenários de crise

Luciana Santos de Gois⁵⁶
Raquel Marques Carriço Ferreira⁵⁷

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

Maria, Abdias, Marcos, Adriana, Humberto, Abel, Amaro. Estes são sete nomes das milhares de vítimas fatais registradas no Brasil decorrente da COVID-19. No total, o Ministério da Saúde contabiliza 712.552 óbitos no país até os 15 primeiros dias de julho deste ano. Neste cenário de crise sanitária, este trabalho se propõe a discutir o papel da comunicação no período. Com foco em um público vulnerável: a pessoa em situação de rua (PSR).

A abordagem da investigação proposta é qualitativa interpretativa, arquitetada como um estudo de caso-múltiplo. Esta estratégia é definida como uma investigação empírica que busca em profundidade um fenômeno contemporâneo, pensando desde o planejamento do projeto de pesquisa até a análise dos dados (Yin, 2015). Ao final, esta pesquisa quer chegar à resposta de como se deram as políticas e programas de Comunicação de Risco voltadas à PSR na pandemia do coronavírus em Aracaju, capital sergipana, e em Lisboa, cidade portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação e Saúde; população em situação de rua; crises sanitárias, estudo de caso múltiplo, Comunicação de Risco.

⁵⁶. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: lucianasantosdegois@hotmail.com

⁵⁷ Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: raquelcarrico@academico.ufs.br

INTRODUÇÃO

Que a pandemia assolou todas as esferas sociais, nós sabemos. A crise sanitária, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), apresentou seus primeiros indícios em 2019, em Wuhan, cidade localizada na província de Hubei, na China. Naquela época ainda não era nem se quer cogitada a possibilidade de casos isolados se espalharem por todo o país e, em seguida, por todo o mundo. Neste período, a doença era tratada como uma pneumonia desconhecida. No Brasil, o primeiro caso foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020, na cidade de São Paulo (UNA-SUS, 2020). Em Portugal, a confirmação da doença chegou em 2 de março de 2020 (G1, 2020). No entanto, este cenário é ainda mais delicado quando se trata da pessoa em situação de rua (PSR). Apesar do mundo inteiro ter sido afetado, na rua não houve quarentena.

À medida que novas determinações surgiam e mais se descobria sobre a COVID-19, os meios midiáticos compartilhavam peças publicitárias, reportagens, entrevistas, cards em redes sociais para manter a população informada. Uma comunicação feita para quem estava em casa e tinha acesso aos meios de comunicação tradicionais e digitais. Nos espaços públicos, cada vez mais vazios, sobraram aqueles que não tinham a opção de sair da situação.

No Brasil, em 2022, eram 236.400 pessoas nesta realidade, ou seja, um em cada mil habitantes estava vivendo nas ruas, um número que ainda pode ser subnotificado, já que nem toda a população pode ter sido alcançada no levantamento realizado pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC, 2023). Desse total, a maioria é composta por pessoas negras (pardas - 51%; pretas - 17%) e do gênero masculino (87%). Os principais motivos que levaram a situação de rua foram os problemas familiares (44%), desemprego (39%), vício em álcool ou uso de drogas (29%) e a perda de moradia, representando 23% da totalidade (MDS, 2009).

Em Portugal, o levantamento “Estratégia Nacional para a Integração das Pessoas em Situação de Sem Abrigo” mostra que em dezembro de 2021, foram sinalizadas 9604 pessoas em situação de sem-abrigo. Face à população residente existiam em Portugal, 0,97 pessoas em situação de sem abrigo por mil residentes, com as maiores altas nas cidades de Lisboa e do Porto, onde

concentram 61% do valor total (ENIPSSA, 2017). Um número grande, e que vem crescendo nos últimos anos. Um aumento de 117% em quatro anos (entre 2017 e 2021). Atualmente, este número chega a quase 11 mil habitantes das ruas (Welle, 2024).

Nesta conjuntura de números significativos de PSR e uma realidade pandêmica, esta pesquisa tem como intuito analisar o que foi feito pelos governos para atender as necessidades desta população por meio de políticas públicas de comunicação. Este grupo populacional não tem, oficialmente pelo governo brasileiro, se quer, nenhum tipo de dado sobre o quantitativo de contaminação pela doença.

Vamos nos ater a teoria da Comunicação de Risco. Este, um processo estratégico operado para expandir a disseminação de informações e orientações sobre ameaças potenciais à saúde, segurança ou bem-estar público, para mitigar prejuízos à população, promovendo, sobretudo, comportamentos preventivos e de diminuição de danos. (Schiavo, 2014; Cardoso, 2006; Lourenço e Marchiori, 2012).

Para alguns autores, em um cenário de crise sanitária, os governos devem adotar diversas estratégias de Comunicação de Risco para que a informação chegue nos mais diversos públicos sociais. Entre os comportamentos a serem aderidos, compartilhar dados precisos sobre a situação real; trabalhar em conjunto com organizações de saúde; fornecer explicações claras sobre as decisões e medidas tomadas; capacitar porta-vozes oficiais para se comunicarem de maneira eficaz (OMS, 2018; Malinverni et al, 2023; 2015; Posetti e Bontcheva, 2020).

Também, implementar campanhas educativas; divulgar a informação através de diversos meios, como carro de som, rádio comunitária, distribuição de folhetos, redes sociais, websites oficiais e aplicativos móveis. Colaborar com figuras públicas; trabalhar com líderes para disseminar conteúdo em comunidades de difícil acesso, realizar pesquisas para entender as preocupações e necessidades da população, incentivar o feedback e as perguntas da população para adaptar e melhorar a comunicação; além de utilizar a proximidade com profissionais da saúde e assistência social (Schiavo, 2014; Lourenço e Marchiori, 2012).

Estratégias como as mencionadas ajudam os governos a gerenciar a comunicação de risco durante uma crise sanitária, assegurando que a população receba informações precisas e úteis, promovendo comportamentos que mitigam a propagação de um vírus, por exemplo. Mas e quanto à população em situação de rua, que não tem acesso a totalidade das estruturas comunicativas da qual os governos se valem para manejar tais cenários? Como os governos têm lidado especificamente com esse grupo vulnerável em cenários de crise sanitária?

Nossa pesquisa, nesse sentido, busca, por meio do estudo de caso múltiplo, compreender como o município de Aracaju trabalhou suas estratégias de comunicação de risco junto às pessoas em situação de rua, comparadamente à de outras regiões estrangeiras, como a cidade de Lisboa, para que possamos avaliar e determinar as políticas e estratégias mais efetivas e eficazes, as menos contributivas e, assim, propor evidências científicas sobre as ações mais qualificadas no combate de cenários de crises para populações vulneráveis, como a PSR.

A escolha por este método se deu por ser ideal para responder as perguntas “O que”, “como” e “por quê” e por fornecer uma unidade de medida de controle sobre eventos (que reduz a descrição do fenômeno às categorias relevantes). As principais vantagens são a aplicabilidade em diferentes orientações epistemológicas, possibilidade de utilizar múltiplas fontes de evidência e de desenvolvimento de teoria (Ventura, 2007 e Gil, 2002).

Nossa escolha pelo corpus aqui enunciado se deu pelas similaridades de entendimento tanto da universalidade de acesso dos sistemas de saúde quanto a de proteção da PSR de ambos os países. Assim como no Brasil, o sistema de saúde português é universal, caracterizado pelo Serviço Nacional de Saúde (SNS), e fornece cuidados essenciais gratuitos ou a custo reduzido, fornecendo o atendimento a todos os cidadãos e residentes legais. A Resolução do Conselho de Ministros, n.º 61/202, de modo análogo ao Brasil, definiu em Portugal, estratégias que perpassam pela assistência às pessoas sem-abrigo. O documento atravessa um conjunto de propostas nas áreas da habitação, trabalho, educação, e do acesso à saúde no sistema público, de suporte

comunitário e familiar. No âmbito da saúde, inclui o acompanhamento da saúde mental, atenção primária e comportamentos aditivos (Portugal, 2024).

Desse modo, nossas preferências buscam se valer do encontro de espaços sociais que encaram a mesma problemática sob o prisma dos mesmos princípios, mas que, em função de contextos sociais, estruturais e de governança, operam políticas e ações distintas, e que detêm graus de eficiência e efetividade diversos. Múltiplas fontes de dados serão utilizadas, incluindo entrevistas estruturadas, semiestruturadas e em profundidade com atores chave do processo (formuladores de políticas, gestores, pesquisadores e demais partes interessadas, como representantes de órgãos reguladores) e análise documental (tanto dos programas operados quanto documentos políticos, literatura cinzenta, literatura oficial e o que pertinente for).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, José Carlos Gomes. Implementação das políticas públicas voltadas para a população em situação de rua: desafios e aprendizados. Brasília. Ipea, 2018. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/sites/images/mestrado/turma2/jose_carlos_gomes_barbosa.pdf. Acessado em 22/12/2024.

BRASIL. Decreto nº 7.053 de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersectorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Brasília. Presidência da República, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Painel Coronavírus. Brasília, 2024. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 15 jul. 2024.

CARDOSO, Janine Miranda. Comunicação e saúde: desafios para fortalecer o SUS, ampliar a participação e o controle social. Coletânea de comunicação e informação em saúde para o exercício do controle social, v.1, p. 45 a 56, Brasília, 2006. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/images/Publica%C3%A7%C3%B5es/2023/Arquivos/coletanea01_miolo.pdf. Acesso em 18 de maio de 2024.

ENIPSSA - a Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas em Situação de Semabrigo. Inquérito de Caracterização das Pessoas em Situação de Sem-Abrigo. Portugal, 2021. Disponível em: <https://www.enipssa.pt/enipssa>. Acesso em 14 de maio de 2024.

Gil A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas; 2002. LOURENÇO, Milene Rocha; MARCHIORI, Marlene. A prática da comunicação de risco nas organizações. FACESI em Revista (UEL). Ano 4 – Volume 4, edição especial, 2012. Disponível em

http://www.uel.br/grupoestudo/gecorp/images/Artigo__A_Comunica%C3%A7%C3%A3o_de_Risco_nas_Organiza%C3%A7%C3%B5es_Facisi__em_Revista.pdf. Acessado em 31/03/2023.

G1. Portugal confirma 2 primeiros casos de Covid-19. 02 de março de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/02/portugal-confirma-2-primeiros-casos-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 10 out. 2023.

MALINVERNI, Cláudia et al. Desinformação e covid-19: desafios contemporâneos na comunicação e saúde. Instituto de Saúde, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). São Paulo, 2023. Disponível em: <https://portolivre.fiocruz.br/node/2382>. Acesso em 15 de maio de 2024.

MDHC. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Plano Ruas Visíveis - Pelo direito ao futuro da população em situação de rua. Brasília, DF: Presidência da República, 2023b. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/ptbr/assuntos/noticias/2023/dezembro/governo-federal-lanca-201cplano-ruas-visiveispelo-direito-ao-futuro-da-populacao-em-situacao-de-rua201d-com-investimento-decerca-de-r-1-bilhao/copy2_of_V3_plano_acoes_populacao_de_rua1.pdf. Acesso em 18/01/2024.

MDS - Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Rua: aprendendo a contar: Pesquisa Nacional da População em Situação de Rua. Brasília, 2009. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Livros/Rua_aprende_a_contar.pdf. Acessado em 10 de junho de 2023.

OLIVEIRA, A. P. C. Acesso Geográfico aos Recursos Humanos em Saúde no Brasil e em Portugal: influência da evidência científica sobre as políticas. 2017. 189f. Tese (Doutorado em Saúde internacional) – Universidade de Lisboa, 2017.

OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Comunicação de riscos em emergências de saúde pública: um guia da OMS para políticas e práticas em comunicação de risco de emergência. a [Communicating risk in public health emergencies: a WHO guideline for emergency risk communication (ERC) policy and practice]. Genebra, 2018. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789241550208>. Acesso em 10 de nov de 2023.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. BRASILIA, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/about/about-theun>. Acesso em 17 de maio de 2024.

OXMAN A.D.; LAVIS J.N.; LEWIN S.; FRETHEIM, A. SUPPORT Tools for evidence-informed health policymaking (STP) 1: what is evidence-informed policymaking? *Heal Res Policy Syst.* V.7, n. 1:1, p. 7, 2009.

PAVONI, Edson, et al. Memorial Inumeráveis. Disponível em: <https://inumeraveis.com.br/>. Acesso em: 08 de jul. 2024.

POSETTI, Julie; BONTCHEVA, Kalina. Desinfodemia: dissecar as respostas à desinformação sobre a COVID-19. Resumo de políticas 2, UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2020. Disponível em:

https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374417_por. Acesso em: 20 de maio de 2024.

RODRIGUES, Kátia Suellen de Oliveira. Direitos humanos fundamentais de pessoas em situação de rua e a inefetividade das políticas públicas no Brasil. Nova Hileia: Revista Eletrônica de Direito Ambiental da Amazônia / Programa de Pós-Graduação em Direito Ambiental da Universidade do Estado do Amazonas. Vol.5, n.1. Manaus, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uea.edu.br/index.php/novahileia/article/view/1695/1029>. Acessado em 02/08/2023.

RORIZ, Maria Livia; OLIVEIRA, Alexandra. “O povo da rua”: saúde, políticas públicas e comunicação. Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, 2023. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/issue/view/112>. Acesso em: 16 de maio de 2024.

SCHIAVO, R. Health communication: from theory to practice. Second edition. 2014.

SICARI, Aline Amaral; ZANELLA, Andrea Vieira. Pessoas em situação de rua no Brasil: Revisão sistemática. Revista Psicologia: Ciência e Profissão, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/zZmF6jcYxpRqGS4b5QMX9sQ/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em 04/03/2023.

STAKE, R. The art of case study research. Thousand OAKS, CA: Sage, p. 49-68, 1995.

VENTURA M. M. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. Rev Socerj, v. 20, n. 5, 2007, p.383-6. Disponível em: http://www.rbconline.org.br/wpcontent/uploads/a2007_v20_n05_art10.pdf. Acesso em: 30 Jun 2019.

UNA-SUS. Ministério da Saúde confirma primeiro caso de coronavírus no Brasil. 27 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca#:~:text=O%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAde%20confirmou,no%20coronav%C3%ADrus%20em%20S%C3%A3o%20Paulo..> Acesso em: 12 out. 2023.

WELLE, Deutsche. Brasileiros sem-teto em Portugal: crise de moradia empurra imigrantes para ruas de Lisboa; veja vídeo. G1. 17 de mar. 2024, ed. Mundo. Acesso em: 15 de maio de 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/03/17/brasileiros-sem-teto-em-portugal-crisede-moradia-empurra-imigrantes-para-ruas-de-lisboa-veja-video.ghtml>.

YIN R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman; 2015

A imagem do Espectro: Uma Revisão da Representação do Autismo no Audiovisual

Adriana da Rosa Santos⁵⁸
Raquel Marques Carriço Ferreira⁵⁹
Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

Este estudo revisa a representação do Transtorno do Espectro Autista (TEA) no audiovisual, com base na análise de 23 produções acadêmicas. A investigação identifica cinco principais categorias de representação: disfuncionalidades psico/emocional, social e física, posse de talentos excepcionais e funcionalidade social. A maioria dos estudos destaca a disfuncionalidade social dos personagens, seguida pela funcionalidade social e pela posse de talentos excepcionais. Apesar do aumento na representação de personagens autistas mais funcionais e inclusivos, a imagem estereotipada das disfuncionalidades ainda prevalece. A revisão enfatiza a necessidade de análises críticas das produções audiovisuais para promover uma representação mais equilibrada sobre o autismo.

PALAVRAS-CHAVE: 1. autismo 2. audiovisual 3. Representação do TEA

INTRODUÇÃO

Este estudo investiga como o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é retratado em diversas produções audiovisuais, evidenciando a importância de uma revisão sistemática da literatura para identificar o estágio atual do conhecimento, lacunas existentes e tendências emergentes neste campo de estudo.

A revisão da literatura foi realizada utilizando descritores específicos como "TEA", "Autismo", "Representação" e "Audiovisual", em plataformas de pesquisa

⁵⁸. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Sergipe, especialização em Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Animação Digital pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera (2024). Graduada em Jornalismo (2014) e Letras - habilitação em português e Francês- (2021) ambas pela UFS. (Curso: Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Sergipe, e-mail: adriana15jor@academico.ufs.br).

⁵⁹ Professora Associada da Universidade Federal de Sergipe, com atuação no departamento de comunicação Social e no Programa de Pós-graduação em Comunicação. Publicitária, mestre pela Universidade Metodista de São Paulo (2003), doutora pela Universidade Nova de Lisboa (2011), pós-doutora pelo CIES ISCTE LISBOA (2017). Curso: Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Sergipe, e-mail: raquelcarrico@academico.ufs.br).

acadêmica, incluindo Google Acadêmico, BDTD, DOAJ, Periódicos Capes e Scielo. A pesquisa inicial identificou um grande número de trabalhos, dos quais 23 foram selecionados para análise detalhada. Os critérios de seleção incluíram a relevância para o tema, a abordagem metodológica e a contribuição para o entendimento da representação do TEA no audiovisual.

Os trabalhos foram classificados em cinco categorias principais de representação, identificadas através da análise de conteúdo dos personagens autistas nas produções audiovisuais: disfuncionalidade psico/emocional, disfuncionalidade social, disfuncionalidade física, posse de talentos excepcionais e funcionalidade social. A análise revelou que a categoria mais recorrente nas produções audiovisuais é a disfuncionalidade social, destacada em 18 trabalhos, seguida pela funcionalidade social, presente em 14 trabalhos. A disfuncionalidade física e a posse de talentos excepcionais aparecem em 11 trabalhos cada, enquanto a disfuncionalidade psico/emocional foi a menos mencionada, aparecendo em sete trabalhos.

A categoria de disfuncionalidade social destaca dificuldades de interação e conexão emocional dos personagens autistas com outras pessoas. Exemplos incluem Sam Gardner de *"Atypical"* e Shaun Murphy de *"The Good Doctor"*, que apresentam desafios significativos em situações sociais e na compreensão de normas sociais tácitas. Em contrapartida, a funcionalidade social aborda personagens que, apesar de suas limitações, conseguem desenvolver habilidades relacionais e se integrar na sociedade. Isso geralmente ocorre após intervenções terapêuticas e apoio familiar, ilustrando uma evolução positiva ao longo das narrativas. Personagens como Shaun Murphy, que se destaca como cirurgião, e Sam Gardner, que enfrenta desafios cotidianos, exemplificam essa categoria.

A disfuncionalidade física aborda a hipersensibilidade sensorial e comportamentos motores repetitivos. Personagens como Sheldon Cooper de *"The Big Bang Theory"* evitam contato físico e mostram desconforto com estímulos sensoriais intensos. A posse de talentos excepcionais é uma categoria amplamente retratada, especialmente em personagens dos anos 90 e 2000. Estes personagens, como Raymond de *"Rain Man"* e Shaun Murphy, são apresentados com habilidades notáveis em áreas específicas, o que pode contribuir para a perpetuação de estereótipos de "gênios autistas".

A disfuncionalidade psico/emocional é a categoria menos frequente, mas ainda significativa. Ela retrata personagens com respostas emocionais intensas e comportamentos descontrolados diante de estresse. Exemplos incluem crises de ansiedade e comportamentos autolesivos em personagens como Sam Gardner.

A revisão da literatura também observou a evolução das representações do TEA ao longo do tempo. Nos anos 60, os personagens autistas eram frequentemente retratados como "idiotas" ou "psicóticos". Nos anos 90, a representação começou a mudar, com personagens sendo apresentados como indivíduos com talentos excepcionais. No entanto, a imagem estereotipada das disfuncionalidades ainda prevalece, embora produções mais recentes estejam tentando mostrar representações mais equilibradas e inclusivas.

O estudo conclui que, apesar de alguns avanços na representação do TEA no audiovisual, a imagem estereotipada das disfuncionalidades ainda domina. Isso evidencia a necessidade contínua de esforços para promover uma representação mais equilibrada e inclusiva, que reconheça tanto os desafios quanto às capacidades das pessoas com TEA. A mídia, ao desempenhar um papel crucial na formação de identidades e na disseminação de informações, tem a responsabilidade de representar o TEA de maneira que promova a compreensão e a inclusão social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(ORG), T. T. D. S; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 7-133.

ANDRADE, M. C. R. O papel das revisões de literatura na produção e síntese do conhecimento científico em Psicologia. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia. v. 14, p. 1 – 5, 2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v14nspe/01.pdf> > Acesso em: 11 jun. 2024.

ACEDO, B. E. I. et al. Representaciones Sociales del Autismo en Audiencias Jóvenes Mexicanas. Revista Cultura y Representaciones Sociales, Universidad de Monterrey, v. 16, n. 32, p. 1-31, abr./2022.

ALVES, Abia Reami; GAMBARO, Daniel. A Jornada pela Identidade e autonomia em Atypical e as representações do Transtorno do Espectro Autista. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v. 17, n. 1, p. 44-61, fev./2023. Disponível em <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/rica/article/view/18140>. Acesso em: 8 ago. 2023.

BALDOINO, Nara Moreira. O Cotidiano de Pessoas com Transtorno Espectro Autista de Alta Funcionalidade: Uma análise da Série Atypical. *Psicologia e Saúde em Debate*, Faculdade de Patos Minas, v. 2, n. 6, p. 338-345, dez./2020.

CAMBRA-BADII, Irene; BAÑOS, Josep-e. Un médico con autismo en la television? Enseñanzas de The Good Doctor.. *Revista Médica de Cinema*, Universidad de Salamarca, v. 4, n. 14, p. 273-283, abr./2018.

CHAMAK, Brigitte. L' autisme à l'écran. *Hal open Science*, Paris, v. 01, n. 01, p. 1-8, ago./2015.

CRUZ, P. S. G. Atypical: Neurodiversidade e Pedagogias da sexualidade. *Revista Diversidade e educação*, Campinas, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 66-92, jan./2021.

ETHUR, Marília Scheeren. A participação do Cinema na Dinamização de Imaginários sobre o Transtorno do Espectro Autista. *Escola de Comunicação, Artes e Design*, Porto Alegre, v. 01, n. 01, p. 12-117, jan./2020.

LACERDA, Lucelmo. Luz, Câmera, Estereótipo!-Ação: A representação do autismo nas séries de TV. *Revista Espaço Acadêmico*, Editora da Universidade Estadual de Maringá, v. 17, n. 193, p. 13-22, jun./2017. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/33887>. Acesso em: 13 ago. 2023.

LIMA, M. K. D. S. A inclusão do autista no mercado de trabalho através da abordagem apresentada pela série norte-americana The Good Doctor. *Práticas Exitosas e Inovadoras em Pesquisa*, Unifsa, v. 16, n. 16, p. 27-37, jan./2018.

MACEDO, J. F. M; COELHO, G. F. B. Identidade, Representatividade e Estereótipo: a representação do Transtorno do Espectro Autista no Seriado Atypical. *Intercom- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação , Virtual*, v. 43, n. 43, p. 1-15, dez./2020.

MARRONE, Giuliana. Mulher consegue vencer autismo com máquina do abraço nos EUA. *Globo Repórter*, 2010. Disponível em: <https://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2010/11/mulher-consegue-vencer-autismo-com-maquina-do-abraco-nos-eua.html>

MOTA, F. A. B. D; SILVA, Heraldo Aparecido. Franqueza, Filosofia e Educação: Estética da Existência e Parahesia a partir do seriado The Good Doctor. *Comunicações*, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 217-231, set./2020. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/view/4591>. Acesso em: 8 ago. 2023.

NETO, Armindo Quillie; MORAIS, M. I. S. D. A história e Identidade Autista através das Câmeras: O olhar do cinema atravessando o espectro (1988 a 2018). *Revista Campo da História, Multidisciplinar*, v. 8, n. 1, p. 40-58, out./2023. Disponível em: <https://ojs.campodahistoria.com.br/ojs/index.php/rcdh/article/view/80>. Acesso em: 8 ago. 2023.

ROTHER, E. T. Revisão Sistemática x Revisão Narrativa. *SciELO*, 2007. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/> >. Acesso em 11 jun. 2024.

ROSA, Alexsandra; ROSA, L. R. L. D. Protagonistas Autistas na Cultura Ficcional. Repositório Institucional, Universidade La Salle La, v. 01, n. 01, p. 1-17, ago./2020. Disponível em: <https://repositorio.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/1996/1/arosa.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2023.

SANTANA, Dhione Oliveira. A Narrativa do Câncer nas telenovelas. Repositório Institucional da UFS, UFS, v. 232, n. 1, p. 1-116, ago./2021.

SCHMIDT, Carlo. Temple Grandin e o Autismo: Uma análise do Filme. Revista Brasil, Universidade Federal de Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 179-194, abr./2012.

SILVA, B. J. M. D; PIEZKOWSKI, T. M. Z. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) e sua narrativa no discurso Cinematográfico. I SEMINÁRIO Nacional de Educação Inclusiva, UNOCHAPECO, v. 1, n. 1, p. 1-7, ago./2021.

SILVA, S. R. D. Ensinar pelas Séries: Atypical e a problemática do Transtorno do Espectro Autista. Revista Caminhos da Educação: Diálogos, culturas e diversidades, Teresina, v. 1, n. 3, p. 95-110, set./2019.

SILVA, R.C.P. Atuante das mídias: o autor como linguagem na comunicação mediada. 2009. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica-PUC -SP, São Paulo. 2007.